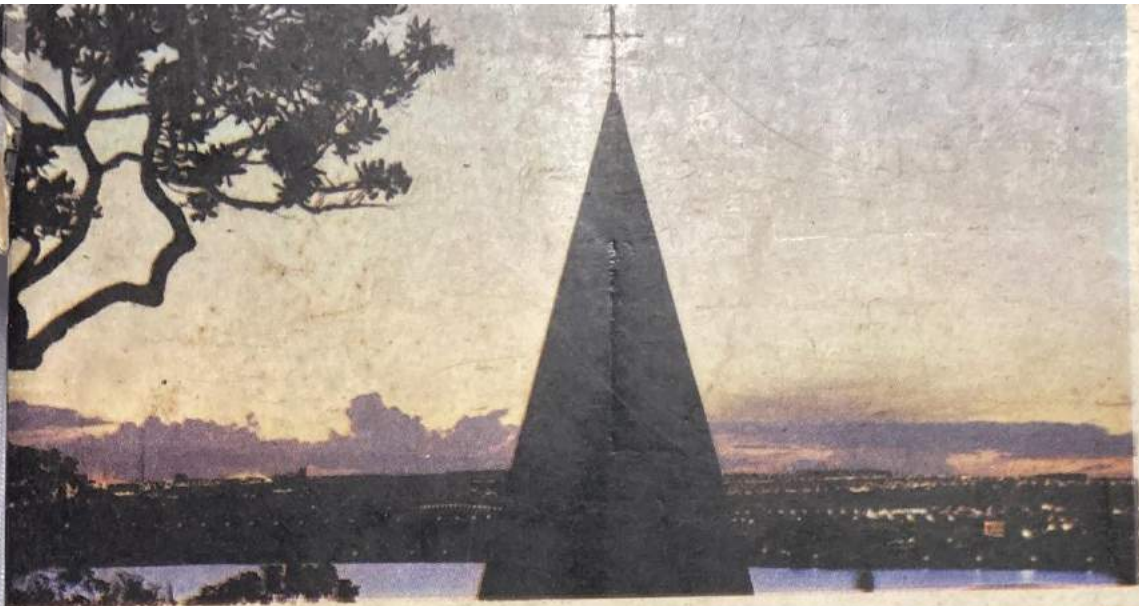




PLINIO

SALGADO

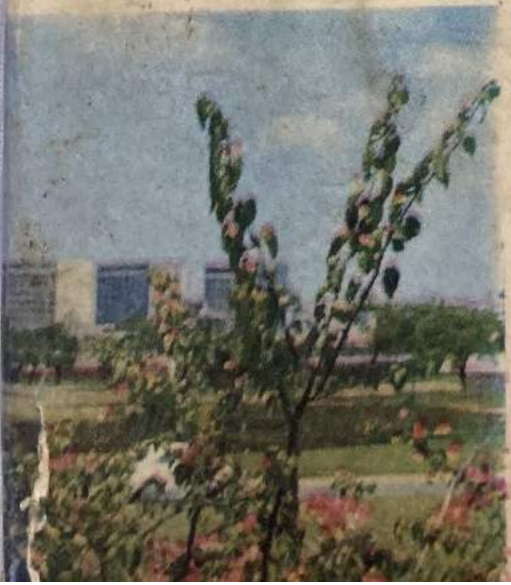
13

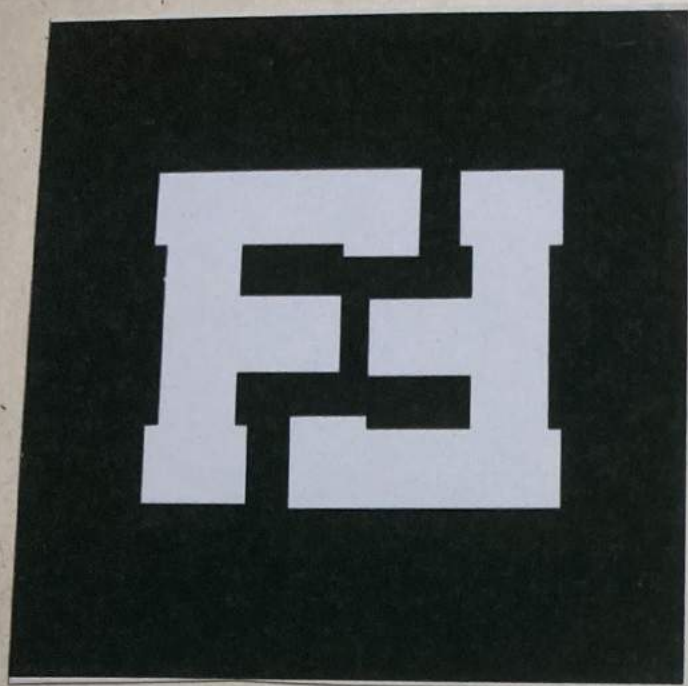
ANOS

EM



BRASÍLIA





Dedico este singelo presente
ao ilustre amigo Humberto.

Que possa compreender através
dessas páginas o resultado da
epopeia dos bandeirantes.

Ronan Mates

Rio Branco, Ace. 13/04/2020

**DIGITALIZADO
PELA**

NACIONALISTA BIBLIOTECA NACIONALISTA

BIBLIOTECA NACIONALISTA

bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

Plinio Salgado

13 ANOS EM BRASÍLIA

OBRAS DE PLÍNIO SALGADO

- 1920 — *Thabor* (poemas) — Ed. do autor.
1921 — *A Boa Nova* (assuntos bíblicos) — Ed. do autor.
1926 — *O Estrangeiro* (romance) — Ed. Helios Ltda.
1927 — *Literatura e Política* — Ed. Helios Ltda.
1927 — *A anta e o curupira* (manifesto modernista) — Ed. do autor.
1928 — *Discurso às estrêlas* (contos e crônicas) — Ed. Helios Ltda.
1929 — *O curupira e o carão* (páginas modernistas) em colaboração com Menotti Del Piccha e Cassiano Ricardo—Ed. Civilização Brasileira.
1931 — *Oriente* (viagem) — Ed. do autor.
1931 — *O esperado* (romance) — Ed. Civilização Brasileira.
1932 — *O cavaleiro de Itararé* (romance) — Ed. Unitas.
1933 — *A voz do Oeste* (romance) — Ed. José Olympio.
1933 — *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia) — Ed. José Olympio.
1934 — *Psicologia da Revolução* (filosofia e política) — Ed. Civilização Brasileira.
1935 — *A quarta humanidade* (temas filosóficos) — Ed. José Olympio.
1935 — *Geografia sentimental* (brasilidade) — Ed. José Olympio.
1936 — *Despertemos a Nação* (política) — Ed. José Olympio.
1936 — *Nosso Brasil* (temas de brasilidade) — Ed. Coelho Branco.
1936 — *O que é o integralismo* (política) — Schmidt Editora.
1936 — *A doutrina do Sigma* (política) — Schmidt Editora.
1937 — *Páginas de combate* (política) — Livraria Antunes.
1937 — *Palavras nova dos tempos novos* (temas literários e políticos) — Ed. José Olympio, 1ª. Ed.
1942 — *Vida de Jesus* — Ed. Panorama.
1943 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso) — Ed. Ultramar (Lisboa).
1944 — *A mulher no século XX* (sociologia) — Ed. Tavares Bastos (Pôrto).
1944 — *O Rei dos Reis* (história e religião) — Editora Pro Domo (Lisboa).
1944 — *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico) — Edições Estudo (Coimbra).
1945 — *Primeiro, Cristo!* (religião) — Ed. Figueirinhas (Pôrto).
1945 — *A tua cruz, Senhor* (religião) — Ed. Ática (Lisboa).
1945 — *A imagem daquela noite* (evocações bíblicas) — Edições Gama (Lisboa).
1946 — *Como nasceram as cidades do Brasil* (história) — Editorial Ática (Lisboa).
1946 — *Pio IX e o seu tempo* (biografias) — Ed. Panorama.
1946 — *Madrugada do espírito* (súmula filosófico-política) — Ed. Ática (Lisboa).
1946 — *O Integralismo perante a Nação* (Política) — E. Ocidente.
1946 — *Espírito da burguesia* (sociologia) — Ed. Clássica Brasileira.

- 1947 — *Mensagem às pedras do deserto* (sociologia) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1948 — *Direitos e Deveres do Homem* (tese nas Conversações Internacionais Católicas de San Sebastian, Espanha). — Ed. Clássica Brasileira.
- 1948 — *O poema da Fortaleza de Santa Cruz* (poesia) — Edição de luxo da Ed. Guanumbi.
- 1948 — *Extremismo e democracia* (política) — Ed. Guanumbi.
- 1949 — *O ritmo da História* (ensaios políticos) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1952 — *Discursos* (seleção) — Ed. Panorama.
- 1953 — *O integralismo na vida brasileira* (política) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1954 — *Atualidades brasileiras* — Ed. das Américas.
- 1954 — *Roteiro e crônica de mil viagens* — Ed. das Américas.
- 1954 — *Críticas e prefácios* — Ed. das Américas.
- 1954 — *Contos e fantasias* — Ed. das Américas.
- 1954 — *Sentimentais* — Ed. das Américas.
- 1955 — *Mensagem ao povo brasileiro* — Ed. do autor.
- 1956 — *Livro Verde da minha Campanha* — Ed. Clássica Brasileira.
- 1957 — *Reconstrução do Homem* (filosofia educacional) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1957 — *Doutrina e tática comunistas* — Ed. Clássica Brasileira.
- 1958 — *Euclides da Cunha, Couto de Magalhães e Gonçalves Dias* — Ed. Clássica Brasileira.
- 1959 — *Palestras com o povo* (programa da Rádio Globo) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1960 — *Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1961 — *Poemas no século tenebroso* (com pseudônimo) — Ed. Clássica Brasileira.
- 1962 — *A crise parlamentar* (cinco discursos) — Edição do autor.
- 1962 — *Como se prepara uma China* — Ed. Clássica Brasileira.
- 1963 — *Imitação de Cristo* (estudo histórico e filosófico sobre a obra de Kempis) — Editorial Verbo (Lisboa).
- 1964 — *Compêndio de Instrução Moral e Cívica* — Ed. FTD.
- 1969 — *História do Brasil* (em 2 volumes) — Editôra FTD.
- 1972 — *Trepandé* (romance) — Editora José Olympio.
- 1973 — *13 anos em Brasília* — Edição Asteca.

Opúsculos editados pelo Congresso Nacional:

- A batalha do Riachuelo* (comemoração do centenário).
- Sol do Oriente, Sol do Ocidente* (relações Brasil-Japão).
- O grito do Ipiranga* — preparação ao Sesquicentenário da Independência.
- A Semana da Arte Moderna* (comemoração do 50º. aniversário).
- Quarenta anos de apostolado* — (rememoração histórica).
- Origens e evolução do parlamento* (Sesquicentenário do Legislativo).

1ª. PARTE

O SONHO DOS BANDEIRANTES

Vou fazer a chamada dos heróis para que venham vêr Brasília. Para verem a consequência gloriosa do que fizeram conquistando o Oeste e a Amazônia e integrando o vastíssimo território na Pátria Brasileira.

Começo a chamar pelos que desbravaram sertões no século XVI: Jorge Dias e Sebastião Tourinho, exploradores do rio São Francisco e do rio Doce; Paulo Afonso, Gabriel Soares, Antônio Dias Adorno, que penetraram nas terras de Bahia e Minas. Passo ao século XVII, com o gigante de "botas de sete-leguas", Raposo Tavares, que andou do Sul ao Norte e do Leste ao Oeste, indo até a Bolívia e voltando pelo rio Madeira ao curso do Amazonas pelo qual atingiu Belém do Pará. Chamo Fernão Dias, o caçador de esmeraldas, com seus companheiros Borba Gato e Garcia Rodrigues, que foram de Paraopeba a Sabará-Baçu. Erguendo mais a voz, invóco Bartolomeu Bueno que em 1622 atingiu o sul de Goiás, indo até o Araguaia, recebendo na Serra Dourada o cognôme de Anhanguera, e seu filho que, após quarenta anos da aventura do pai, andou perdido pelos sertões do Oeste. Como quem sopra a inúbia selvagem, conclamo nos séculos XVII e XVIII, Pedro Teixeira, descobridor do rio Negro; Manuel Preto conquistador do Guairá; Pascoal Moreira Cabral, Manuel Bicudo, Pascoal de Araújo, desbravadores de Mato Grosso e Goiás.

Todos me respondem "presente!" e eu exclamo: "vinde" ver esta cidade, que se ergue com a atitude decisiva de posse das vastas regiões ocidentais. Os homens fazem o que lhes compete num determinado momento da História, mas não podem avaliar as consequências que realizam. Agem, segundo uma consciência atual e movidos por um instinto premunitório. É nesse instinto que vibra o sonho não sonhado mas vivo e real no recesso misterioso do inconsciente. E esse foi o vosso sonho, profecia dos séculos pretéritos, a realizar-se nos séculos vindouros.

Vêde Brasília, erguendo-se imponente nos sertões que perlustrastes. Orgulhai-vos da nossa geração como nós nos orgulhamos de vós. Fostes capazes de idealizar, nós fomos capazes de continuar e, finalmente, de realizar. Como o amplíssimo território que nos legastes, no espaço continental, com unidade de idioma e de sentido político, nós nos integramos, no espaço do tempo, participando do espírito das vossas gerações. Vinde, pois, olhai Brasília na certeza da permanência histórica da Grande Pátria.

A estas palavras, os ossos dos Bandeirantes estremecem nas sepulturas e os seus espíritos iluminam o Brasil e os Brasileiros.

TRANSFERENCIA DA CAPITAL

Corria o ano de 1959. Tudo estava preparado visando, à transferência da capital do País para o Planalto Central, de conformidade com o pensamento dos constituintes de 1823 confirmado pelas expedições científicas realizadas no Imperio e na República.

Era natural o meu entusiasmo. No romance-poema "A Vóz do Oeste", publicado em 1933, puzera eu, diante dos olhos dos Bandeirantes exaustos e a arder em febre, a visão de uma imponente cidade. Era a miragem no deserto dos cerrados. "No sertão silencioso, na quietude da terra, no ar parado, sem vózes, sem rumor, soavam, quase ciciando sobre a areia movediça ou em tenues triturações de pedregulhos e seixos escorregadios, os passos leves, ritmados por arquejos ofegantes; diante deles, no horizonte azul, a miragem".

E o livro diz, no seu último capítulo: "Para o espirito não existe o tempo. A cidade fantastica pode ser a remota imagem das civilizações extintas, como o brilho distante de uma civilização que fulge ainda no seio das auroras vindouras. Pode ser a mentira magnética tecida de caprichos solares, ou a visão das paisagens imponderáveis, que os sentidos não atingem, que a alma em transe adivinha... E os que não viram e não amaram a miragem, os que não sangraram os pés perseguindo-a — esses não cresceram no espaço e no tempo; não vi-

braram nas harmonias eternas; não foram um rumor no perpetuo silencio, nem conheceram o ápice da vida, onde a consciencia se revela em transfigurações supremas..." x

x x

Mais de 20 anos depois de escrita esta página, a visão maravilhosa ia se tornar realidade. Era obra de audácia de um governo, de planejamentos de técnicos, da contribuição de materiais oriundos de variados pontos do País, sobretudo de São Paulo e finalmente do heroísmo dos "candangos", a maior parte "retirantes" da seca do Nordeste.

A inauguração de Brasília estava designada para 21 de abril de 1960. No ano anterior realizara-se a Primeira Missa, no local hoje denominado Cruzeiro. O Congresso, como os outros Poderes, iria transferir-se para o Planalto. Sendo deputado, e, principalmente movido pelo sentimento nacionalista e a idéia da Unidade Nacional, que sempre nortearam minha vida de escritor e de homem público, deliberei fixar definitivamente minha residencia em Brasília. Cumpria, portanto, conhecê-la antes de inaugurada.

Com minha mulher, que tem sido inseparavel companheira nas peripetivas e episódios das atividades apostolares que me impuz, inclusive oito anos de exilio em Portugal, tomei o avião no Rio, rumo a Anápolis, pois a Nova Capital ainda não possuia um campo de pouso. Daquela cidade goiana, fizemos a viagem num taxi, por estrada de terra, porquanto o asfalto só veio depois.

x

x x

Nosso primeiro contato foi com o Núcleo Bandeirante, também chamado Cidade Livre, pelo fato de seus habitantes não pagarem impostos e poder qualquer pessoa construir uma casa de madeira em terrenos gratuitos. Ali se aglomeravam os "candangos" com suas famílias. Numeroso comércio ostentava suas taboetas, trazendo os nomes das cidades de onde procediam os negociantes. Oficinas, mercearias, farmácias, humildes hotéis, restaurantes, bares, atraíam chusmas de fregueses. Pelas ruas e praças improvisadas, o movimento dos veículos e pedestres. Gente em gipes, velhos fords, carroças, charretes, a cavalo, a pé, num tumultuar que lembrava os caravansarás de mercadores e peregrinos das estradas de Méca e Bagdá, ou, mais propriamente, os povoados do Far-West, na penetração americana em busca do ouro da Califórnia.

A menos de 20 quilômetros, construia-se o Plano Piloto. Ali perto, o lago profetizado por São João Bosco em 1883 ia-se enchendo para atingir o nível que lhe fora determinado. De construções de alvenaria, só

estavam prontas o Palácio Alvorada, o Brasília-Palace -Hotel, a ermida de Dom Bosco e alguns edifícios residenciais em via de acabamento. Os prédios dos Ministérios apresentavam apenas os esqueletos de ferro. Na futura Rodoviária, tratores mordiam os barrancos em trabalho de terraplenagem. A poeira levantava-se em rodopios, girando com o vento e formando vermelhos cogumelos a contrastar com o azul puríssimo do céu. Os operários revejavam-se em turmas diurnas e noturnas, porque o ritmo das construções era aceleradíssimo.

x x

Regressando ao Rio, tratamos de preparar a mudança. Fui, com outros deputados, ao escritório da Novacap, na Esplanada do Castelo. Escolhemos os apartamentos que nos convinham e adquirimos mansões suburbanas de dois hectares, ao preço de 500 cruzeiros, mediante prestações de cinco mensais.

Em março de 1960, estávamos instalados em nossa superquadra. Na primeira noite tivemos de jantar num restaurante da Avenida W-3, andando meio quilômetro a chapinhar na lama. O regresso ao apartamento foi debaixo de chuva torrencial.

Como ainda não havia recursos no Plano Piloto, íamos nos primeiros tempos, abastecer-nos no Núcleo Bandeirante. Assim, chegamos ao dia da inauguração da Cidade.

Automóveis de todos os pontos do País acorreram para assistir ao acontecimento histórico. Improvisaram-se barracas nos terrenos baldios, as quais, com suas fogueiras, davam a impressão do acampamento dos mercenários de Cartago descrito por Flaubert. Deixando o carro distante, caminhamos, minha mulher, minha filha e meu genro, sob uma chuva fina, encharcando os pés no chão barrento e saltando poças d'água, até atingir o local onde compacta multidão poderia ver a cerimônia que se realizava no átrio do Palácio do Supremo Tribunal, iluminado por holofotes potentes.

x

x x

A solenidade consistia numa missa pontifical, celebrada pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, chegado na tarde daquele dia, e trazendo a imagem de Nossa Senhora da Esperança, que acompanhava em 1500 a frota de Pedro Álvares Cabral, e a Cruz diante da qual fora celebrada a Primeira Missa no Brasil.

A meia noite, estando junto ao altar o Presidente Juscelino e seu Ministério, o Cardeal Cerejeira ergueu a Hóstia Santa. Troaram salvas de artilharia, a Banda Militar fez ecoar no Planalto o Hino da Pátria. O rádio

trazia os repiques dos sinos das principais catedrais do mundo. E a cidade nasceu com a consciência de suas tradições religiosas e a vinculação do Brasil às origens portuguesas.

Os dois dias seguintes foram de festas, das quais participavam brasileiros de todos os Estados. Entre estas, uma representação alegórica, de magníficos efeitos, rememorando a epopéia das navegações lusitanas, as imprecções do velho do Restelo a amaldiçoá-las, como agora se erguiam as objurgatórias dos inimigos de Brasília. Vinham, depois, a Descoberta do Brasil, a confraternização dos colonizadores com os índios, a fundação das primeiras cidades, as aventuras dos Bandeirantes, a guerra holandesa, a inconfidência mineira, a seguir fatos do Império e da República, finalmente a fundação de Brasília, pelo decidido e corajoso Juscelino Kubitschek de Oliveira.

X
X X

No Rio, numa sessão noturna da Câmara, pronunciei o discurso de despedida evocando as glórias da cidade do Rio de Janeiro, desde o tempo colonial, principalmente após a transferência para ali pelo Conde da Cunha, da capital então na Bahia; a participação dos cariocas no esforço nacional para nossa emancipação política; a coroação de D. João VI e a de Pedro I, fazendo desfilar, na minha oração, os grandes vultos do Império e da República. Ao sentimento de saudade da Cidade Maravilhosa, respondia em mim o da esperança e do entusiasmo pela restauração da política de ocupação do Oeste, realizada pela firme deliberação de Portugal até os confins dos fortes de Coimbra e do Príncipe da Beira. Eram os Bandeirantes que ressurgiam, era o espírito de Alexandre de Gusmão e do Tratado de Madri, que consolidou, em 1750, o recuo do meridiano das Tordezilhas e a posse brasileira de um território continental.

De Brasília iriam irradiar-se, levando o progresso e a civilização, as marchas que sonhei em "A Vóz do Oeste" e que se concretizavam nestes meados do século XX.

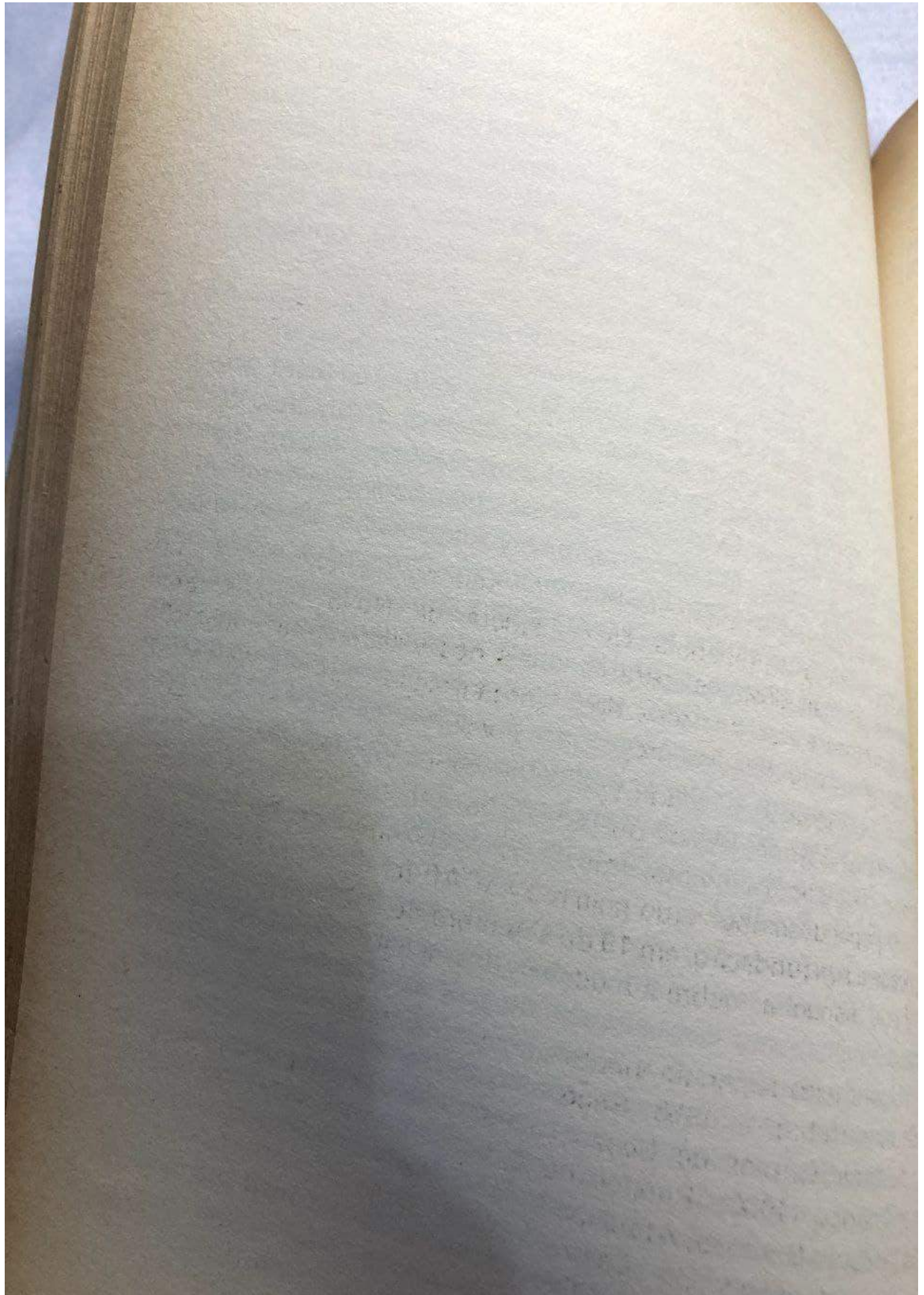
A história contemporânea de nossa Pátria define-se em dois tempos: antes e depois de Brasília. As estradas rompem os sertões do Centro-Oeste, rasgam as selvas na direção do Pará, do Ceará, do Acre, inspiram o grande pensamento da Transamazônica, e da Perimetral, reconquistam as regiões dos rios tributários do Amazonas, fazem brotar povoados e cidades novas, firmam a soberania territorial do Brasil.

x
x x

Estou assistindo, há 13 anos, das alturas destes cerrados, ao desenvolvimento e consolidação da Nova Capital. Tenho sido testemunha do que aqui vem acontecendo na sucessividade das crises políticas do País, nas transformações constitucionais, no perpassar dos governos anteriores e posteriores à revolução de 1964.

Mesmo no período do recesso de dez meses a que foi submetido o Congresso, não me afastei de Brasília. É a cidade propícia aos estudiosos, aos escritores. Estes amplos horizontes, estas planuras onduladas que verdejam desde a primavera até as estiagens de maio a setembro, este céu azul, estes espetáculos coloridos do por-do-sol, estas noites carregadas de estrelas, indicando-nos todas as direções do mapa da Pátria, convidam-nos à meditação, ao convívio com a natureza, a uma vida saudável que principia às cinco da madrugada e se divide entre os trabalhos intelectuais, as funções parlamentares e a pequenas experiências agrícolas.

Versando assuntos variados do Planalto e da Nova Capital, fui escrevendo as páginas que seguem às quais dei o título de "13 anos em Brasília".



ARTE DE CONHECER BRASILIA

Brasil, capital Brasília. População 700.000 habitantes. Grandes avenidas, parques, jardins, um centro comercial, outro industrial, setores hoteleiro, bancário, hospitalar, residencial, escolar. Amplos horizontes rasgados no Planalto, um lago, a espelhar o céu de azul puríssimo e os poentes maravilhosos de coloridos cambiantes. Palácios e edifícios públicos, um dos mais belos aeroportos do mundo. Arquitetura moderna, sem igual em nenhuma cidade do Brasil ou do Exterior. Isto é a Nova Capital.

Para conhecê-la - entretanto, brasileiros e estrangeiros precisam de orientação. Muitos dizem que a conhecem, mas na realidade só a viram superficialmente. Não penetraram no espírito de Brasília, esta cidade edificada em quatro anos e que agora conta 13 de idade. Temos de tomar o turista pela mão e guiá-lo.

Caso o viajante chegue de avião, vale a pena percorrer o edifício do aeroporto, com frontaria refrescada por grandes repuxos, dispondo de dois andares, um para embarque outro para desembarque, lojas, restaurante, amplo terraço de onde se vêem nas pistas os movimentos dos aviões. O automovel conduz ao centro da cidade, por estrada arborizada e ajardinada. Tendo vindo de carro, entrará pela rodovia Belo-Horizonte (se saiu do Rio ou de Minas) ou pela Goiânia-Brasília (se procede de São Paulo ou do Sul). São estradas asfaltadas que, à noite, nas proximidades da Nova Capital, iluminam-se formando rosários de lâmpadas, um bailado de luzes. Viajando de trem, desce na estação local.

A preocupação inicial do turista é a de ver os edifícios governamentais. Deve ir à Praça dos Três Poderes, onde estão os palácios Planalto (sede dos despachos do Presidente da República) e do Supremo Tribunal do lado oposto, os fundos do Palácio do Congresso, com seu pequeno lago, onde navegam cisnes, patos, gansos e marrecos. Nuvens de pombos se espalham sobre o terreno da praça, em torno do pombal.

O viajante segue rumo ao Palácio da Alvorada, que surge no meio de árvores, predominando as palmeiras, com sua arquitetura a ostentar as colunas tão conhecidas em todo o país, pela sua originalidade. Nos primeiros tempos da Nova Capital, era permitida a visita ao interior do palácio, hoje apenas ao primeiro piso, com licença especial.

Alí perto, está o Brasília Palace Hotel, à beira do lago, emoldurado por delicado jardim. O brasileiro em férias prossegue, indo à Concha Acústica, tipo de antigo teatro grego ao ar livre, com capacidade para milhares de espectadores. O carro vai rodando para a Esplanda dos Ministérios, onde se alinham os edifícios dos dois lados de amplíssima avenida em cujo centro se estende o gramado e se erguem árvores ornamentais.

X
X X

É conveniente agora subir à torre. A setenta metros de altura, os olhos deslumbrados abrangem vasto panorama. O desenho dos jardins circunjacentes e da avenida que vai ter ao Palácio do Congresso apresenta o colorido dos ipês e cássias amarelas, o rôxo das quaresmeiras, o róseo das sucupiras, o vermelho vivo das espadóleas e dos "flamboyants". Ao Sul, os bairros residenciais, com seus prédios de seis andares: mais próximos, os arranha-céus do Banco do Brasil, do Banco Regional, dos Hotéis Nacional, Alvorada, das Nações, da Torre, o Eron, os edifícios da zona comercial. A Leste, alvejam a Ermida de D. Bosco, brilham as águas do lago cortado por lanchas e bótes, espalha-se o casario da península - sul. A Oeste, a praça do Burití, onde se ergue uma dessas palmáceas, evocando a página poética de Arinos e os palácios do Governador e do Tribunal, alongando-se o panorama que abrange a Cidade Industrial, os bairros do Cruzeiro e do Gavião, o Epia (cemitério da cidade). Ao Norte, é a outra aza de Brasília, com superquadras residenciais, a Cidade Universitária. E, a emoldurar tudo, o círculo azul do horizonte e o céu que ocupa dois terços do panorama, pelo que Brasília é também chamada "Cidade Céu".

O visitante desce da torre, passa pelos grandes hotéis, dotados de salões para exposições de arte, recepções, conferências, congressos e

concertos. E vai à Catedral. É o templo mais original de todo o Brasil, construído em forma de uma coroa entre cujas colunas curvas resplandecem os cristais. O interior (nave, batistério e demais dependências) obedece ao critério estilístico do conjunto.

X
X X

Para o primeiro dia em Brasília, é suficiente o que foi visto, podendo o turista descansar ou divertir-se no teatro Martins Pena, no Cultura, num dos cinemas ou boates. Na manhã seguinte, irá ao Catetinho. É patrimônio histórico.

No meio de altas árvores, em que se destacam jatobás, está o rancho de madeira, com dois pisos. Sobe-se ao andar superior por uma escadinha de pau, atingindo a pequena sacada para a qual se abrem as portas da sala onde despachava o presidente Juscelino Kubitschek, com seus auxiliares imediatos. No mesmo piso, o quarto onde dormia o fundador de Brasília e o de Israel, o construtor. Pelas paredes, fotografias da época e placas alusivas aos principais atos presidenciais, assim como outras lembranças.

A habitação inicial de Israel era um rancho coberto de palhas. Ali, com uma dezena de "camaradas" principiou sua tarefa. A comida vinha de Luziânia, em gipes pelos caminhos "de cabritos", pois não se sonhava com a existência de estradas. Quando o Presidente deliberou vir em pessoa supervisionar os trabalhos iniciais, o Catetinho foi construído em uma semana.

De Brasília nada havia. Pelos campos, corriam veados, lobos do Planalto de pernas compridas, dormitavam tamanduás, vagueavam raposas e coelhos selvagens, serpeavam urutús, jararacas e cascavéis. No fundo das grotas, choravam inhambús. Em altos vôos, passavam galhas, periquitos, anuns. Erravam pelos descampados perdizes e codornas. À noite, eram os olhos luminosos dos urutáus, misturando seus lamentos ao côro dos grilos e a braza de suas pupilas às centelhas dos vagalumes. Isto era Brasília, há 13 anos.

Estando no Catetinho, o visitante não deixará de apreciar o límpido regato e a mina d'água que se escondem na pequena mata.

Regressando ao Plano Piloto (centro da Cidade), é interessante ir primeiro ao Núcleo Bandeirante (Cidade Livre). Ali se aglomeraram, durante a construção da Capital, brasileiros de todas as origens. As casas eram de madeira, as ruas esburacadas e, no tempo das águas, lamacentas. Ninguém pagava impostos e os terrenos eram gratuitos para

qualquer construção. Afluíam mulheres para atender os pioneiros. O comércio não tinha regras de preços. Todo mundo fazia o que bem entendia. Por isso, um poeta escreveu:

"Na Cidade Livre toda gente é livre. O comércio é livre na Cidade Livre, o amor é livre na Cidade Livre. Quem for à Cidade Livre vá de tudo livre porque tudo é livre na Cidade Livre".

Aquele "far-west" está atualmente sendo urbanizado, já possui prédios de alvenaria e liga-se em todas as direções por estradas de asfalto. Depois de visitar o mercado e a feira, duas atrações do Núcleo Bandeirante, o nosso turista poderá ir, sempre em estrada de asfalto, à cidade satélite de Taguatinga.

É assombroso o crescimento de Taguatinga: comércio, pequenas indústrias, estabelecimentos de ensino, uma população escolar de mais de quarenta mil alunos. Conta já com 150 mil habitantes.

x
x x

Para o segundo dia, basta. Vejamos o que se faz no terceiro dia. Pela manhã, vai-se à Península Sul. Ali ficam as casas dos ministros, que são belos palacetes, as dos diplomatas, dos altos funcionários, dos comerciantes ricos. Vivendas poéticas, chácaras aprazíveis, apreciável comércio, centros de diversões. Para abreviar a distância entre a península e o centro, já foram iniciadas as obras de uma ponte sobre um braço do lago.

Voltando desse passeio, naturalmente vai-se tratar do almoço, que pode ser num dos restaurantes típicos: baianos, italianos, sírios, chineses, portugueses, capichabas, mineiros, ou churrascarias gauchas.

No período da tarde, vai-se ao Congresso. Primeiro, à Câmara. Não havendo sessão no momento, é permitida a entrada no Plenário e se houver, será este visto das galerias. Acompanhado, de preferência, por um parlamentar, o turista será levado através de longos corredores, às salas das Comissões, das quais as mais amplas são a da Justiça, das Relações Exteriores e do Orçamento. Verá, em uma por uma, como trabalham seus representantes, nas de Finanças, Agricultura, Redação, Transportes, Segurança Nacional, Tecnologia, Minas e Energia, Legislação Social, Fiscalização Financeira, Saúde, Educação. Passará ao anexo nº 3, onde estão os gabinetes pessoais dos deputados. Volverá os passos e irá à Biblioteca, vendo suas instalações de leitura, consultas, gabinetes

de estudos. Voltando pelo extenso corredor, vai sair na sala do café e cabines telefônicas. Encontrará ali o espetáculo deslumbrante dos 50 colíbris esvoaçando sobre arbustos e vedados por parede de vidro. Passará a outro corredor, onde se abrem as portas das presidências e secretarias da Arena e do MDB e das salas da Presidência da Câmara. No mesmo piso, os gabinetes das vice-presidências da Casa e, no inferior, as diversas secretarias, a taquigrafia, a imprensa. Passando pouco adiante, pelas agências bancárias, segue em direção ao anexo 1, edifícios gêmeos (Senado e Câmara) de 26 andares nos quais estão instalados paralelamente todos os serviços burocráticos das duas Casas do Congresso.

É o instante de visitar o Senado, na ala norte do edifício do Congresso. O plenário é mais luxuoso do que o da Câmara. Por detrás, abre-se uma espécie de tunel, largo e amplo, que vai ter aos gabinetes dos senadores, artisticamente decorados.

X
X X

Passamos ao quarto dia de estada em Brasília. Uma vista ao interior de um dos ministérios dará idéia de todos. Destacam-se, por obedecerem arquitetura diversa os da Justiça e do Exterior. No primeiro cumpre ver a biblioteca e os amplos salões. O segundo (Itamaraty, chamado também Palácio dos Arcos), tem dias e horas para visitar o seu interior. Este Palácio é dos mais belos, nada existindo semelhante, nem no Brasil, nem em outros países. Depois do amplo saguão, sobe-se ao andar superior, decorado com estátuas de gosto moderno, mobílias antigas provenientes de vários Estados (entre as quais uma cômoda do século XVIII que precisou se derrubasse uma parede da casa em que se achava, para ser transportada); retratos a óleo de grandes diplomatas, inclusive de Alexandre de Gusmão, todos da época: mapas históricos; salão para banquetes; um tapete de vastas proporções, presente da rainha Vitória da Inglaterra; porcelanas chinesas e francesas.

A tarde desse dia pode ser dedicada ao teatro de Brasília: o auditório para peças teatrais, conferências, concertos, outro maior para óperas e orquestras sinfônicas. O final da tarde será para visitas aos clubes (Congresso, Iate, Cota Mil).

O quinto dia será para ver algumas mansões suburbanas, e os seus jardins, hortas e pomares, algumas com belas construções, como a do Embaixador dos Estados Unidos. Esse passeio dará ao excursionista a prova de que o solo de Brasília não é mau, como dizem os adversários da Nova Capital.

Haverá tempo ainda para visitar pelo menos uma ou duas cidades satélites (Sobradinho, Gama, Planaltina, Guará) e admirar Ceilândia, recentíssima, criada pelo governador Hélio Prates da Silveira, com a colaboração de sua esposa, D. Vera, para a erradicação das favelas e "invasões" hoje extintas.

No sexto dia, o brasileiro que já está conhecendo Brasília, deve visitar as igrejas católicas (Santuário de Fátima, São João Bosco, Santo Antônio e a Igrejinha de Fátima, que é a mais antiga); as protestantes, algumas de excelentes construções e estilo, e a budista.

Merecem ser conhecidas as obras sociais da Nova Capital: Casa do Ceará, Ação Social do Planalto, Pequeno Polegar, Casa do Candango, Medalha Milagrosa, assim como o Hospital Distrital, com abalísado corpo médico.

Não esquecerá, no final da excursão, de adquirir, em casas especializadas, lembranças de Brasília, inclusive os magníficos arranjos com flores do Planalto, que se conservam por tempo indefinido. Esses originalíssimos artigos reveladores da flora dos "cerrados" são também vendidos na praça da Catedral.

Tudo isto visto, observado e sentido, regresse o excursionista à sua terra, converse com seus amigos, contando o que foi a sua viagem, exalte - para orgulho dos brasileiros - a beleza e a grandeza de quanto resultou da decisão de um governo, da inteligência, idealismo e técnica de nossas elites e do trabalho obscuro e glorioso dos "candangos", que acorreram ao chamado da Pátria para construir, em curto prazo, esta oitava maravilha do mundo moderno.

TRÊS MOTIVOS A FAVOR DE BRASÍLIA

A fundação de Brasília e a mudança imediata da Capital Brasileira para o centro do país obedeceu a imperativos do momento nacional e internacional em que vivemos.

Além de persistirem os motivos tão eloquentemente expostos por Velloso de Oliveira, em 1810, por José Bonifácio, em 1823, por Thomaz Delfino, em 1891 — todos baseados na necessidade de afastar o Governo Central do bulício e das paixões das massas populares que se acumulam nas cidades de elevado índice populacional — outros surgiram, como razões do nosso tempo.

1 — Ocupação do território a Oeste — O mapa do Brasil nos apresenta, entre os paralelos 6 a 16 e os meridianos 46 a 74, abrangendo grande parte dos Estados de Goiás, Mato Grosso, Pará, Amazonas e Territórios do Acre e do Guaporé, imensos espaços vazios. Nos tempos coloniais, a arguta inteligência dos estadistas portugueses percebeu claramente o perigo que representava o inaproveitamento de tão vastas áreas e a necessidade política da sua ocupação. Como documentos de pedra, a revelar o cuidado dos fundadores de nossa Pátria, no sentido de firmar a posse do nosso território, lá se encontram os Fortes Príncipe da Beira, e de Coimbra, erguidos com os maiores sacrifícios, numa época de transportes precários. Nem se pode interpretar segundo objetivos diferentes a fundação das cidades de Mato Grosso e Goiás no curso das entradas bandeirantes nos territórios de Oeste.

Naquele tempo, o competidor era apenas a Espanha, ficando finalmente nossos direitos assegurados pelo Tratado de Madrid, que se fundamentou exclusivamente no critério da ocupação. No entanto, hoje, estamos ameaçados por uma ordem internacional que poderá, de um momento para outro, arrebatá-nos grande parte do patrimônio territorial que possuímos sem uso.

Em 1935, o Primeiro Ministro Francês, Paul Reynaud, propôs às grandes potências européias a criação de um Estado nas regiões não ocupadas pelo Brasil, o qual deveria abrigar os excessos populacionais do mundo. Temos ainda na memória a fotografia estampada pela "Illustration Française", onde se via o Chefe do Governo da França apontar com uma régua, na carta geográfica do Brasil, as regiões do Oeste.

Essa idéia não vingou, em consequência dos desentendimentos que já preludiavam o conflito de 1939, mas nesse período uma nova teoria política desenvolveu-se logrando larga audiência: a teoria nazista do "espaço vital". As competições entre os países superpovoados e aqueles que ainda acusavam menores coeficientes demográficos, foram naturalmente encaminhando o raciocínio dos sociólogos, dos estadistas, dos estudiosos da geo-política, para a consideração dos espaços vazios dos diversos continentes.

Ora, terminada a Segunda Grande Guerra, quando se fundou a Organização das Nações Unidas, verificou-se em pleno século XX a repetição do que ocorria no tempo dos romanos: os vencedores adotaram as idéias dos vencidos. A proposta do Barão Marshall Von Birbeitein, no ano de 1907, em Haia, tão fragorosamente derrotada pelo nosso patrício Rui Barbosa, isto é a da prepoderância das Grandes Potências na solução dos problemas internacionais, reaparecera com o Nazismo e tornava-se triunfante em São Francisco da Califórnia, consagrando-se a liderança (e podemos dizer: o governo) dos chamados Quatro Grandes, hoje reduzidos, praticamente, a Dois Grandes. A interferência das Nações Unidas, ou melhor, das Grandes Nações na vida dos Povos ampliou-se ilimitadamente. E não só quanto ao conceito teórico da interferência, mas principalmente objetivando interesses práticos, como temos visto na Ásia, na Europa e na África.

Por conseguinte, se os Grandes entenderem de desrespeitar os legítimos direitos de qualquer Nação sobre seu território, bastar-lhes-á um bom pretexto e nenhum Povo poderá reagir.

A população mundial orça atualmente em dois bilhões e meio de habitantes, desenvolvendo-se num ritmo de crescimento que atingirá brevemente três bilhões. Os movimentos emigratórios evidenciam a inquietação e angústia dos países superpovoados. Quem nos dirá que amanhã — hoje mesmo — a idéia de Paul Reynaud ressurgirá?

Se já foi criado o Estado de Israel, nas condições como o sabemos, o que impede que, em nome de interesses superiores da Humanidade se crie um Estado nos territórios não ocupados pelo Brasil, para abrigar os excessos populacionais?

Evidente que o Brasil está de braços abertos para receber as sobras das populações do mundo, sem preconceitos de raças nem de religião. Mas queremos receber essas massas emigratórias sob nossa Bandeira e Soberania.

A fundação de Brasília e a transferência da Capital da República será um passo decisivo para a ocupação dos territórios de Oeste.

X
X X

II — Defesa nacional na Guerra atômica - A guerra, depois do aparecimento da bomba atômica, transformou inteiramente os critérios de Defesa Nacional. Em igualdade de poder ofensivo, a superioridade está com o adversário que dispuser de maiores possibilidades defensivas.

A concentração industrial e populacional, como se operou no transcurso do século XIX e na primeira metade deste, em cidades que se hipertrofiaram, foi um erro dos governos que não podiam prever o caráter das guerras futuras. A Inglaterra e os Estados Unidos já dificilmente poderão corrigir esse erro. Bombas atômicas em Londres, Nova Iorque, Chicago, Detroit, constituirão verdadeiras catástrofes. A Rússia, que se achava atrasada do ponto de vista industrial até à última Grande Guerra, pode evitar essa situação de inferioridade defensiva. A União Soviética, tendo obtido todos os favores dos Estados Unidos para se transformar em grande potência militar, política e industrial, iniciou o seu desenvolvimento depois do uso da bomba atômica em Yeroshima e Nagazaki. Previu o que poderia acontecer em breve futuro e tratou de descentralizar suas indústrias e espalhar suas populações.

O Brasil está nascendo para a vida industrial. Encontra-se na transição de país sub-desenvolvido, semi-colonial, para a fase de seu potencial econômico. Acha-se, pois, em melhores condições do que a Inglaterra e os Estados Unidos, para evitar os erros cometidos por aqueles países,

numa época em que não se previa a guerra nuclear. Os dois países teriam de corrigir tais erros, o que lhes seria difícil, mas o Brasil pode evitá-los.

A mudança da Capital vai determinar um deslocamento de interesses para o centro do Brasil, logicamente, a criação de novos núcleos populacionais, dessanguando as metrópoles hipertrofiadas do Rio, de São Paulo e outras.

Será o começo da descentralização, tão necessária do ponto de vista estratégico na era da bomba atômica.

x
x x

III — Recomposição do equilíbrio econômico — Além desses objetivos imediatos, temos a considerar outros de caráter mediato. Esses estão expostos em conferência do Dr. Israel Pinheiro, em 1957. Refere-se ele ao erro fundamental da nossa política financeira e de alcance imediato, quando deveria ser ao contrário preponderantemente econômica. "Para enfrentar nossas crises, temos lançado mão apenas de instrumentos monetários, através de medidas que impõem restrições generalizadas, ou promovem valorizações artificiais, em lugar de uma rigorosa política de seleção e produtividade". E acrescenta o ilustre financista: "Graças a essa política é que o Brasil se encontra hoje numa situação das mais singulares, dividido como está, em zonas limitadas de franca inflação ao lado de vasta zona de depressão".

Esse desequilíbrio financeiro é patente aos olhos de quantos conhecem o nosso vasto interior. As grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, e as outras que as circundam, ou que se encontram na orla do litoral, absorvem todo o dinheiro do país, enquanto vastíssimas regiões se acham à mingua de indispensáveis recursos ao seu desenvolvimento.

A mudança da Capital para Brasília está influenciando no sentido de corrigir esse desequilíbrio, incrementando a economia de grandes zonas do nosso vasto interior.

O brado de alarme dado por Euclides da Cunha em "Os Sertões", mostrando o contraste entre a civilização do litoral e o completo abandono do homem brasileiro além da faixa privilegiada, amplia-se hoje com uma ressonância jamais atingida, em face das consequências que se fazem sentir nos próprios centros de índices populacionais elevados. É a queda da produção motivada pela falta de dinheiro e de crédito, pela insuficiência de transportes, pela ausência de assistência técnica, de aparelhagem agrícola moderna, pelo abandono do homem rural. O encarecimento do custo de vida nas metrópoles hipertrofiadas liga-se

diretamente a esse desequilíbrio orgânico da Nacionalidade.

Assim, a mudança da Capital representa o começo de uma descentralização dos recursos indispensáveis ao nosso interior, o primeiro passo para atingirmos um equilíbrio econômico, sem o qual o Brasil não poderá sobreviver.

x
x x

Estes são os três motivos pelos quais Brasília se impõe ao entusiasmo de todos os nossos patrícios. O governo do sr. Juscelino Kubitschek, quando nada tivesse realizado, bastaria Brasília para consagrá-lo na História Política e Administrativa do País. E se tivermos em vista a audaciosa rapidez com que foi criada a nova Capital e a firmeza com que tem enfrentado os argumentos dos que raciocinam sem visionar largos panoramas nacionais e internacionais, do presente e do futuro, mas adstringindo-se à paisagem reduzida de problemas de segunda ordem, então podemos considerar Brasília como uma autêntica revolução da mentalidade nacional.

EXPERIENCIA NOS "CERRADOS"

Neste pedaço de chão, de apenas cem por duzentos metros, que a Novacap vendeu a parlamentares e funcionários estou travando intimidade com a flora do Planalto, estimando suas árvores nativas e valorizando o tão caluniado solo destas partes do Brasil.

Não se ama o que não se conhece; e agora conheço o "cerrado" bom e amável, sem o orgulho das florestas litorâneas, mas tão rico em variedades vegetais que supera segundo as observações dos botânicos, a própria Amazonia em número de espécies.

Com "roupa de briga", sapatões de pisar cascaveis, chapéus de palha, convenientemente "candangos", o deputado Zanello e eu (pois somos confrontantes) percorremos os nossos domínios. Não chega a ser um "sítio", porém é mais do que a terminologia da Novacap designada pelo nome de "mansão". Minha mulher costumava chamar aquilo "nosso quintal", mas diante dos protestos de Zanello, costuma agora dizer "nosso território".

Que fazer com a pequena área a vinte quilômetros do centro de Brasília? Naturalmente, uma experiência, que afinal nos está levando a uma revisão do conceito de minifundio. Esse problema da conceituação

de latifúndios e minifúndios tinha-nos preocupado nos meses em que estudávamos uma reforma agrária racional, realista, baseada no fator econômico do qual devem decorrer as consequências sociais e não ao reverso como pretende a demagogia no seu afã de socializar a miséria.

É minifúndio a área reduzida cuja produtividade não dá para o sustento de uma família. Ora, essa produtividade depende da natureza das culturas da sua intensidade e dos preços alcançados no mercado.

X
X X

Nossa experiência principiou após a fixação de nossa residência em Brasília. Mandando derrubar as árvores sem valor e conservando as mais representativas do "cerrado", Zanello plantou laranjeiras, limoeiros, mangueiras abacateiros que já estão uma beleza. Experimentou a horticultura e facilmente se alastraram as aboboras, as melancias, os pepinos, os chuchus. Pelos girais sobem os maracujás. E esta terra é a que dizem que não prestava? Mais uma vez nos convencemos de que o problema agrário no Brasil está no homem, na sua capacidade de iniciativa, nos seus conhecimentos técnicos, na sua dedicação.

X
X X

Em 1963 resolvi fazer a mesma coisa. Era mister preliminarmente, examinar as árvores e marcar com tinta branca as que não deviam ser derrubadas.

Que maravilhosa manhã passei em companhia do professor Ezequias Heringer, agrônomo competentíssimo e especialista neste assunto fascinante que é a flora do Planalto!

— Por favor me pinte que eu quero ficar.

Quem me fala? É uma sucupira no seu vestido verde estampado com a florada lilás.

— Tenho outras companheiras aqui perto, diz-me balouçando-se levemente ao sopro da aragem num ritmo de dança delicada.

Realmente encontrei cinco exemplares belíssimos.

Mas logo dou com um senhor que me chama a atenção para a delicadeza de sua cabeleira verde-claro desfraldada no cimo do tronco e dos galhos retorcidos. É o jacarandá, de alta linhagem. Tem aqui alguns

irmãos de variados desenhos, um deles originalíssimo pelo seu comportamento indisciplinado. Serão todos poupados aos golpes do machado.

— Que árvore é esta? pergunto ao dr. Heringer.

Com expressão de entusiasmo, explica-me:

— É uma papoula-brasiliense. Deve ser conservada.

Apanho um ramo de grandes folhas aveludadas, primor de ornamentação. E logo encontramos uma, duas, finalmente vinte mangabeiras, carregadíssimas, uma delas vergando os galhos ao peso dos frutos que em fevereiro estarão excelentes.

Com um canivete, o meu cicerone fere o tronco de uma delas. Escorre um leite branco. É borracha concorrente da seringueira. Algumas oferecem sinais evidentes de que houve há alguns anos exploração do latex da zona. Foi durante a última guerra para fins industriais.

Agora são os pequis que nos pedem a graça de uma marca branca para serem conservados. Contei vinte e três todos exuberantemente carregados. O pequi é pródigo: dá geléia, xarope para refrescos, vinho, molhos para arroz, e galinha, compotas deliciosas. Veio outra árvore frutífera.

— Esquisita esta fruta.

— O pêssago do cerrado. Merece ficar.

Detemo-nos a apreciar um pequeno bosque de palmeirinhas com os leques verdes brandamente acariciados pela brisa. E, ali perto, um ipê me fala:

— Não é somente a sucupira que ostenta um vestido rico. Veja que me visto todo de ouro. Meus irmãos ali estão, orgulhosos também dos seus trajes, alguns róxos, outros amarelos.

— Está bem, ipê, não tocarei em vocês.

— Faço questão (disse eu ao dr. Heringer) de conservar uma árvore que me está interessando pela goma que verte em abundância. O que será?

Levei-o ao local.

— Isto é um morototó, exclamou o mestre. Essa goma deve ser de escritório.

— Mas se for, há neste Planalto uma riqueza imensa a explorar, pois viajando de carro até Paracatu vi morototós durante mais de três horas e em grande quantidade.

— Como esta existem muitas espécies ainda não estudadas do ponto-de-vista da utilização industrial e fins comerciais. Quer ver?

Levou-me a um canto perto da cerca e disse-me:

— Não deixe roçar aqueles arbustos, pretendo voltar aqui para estudá-los e depois direi por que.

Isto falando, apanhou um punhado de planta para levar consigo.

Contou-me depois que se tratava da "hortia brasiliense", que contém princípios ativos anestésicos e um indicado para moléstias cardíacas. Dos Estados Unidos lhe pediam sementes. Como esta, o pequeno sítio possui outras plantas medicinais: o estramonio, o quebra-pedra, o sabugueiro, o picão.

Paramos diante de uma árvore de grosso tronco evidenciando, pelos vestígios lhe haverem tirado porções de casca.

— É a chamada pseudoquina. O nome científico é *Strichnos pseudoquina*, sendo uma das variedades espalhadas em toda a América do Sul. Poderoso amargo, usado nas dispepcias e contra o impaludismo. Por isso é que tiraram um pouco da sua casca. Deve conservá-la.

Vimos em seguida algumas árvores um tanto exóticas e fui informado de que se trata de perobas do cerrado. Foram poupadas, assim como dois cipós caboclos pela originalidade com que se apresentam.

Mas, que recordações da infância me traz agora este jatobá. Ele me olha, esperando a sentença, que pende do pincel com tinta branca. Absolvido meu amigo. Fica aqui para conversarmos coisas antigas.

De repente, o dr. Heringer exclama com entusiasmo:

— Veja, veja! Forte, majestoso, que surgiu e cresceu neste solo do cerrado. É madeira nobre. Não o corte.

E a mancha branca do pincel condecorou sua majestade o vinhatico.

As canelas-de-ema estavam temerosas. Iriam ser sacrificadas? Garantia-lhes que não. Eram irmãs das palmeirinhas. Nem precisava marcar; bastava uma ordem geral.

x
x x

E agora? Agora é derrubar todas as outras, ficando estas, que já representam um pomar misto de parque decorativo espontaneamente ofertados pela natureza. Depois, a calagem da terra. Sobre a cal o trabalho dos tratores. Em seguida, abrir as covas, enchê-las de adubo concentrado, esperar as chuvas de outubro. E plantar.

Os limoeiros, laranjeiras, limeiras, mamoeiros, pessegueiros, figueiras, abacateiros e mangueiras virão confraternizar com seus patrícios bárbaros. As videiras e maracujás subirão pelas cercas laterais. As

abóboras, pepinos, melancias rastejarão pelo chão. Os chuchus travessuras subindo como uma garotada nos troncos, nos jirapins, roseiras cantarão o ano inteiro à entrada do sítio, as éclogas e bucos de Vergílio, celebrando o convívio das árvores caipiras com as elegâncias da civilização.

Mas, desde já, como que escuto os hinos triunfais das sucupiras, ipês, jacarandás, mangabeiras e pequis, em coro e os solos eloquentes do vinhático e do morototó lamentando o destino da plebe vegetal, celebrando a vitória dos cernes vigorosos, das flores e das frutas que salvaram pela beleza e pela bondade.

CONVERSANDO COM AS ARVORES

Atribuem a Joaquim Murtinho, ministro de Campos Sales e medico de grande fama no Rio de Janeiro, a frase com que justificava a sua dedicação aos cães, que recolhia das ruas e para os quais construira uma casa no seu quintal: "Quanto mais convivo com os homens, mais admiro e prezo os cachorros".

Ainda que, tal como Clovis Bevilaqua, seja eu grande amigo dos cães e gatos, que vivem em perfeita paz domestica na pequena chacara que tenho em suburbio de Brasília, outros companheiros possuo com os quais converso nas solitarias meditações a que me entrego para me esquecer do tempo tão perverso em que vivemos. São as arvores.

Acompanho a variação dos seus aspectos no transcurso do ano, desde que cessam as chuvas até quando estas voltam, nos fins de setembro. Orientado por insigne especialista em flora dos cerrados, poupei, ao desbravar o terreno, as arvores nativas mais valiosas desta região do Planalto Central. Isto feito, limpei a pequena gleba de dois hectares, deixando espaço para a confraternização que tinha em mente e que consistia em trazer para o cerrado as especies civilizadas e outras desenvolvidas nos diversos climas do Brasil.

X
X X

Naturalmente, as árvores nativas estranharam a entrada de suas irmãs naquela experiência de imigração vegetal que me propus. Mas as minhas observações sobre o Planalto me levavam a conclusões que verifiquei perfeitamente corretas. Em 1950, se não me engano, estiveram nesta região os meus amigos Raimundo Padilha, espírito dedicado aos problemas nacionais, e Wicar Teixeira, cuja competência como agrônomo e estudioso dos assuntos brasileiros sempre mereceram de minha parte o maior apreço; e eles me informaram que no Planalto se poderiam cultivar, com êxito, frutas européias. Isto me ficou na cabeça, até minha mudança para a capital nova, em 1960.

Ora, na minha cidade natal, São Bento do Sapucaí, engastada na Serra da Mantiqueira, a cerca de mil metros de altitude, há uma fazenda experimental onde se preparam mudas para todo o País, de macieiras, pereiras, pessegueiros, figueiras, oliveiras. Estando Brasília a 1.200 metros sobre o nível do mar, as informações de Padilha e de Wicar, dez anos antes, deveriam ser tomadas em consideração para a minha experiência.

E assim o fiz.

Pedi desculpas às árvores nativas por lhes trazer companheiras, para elas tão estranhas, mas plantei as imigrantes.

X
X X

Havia um problema: a preparação do terreno. As terras do Planalto são as mais antigas do mundo; emergiram ao mesmo tempo em que se sublevaram as da cordilheira dos Andes, tanto que, segundo me ensina o dr. Heringer, muitas espécies botânicas destes altiplanos foram trazidas pelo vento, daquela cadeia de montanhas erguidas como anteparo às investidas do oceano Pacífico; mas estas terras do Planalto nunca foram cultivadas. Estiveram à mercê dos índios goiases, useiros em incendiar matas, ao ponto de se criar a lenda do Boitatá, ignea serpente que pune os que deitam fogo inutilmente nos capoeirões. O solo desta região é ácido e a primeira providência que me competia era alcalinizá-lo. Isto feito, preparei os adubos necessários e plantei as árvores da minha terra natal. Ao mesmo tempo, consegui mudas de ornamentais, para formar um bosque civilizado: cassias, cedros, sibiperunas, variedades de ipês, alecrim de Campinas, arueiras. Pessoalmente desenhei e executei as obras de um pequeno jardim, para onde vieram flores que os cerrados

desconheciam: roseiras, craveiros, azaleias, salvias, zinias, ibiscos, margaridas, lírios, miosotis, sempre-vivas, agapantos, cravinas. E, a dar a nota nordestina, piteiras e agaves.

Não me esqueci do café. Quando João Goulart andou pela Ásia, trouxe sementes especiais que plantou na granja do Torto. Avisaram-me que as mudas estavam no ponto de transplante mas inteiramente abandonadas. Consegui por intermédio do meu amigo Saldanha, funcionário governamental, que me cedessem uma centena de tais mudas. Em dois anos e meio, já colho regular quantidade de café. Para imprimir caráter tipicamente brasileiro à pequena chácara, formei a ala das bananeiras, entre as quais povoei o terreno com a nacionalíssima mandioca. Marcando a divisa das bananas, alinha-se a fileira dos abacateiros.

X
X X

A confraternização das árvores nativas e imigradas é igual a de meus cães, gatos e papagaios; deram-se bem. E eu converso com elas.

— Como vão, senhores jambeiros, aí perto das romanzeiras e pitangueiras?

— Muito bem e cada vez mais bonitos.

— Que tal, senhoras macieiras? Irão carregar-se como no ano passado? E vocês, donas pereiras, que me dizem? E vocês, marmeleiros, já se preparam para o começo do ano?

— Estamos todas muito contentes, nesta terra de Brasília e saberemos produzir agora mais do que no ano anterior.

A essa altura os senhores pessegueiros mostraram-me as suas floradas. Estranho. Estão se antecipando.

— O senhor sabe que quase todas as árvores dão duas vezes por ano no Planalto... Veja ali as senhoras jaboticabeiras. Já deram em abril e estão agora carregadas de flores, anunciando o que farão em outubro...

Realmente a fileira das jaboticabas está florida.

Aqui há uma árvore que as nativas estranham muito. Pergunto-lhe:

— Não acha esquisito você viver aqui?

— Tudo é Brasil, meu amigo. Sou a erva mate, vim do Sul, trazer a mensagem dos gaúchos, do seu chimarrão. Mas não vim sozinha; veja aquele brasileiro, que cresce devagar...

É um pinheiro do Paraná. Isolado. O dr. Heringer aconselhou-me a arranjar-lhe mais companheiros para a polinização. Com sementes vindas

de Campos do Jordão, preparei um canteiro de mudas e agora crescem novas araucárias, a integrar-se no conjunto vegetal de Brasília.

Uma voz me admoesta:

— O senhor só está conversando com esses “gringos”; veja como já estou carregada de frutos. Sou uma das treze mangabeiras do seu pomar.

— Obrigado, dona mangabeira.

— E nós? Estamos floridas e temos uma história.

São as dez amoreiras. Realmente a biografia e a genealogia delas merece relato. A mãe morava no quintal de minha filha, em São Paulo. Meu genro mandou cortar uns galhos que atrapalhavam a entrada da garagem. Peguei nos galhos, trouxe-os para Brasília, enterrei-os no chão. Agora são dez belíssimas árvores. Arranjaram três vizinhas que parecem falar idioma diferente. Uma delas está se tornando gigante. São as senhoras jaqueiras trazendo-me a saudação da Bahia e me dizem:

— Vão ver a altura a que chegaremos!

Mas este pomar é o mapa do Brasil. Ouvindo a jaqueira falar da terra baiana, grita à distancia um emigrado do Acre:

— Respeitem-me, que eu sou a seringueira. Aqui no Sul costumam dar esse nome ao “ficus” italiano, que nada tem de parentesco comigo. Eu sou a verdadeira árvore da borracha, embora as mangabeiras tenham a pretensão de também produzir o latex. Não estranhei a mudança. Estou bonita.

Dois saptizeiros falam-me de Pernambuco, de onde vieram. De Portugal viajaram para aqui os castanheiros, que estão próximos das atas ou frutas do conde e da lixia, com que me presenteou Rondon Pacheco que também cultivava um sitio vizinho ao meu.

Mas um coro se eleva:

— Somos donas desta terra. Somos goianas autênticas. Venha falar conosco. Estamos verdes já em setembro, antes das chuvas, porque grande é a nossa resistência. Nossos galhos já se empendoam de flores amarelas. Aqui o senhor tem 23 pequizeiros, 23 bandeiras do Brasil.

— E nós (dizem-me as sucupiras, que também floriram antes das primeiras clarinadas da primavera), que diz dos “bouquets” lilazes que dependuramos em nossos galhos?

— Vocês estão mesmo lindas!

— Pobre de mim! geme um jatobá, tombado no chão.

— Como te aconteceu isso?

— Um furacão vendo que eu era a árvore mais alta, derrubou-me,

arrancando-me as raízes. Mas a vida que havia em mim era forte. Brotei das galhadas e das raízes. Estou deitado, mas verdejante e de mim nasceram três filhos que me vingarão, tornando-se jatobás de alto porte.

X
X X

Atravessando o batalhão dos citrus (mexeriqueiras, laranjas-peras, baianas, seletas, limas e limoeiros) entro na residência das goiabeiras. Converso com elas. Mas há muitas que nasceram e cresceram em lugares diferentes, sem ninguém plantar.

— Quem te plantou?

— O vento. O vento é bom plantador. Traz as sementes nas asas. Passa cantando e plantando. Eu sou filha do vento.

— E nós também, dizem os maracujás.

Os maracujás são muitos atrevidos, Trepam por toda parte. Queixou-se deles um jacarandá.

— Jacarandá, que posso fazer contra um pessoal tão irreverente? Esses tais maracujas também são filhos do vento. São gente sem educação. O que querem é trepar. Tenha paciência. A mesma queixa me fazem os mamoeiros, que vieram da zona araraquarense (Monte Alto) e se inclinam com seus pesadíssimos frutos.

A essa altura, quando eu agradecia aos caquizeiros que me deram caquis excelentes no ano passado e se preparam para dar mais, e enquanto eu contemplava as oliveiras, que me falavam de páginas evangelicas de milênios e me diziam que vieram também de São Bento do Sapucaí, enxertadas em lingusto, eis que um bando de gralhas enche o céu com seus mantos azuis e peitinhos brancos. São minhas sócias, no aproveitamento das frutas, como os periquitos e papagaios na época do milho. Acho justo; é o salário com que se pagam da beleza que me trazem.

X
X X

Converso com as árvores. Muito melhor do que com os homens. Falam-me a barba timão, a corticeira, a quina, o sabugueiro, a curriola, o bacupari, o tamanqueiro, e, voejando sobre toda a sociedade vegetal, os colibris, os ticos-ticos, os picapaus, os anuns, as borboletas e as libelulas. Pergunto à minha cachorrinha "Gioia":

— Que acha de tudo isso?

— É o paraíso, responde-me sacudindo a cauda.

As galinhas cacarejam no galinheiro. Os papagaios fazem discursos. Os gatos esfregam-se nas minhas pernas. E eu penso, diante das misérias dos homens, das confusões políticas, da tristeza que invade o coração de todos os que sentem as amarguras da Pátria, e do mundo que a melhor solução para quem tem alma e sentimento é a de Cincinato o grande romano, que de tudo fugiu na sua pequena herdade onde convivia com a natureza.

CÃES, GATOS E PAPAGAIOS

Nos primeiros tempos de Brasília era raro ver-se um animal doméstico: nem cavalos, nem burros, nem bois, nem cabritos ou carneiros. Já havia alguns cães, mas nenhum gato. Talvez, pela ausência deste felino, era enorme a quantidade de ratos, que vinham dos cerrados à procura dos banquetes que o lixo lhes proporcionava. Em sua perseguição, as cobras, sendo frequente o serpejar de urutús, cascavéis e jararacas.

O estridor das máquinas no trabalho das construções afugentava os passaros que buscavam guarida nos bósques distantes. Não se ouvia o canto de um galo, o cacarejar de galinhas, a não ser nos povoados longe do centro. Agora, os pássaros voltaram: canários, pica-paus, rolinhas, anuns, gralhas, sabiás e, por último bem-te-vis.

A proporção que a cidade ia se estabilizando, vieram habitar Brasília os nossos "companheiros de planeta", como os chamava Eduardo Prado. Na Cidade Livre já havia cavalos fazendo carrêto para as chácaras e mansões, em vagarosas carroças e alguns desgarrados passeavam pelas estradas. Logo vieram os cães, de raça fina e "vira-latas", aqueles tomando parte em exposições e concursos promovidos pelo Kennel Clube de que era animador o meu amigo Silvio Brechenfeld, veterinário e zoólogo de raro valor.

No meu sítio chegou a ocasião de confraternizar o reino vegetal com o animal.

A primeira criatura canina a dar entrada ali foi uma cachorrinha que encontramos num bar em João Pinheiro, apanhando as migalhas dos viajantes que tomavam à hora matinal o café com pão de queijo. Minha mulher perguntou ao caixeiro:

- Esta cachorrinha tem dono?
- Não senhora, ela aparece sempre aqui, mas não se sabe de onde vem.

Foi-lhe por nós dado um nome: "Gióia", que em italiano significa alegria.

- Gióia, quer ir conosco?

Sacudiu a cauda e olhou-nos com uma expressão humana. Aceitava o convite. Puzemo-la no carro. Ela vinha olhando, muito curiosa, o desenrolar das paisagens. Parecia perguntar "para onde irei? qual será o meu destino?"

Chegando ao nosso sítio, onde ficaria morando o resto da vida, Gióia farejou os arredores, inspecionando, tomando conhecimento.

X
X X

Meus fronteiros à direita e esquerda eram Zanello e Abel Rafael, que possuíam cachorros, sendo os de Abel, caçador apaixonado, perigueiros de boa raça. A Gióia fez amizade com eles, que lhe deram informações. Dia a dia, entretanto, a senhora Gióia ia se surpreendendo com novos habitantes que lhe vinham fazer companhia. Os primeiros foram os gatos Nego e Xereta, aquele pardo de peito branco e este amarelo, cor de ouro. Acompanhavam-me por toda a parte.

Espantou-se muito dona Gióia, quando chegaram algumas galinhas de Angola, chamadas "cocá" em Goiás. Gritavam, sem cessar, "tô--fraco", apesar do milho que comiam. Em seguida, dezenas de galinhas cabôclas e um galo muito vaidoso, com seus corococós e os cantos anunciando a madrugada.

O que mais espantou a senhora Gióia foram uns senhores, vestidos de branco, de andar solene, que se atiraram na água do tanque, nadando magestosamente.

- São patos, senhora Gióia, inofensivos apesar de vaidosos.

Certa tarde, vieram para o território da Gióia três cidadãos discursadores como deputados. Eram "Seu Mestre", de grande eloquência, e os dois "paturébas", que chegavam de Patos de Minas. Desde o primeiro dia, começaram a algazarra, aprendendo depressa os nomes dos empregados, dos vizinhos e de Gióia, que chamavam em altos gritos.

Dona Gióia, passando da infância à juventude, tornou-se romântica e namoradeira. De tais amores, resultaram filhos, um dos quais, pelo porte imponente e correrias violentas, dei o nome de Tufão. Em outra ninhada, nasceu o Gavroche, belo cão de pelo sedoso cor de ouro velho. A Gióia era paqueira, mas seus meninos mestiços de "seter". Veio também uma senhorita, a Benvinda, que vive hoje em Taquaritinga, naturalizando-se paulista.

X
X X

Uma gata passeadeira, trouxe-nos duas crianças lindas, naturalmente filhas do meu gato Nego, que andava em excursões de miados líricos, pelas noites de luar. Dei os nomes de Chaninha e Chanóca às duas meninas. A essa altura, uma senhora felina trouxe-me um filho, que ela todos os dias vinha amamentar, desaparecendo em seguida. Ficou chamando Romão; era um angorá preto (coisa rara), tão consciente de sua estirpe nobre, que não comia junto aos outros: andava separado e só se dignava descer do alto do armário da cosinha para sentar-se no meu côlo.

Chaninha e Chanóca principiaram a produzir gatinhos. Dentro em pouco, tinha eu uma pequena população de gatos e cachorros. Eram todos amigos. As refeições, os papagaios sempre soltos pelas copas das árvores, vinham confraternizar com cães e gatos, oferecendo o espetáculo de uma paz, de uma harmonia dignas de exemplo para o gênero humano.

X
X X

A senhora Gióia, por direito de antiguidade e pela extraordinária inteligência que a distinguia, era a proprietária, a dona do sítio, como tal respeitada por caninos, felinos, trepadores, galináceos e palmípedes. Ela passou, entretanto, por grandes desgostos, pois seus filhos Tufão e Gavroche desapareceram, ou furtados ou atropelados por automóvel. Esse dissabor foi também grande para mim, que tive a acrescentar a enfermidade do meu gato Xerêta o qual, apesar do tratamento do Dr. Silvio, teve uma recaída e pereceu atacado de um vírus comum no cerrado e do qual não escapam os felinos, principalmente as jaguatiricas e as onças. E nem bem estava eu lamentando a morte do Xereta, quando desaparece o Nego, meu companheiro nas lidas das plantações.

Consolei-me com o Romão, mas voltando de uma viagem, tive notícia de que o haviam roubado. E, como se não bastasse, o papagaio "Seu Mestre" acompanhou um bando de seus semelhantes selvagens,

que passaram a grande altura. Entretanto, por simples casualidade, descobri onde estavam os três. "Seu Mestre" numa casa na Cidade Livre, mas sendo amado por uma menina pobre, não reclamei. O "Gavroche" morava numa das vivendas de alto funcionário do Governo, sendo bem tratado, pelo que o julguei mais feliz do que no meu sítio pobre. Quanto ao Romão, contou-me o proprietário de uma mansão vizinha que meu empregado lhe havia presenteado: compreendi mas calei-me, pois o que me interessava era que meu gato tivesse uma vida venturosa.

Dona Gióia foi assistindo a tudo isso e naturalmente filosofando sobre as incertezas da vida. Continuou requestada pelos cachorros da vizinhança nos períodos propícios ao amor. Produziu numerosas ninhadas de cachorrinhos, que fui distribuindo entre amigos, para não aumentar a população. Cada vez que algum saía, ela acompanhava até o carro, uivando lamentosamente, mas se conformava em seguida, quando eu lhe dizia:

— Goia, seu filho vai ser feliz, mas aqui não podemos chegar a uma centena de cachorros.

— Compreendo, respondia, mas sou mãe e o senhor me perdoará.

x
x x

Quem lida com nossos irmãos irracionais (e será que são totalmente irracionais? passa por frequentes desgostos. Meus dois papagaios restantes morreram de peste, ao mesmo tempo que varios patos e galinhas. Os cocás (galinhas da Angola) fugiram para os cerrados. O meu cachorro Barão felizmente gosa saúde, depois de uma paralisia ocasionada por virus, salvando-se pela ação clínica do Dr. Sílvio Brechenfeld.

Resultados práticos: nem sombras de ratos na minha mansão. No começo, para fugir dos gatos, fizeram tuneis até o paiol de milho, mas a Gióia, paqueira competente, farejou e descobriu o caminho subterrâneo dos roedores. Trabalhou exgotando-se de cansaço, mas atingiu a ninhada, da qual os gatos deram conta. Também desapareceram as cobras, pois estas alimentando-se de ratos, foram pregar noutra freguesia, nas mansões e sítios onde não há gatos.

x
x x

Presentemente, tenho os seguintes felinos, com os nomes de Minelique, Mut, Jeff, Chaninha, Chanóca, Malhado, Pintado, Léro, Pampa, Joaquim e João. A Gióia preside a assembléia de cães e gatos. Já está há dez anos, como senhora absoluta do sítio. Pensando na possibilidade de sairmos de Brasília, minha mulher diz à Gióia:

— Para onde o teu dono vai nos levar? Você tem um olhar humano, manifesta-se com tamanho carinho, é uma pessoa da nossa família, Para onde formos Você irá cachorrinha querida.

Com os olhos humidos e uma tristeza imensa, Gióia nos pede:

— Não saiam daqui. Vamos passar o resto de nossa vida entre estas arvores, estas flores, esta horta de que vocês cuidam, acompanhados por mim, que vejo tudo e tudo compreendo. Vocês me trouxeram da pobreza em que eu vivia, para este paraíso. Estou envelhecendo e Vocês também. É a lei da vida. Fiquemos aqui.

Penso na sabedoria da Gióia. Meus amigos mais sinceros são os cães e os gatos, que têm sido muitos no curso de minha vida e aos quais dedico a amizade que lhes devotavam. Richelieu, Maomé, Aurora Dupin (Georges Sand), Madame de Sevigné, Alexandre Dumas. Eles gostam das sombras das árvores, que também são minhas amigas e com as quais converso. Talvez a senhora Gióia tenha razões mais profundas do que podemos supor. Ouvindo um sabiá, que entoava suas endeiças, exclamo:

— Eh Gióia! Você não podia adivinhar, quando a trouxemos de João Pinheiro, tudo o que lhe iria acontecer. Fomos os deuses deliberando sobre o seu destino. Esperemos, Você e Nós, que um Deus maior, Deus de todos os seres, racionais e irracionais, decida o que pretende fazer de nossas vidas. E de uma coisa fique certa: Você há de ser sempre nossa companheira.

s
u
c
la
c
se

ne
ou

em

ÁGUAS EMENDADAS

Em mapas do século XVII, onde os contornos do nosso continente já se aproximam dos que nos apresentam as cartografias atuais, aparece um lago, localizado no centro do Brasil, de cujas águas fluem pequenos rios em direção ao Norte e ao Sul, integrando-se, respectivamente, nas bacias do Amazonas e do Prata. Algumas dessas cartas geográficas, tal como a de L'Isle e Lotter, reproduzida no século XVIII, mencionam apenas o lago e um rio dele derivando rumo ao Sul.

Esse lago existe, não com as dimensões apresentadas pelos cartografos antigos, mas limitando-se a quatro quilômetros de comprimento e oito centos metros de largura. A ele se refere o relatório da Missão Cruls, incumbida em 1892 de demarcar a área do futuro Distrito Federal, de conformidade com o disposto na Constituição Republicana no ano anterior. Seu nome é Lagoa Mestre d'Armas. Como símbolo da unidade nacional, liga as bacias hidrográficas Tocantins-Amazonas e Paraná-Rio do Prata. Emolduram-no as verdes cabeleiras de multidões de buritis.

O médico Antonio Pimentel, que foi meu professor de geografia, sendo integrante da expedição Cruls, descreve os aspectos da região: "campinas ligeiramente acidentadas, de dilatadas dimensões em todos os rumos, abundantes de água potável, farta vegetação, rios piscosos e terreno uberrino".

Mudada a capital para Brasília, despertaram a atenção de estudiosos a Lagoa Mestre d'Armas e as características fisiográficas, paisagísticas, botânicas e zoológicas das terras que a circundam. O professor Ezequias Heringer, infatigável pesquisador da flora do Planalto, sugeriu a idéia de se criar ali a "Reserva Biológica das Aguas Emendadas". Em 1967, o secretário da Agricultura do DF. sr. Júlio Quirino Costa, determinou as providências necessárias à concretização do projeto. Uma comissão, sob a presidência de Heringer e constituída pelos naturalistas Fernando Borges, Edgard Strang, Onety Soares, Pereira de Souza e Cecil Polland, realizou os trabalhos de pesquisas e estudos.

Strang, relator daquele grupo de cientistas, oferece-nos dados os quais nos autorizam a incluir a área examinada nas amplas superfícies do "cerrado", que abrangem um milhão e meio de quilômetros quadrados do território brasileiro. Sua descrição dá sucinta idéia do trecho por ele percorrido com seus companheiros: "De cada lado" (das Aguas Emendadas) "o terreno se eleva suavemente e é coberto por vegetação do "cerrado". No restante da área, encontram-se ainda alguns capões de mata, baixios inundáveis na estação chuvosa, correios, a Lagoa Mestre d'Armas, ou Bonita, com sua vegetação hidrofita, uma floresta de maiores proporções recobrando as encostas do profundo vale conhecido como de Covanca. O aspecto pujante dessa mata, segundo o professor Velloso, deve-se ao fato de se achar ela sobre o calcário da série Bambuí (siluriano), graças ao profundo entalhe aberto pelo rio Maranhão sobre a formação pré-cambriana de Brasília".

No seu parecer, o professor Strang faz menção a dois flagelos que martirizam a natureza nas vastas extensões dos "cerrados": o fogo e os caçadores. O primeiro destrói barbaramente a vegetação, o segundo extingue a fauna típica do planalto. Realmente, os que moramos nestas paragens de Goiás, assistimos, a partir dos fins de julho e prolongando-se por todo o mês de agosto e parte de setembro, ao espetáculo das queimadas, sem ao menos a desculpa de que tal crime contra a natureza seja praticado para o aproveitamento do terreno visando a fins de agricultura.

X
X X

É acentuar-se a estiagem naquele período do ano, quando o sol e o vento ressecam as gramíneas dando-lhes o tom de amarelo-palha, e eis que o sertanejo bate a pedra do isqueiro e, dando início ao fogo numa

touceira, caminha este, como serpente, pela macega a inflamar-se crepitante de estalidos. O fogo se propaga às árvores, erguendo pendões de fumaça e ferindo com suas igneas espadas os galhos indefesos.

Caindo a noite, os horizontes se tingem de longas faixas sanguíneas, que iluminam a vastidão do cerrado,. Sacrificam-se no pavoroso excídio os pequis, as mangabeiras, as sucupiras, os jacarandás, os paus de tucanos, os morototós as lobeiras e mais habitantes vegetais do Planalto. Na manhã seguinte, o espetáculo da destruição: troncos e galhos carbonizados pontilhando de negro as lombadas e as encostas das colinas: e a branca mortalha das cinzas vestindo a paisagem lugubre.

O costume vem de séculos. As tribos que campeavam nos altiplanos goianos tinham já o hábito de incendiar as matas. Em contraposição, a mitologia tupi criou o fantasma Boitatá (cobra de fogo) levantando-se das ossadas das angatubas (cemitérios) e riscando o espaço em vôo rasteiro, à procura dos que deitam fogo ao mato sem necessidade, para os castigar.

O outro flagelo de que falamos atrás são os caçadores. Se as queimadas destroem as espécies vegetais, estes dizimam e levam à extinção a fauna do Planalto. O relato dos naturalistas que percorreram a região das Águas Emendadas informa: "Dois pontos impressionaram profundamente os membros da Comissão: 1º) a ausência total (note-se bem: total) de qualquer representante da fauna e 2º) a rede de estradas a cruzarem a pretendida área destinada à Reserva Biológica. Esta segunda constatação deve referir-se, não propriamente a estradas, mas a caminhos, que facilitam a entrada de caçadores. Aliás, todo o cerrado em outras áreas, revela, pela fuga da fauna planaltina, ou sua extinção, a passagem dos seus destruidores.

Quiz acudir a tempo o dr. Heringer, criando a Reserva Biológica de Águas Emendadas. O dr Strang, no seu parecer, enumera as espécies vegetais de maior evidência na área de Águas Emendadas entre as quais a sucupira branca e a roxa, a orelha-de-negro, o tamboril, a esponja-vermelha, o pau de tucano e numerosas outras, cujos nomes são enunciados segundo a designação científica, o que não cabe numa divulgação popular.

Relativamente à fauna, diz o dr. Strang "Apesar de seriamente perseguida, pela caça ilegal e desordenada, a fauna regional, originalmente rica, tem possibilidade de ser recuperada em prazo relativamente curto, caso um sistema de proteção eficiente seja instituído. Entre os mamíferos mais importantes, citam-se os seguintes: capivara, tamanduá-

bandeira, tamanduá-colete, tatu canastra, tatu-peba, veado campeiro, veado catigueiro, lobo guará, jaguatirica, macaco-prego, irara. A anta, possivelmente extinta, já era rara quando por lá transitou a Missão Cruls". Da mesma forma as onças, possivelmente ali se encontravam apenas de passagem pela região. Referindo-se às aves, o dr. Strang destaca o urubu-rei, a ema, o pato-selvagem, a garça branca: e, quanto aos sáurios, menciona o teú e o jacaretinga.

x
x x

A Comissão, de que temos falado, declara: 1º) A preservação de áreas florísticas é indispensável à saúde humana em qualquer país; 2º) Ela manterá o equilíbrio climato-edafo-biótico ao lado dos grandes aglomerados humanos; 3º) Constituir-se-á em laboratório vivo para universitários e cientistas de qualquer nacionalidade, no presente e no futuro; 4º) No caso, preservaria um marco histórico, que é a Lagoa Mestre d'Armas e o acidente geográfico, raro no mundo, de Águas Emendadas; 5º) Será o primeiro Museu vivo do cerrado, plantado na região "core", ao lado da formosa Cidade da Esperança"

De fato, a distância entre Águas Emendadas e Brasília é apenas de 38 quilômetros, o que facilitará a visita de cientistas, de estudiosos e de turistas. A comissão chegou às seguintes conclusões: "1º) — A área não deve conter estradas de livre trânsito no seu interior, como medida técnica de segurança; 2º) — Não deve ser inferior a dez mil hectares; 3º) — Na área devem-se incluir a Lagoa do Mestre d'Armas e a região das Águas Emendadas; 4º) — O polígono ideal solicitado é o constante do "croquis anexo".

Por decreto de 12 de agosto de 1971, o prefeito de Brasília, sr. Wadjo Gomide, criou a Reserva Biológica de Águas Emendadas. No dia 25 de setembro foi inaugurado o marco comemorativo de tão importante decisão.

De agora em diante, podemos nutrir a esperança de que não se realizará a previsão pessimista, mas realista, de Von Ihering, quando escreveu, sobre o tatú canastra dizendo: "Vive no Brasil, mas já vai se tornando raro e será um dos primeiros animais que desaparecerão da lista da nossa fauna"; ou sobre o tamanduá-bandeira: "Não tardará o dia em que apenas nos Jardins Zoológicos se poderá admirar esse tipo curioso, genuinamente representante da fauna autoctone da América do Sul". O dr. Heringer cita, concordando com Von Ihering, animais cuja sobrevivência está a reclamar proteção, tais como a capivara, a jaó, o

mutum, a ema, o tucano, a arara, a siriema. Da ema, reproduz as palavras do zoólogo referido, quando lamenta: "Esta grande ave dos campos já é uma raridade no sertão". A medida que as inconscientes espingardas penetram Goiás a dentro, tais aves desaparecem.

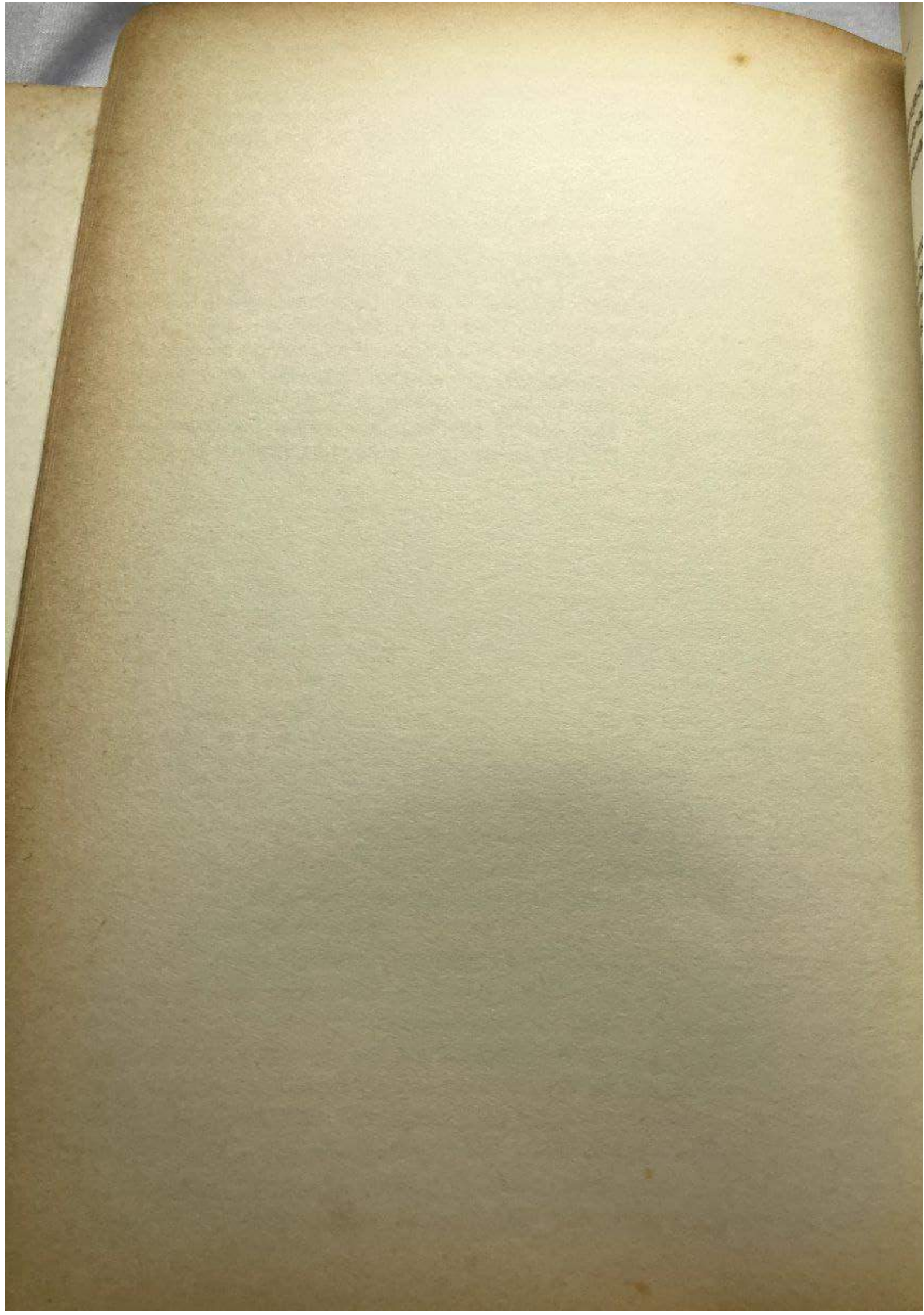
X
X X

A Reserva Biológica de Águas Emendadas representa um reatamento da linha científica de D. João VI, fundador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e incrementador das pesquisas de cientistas eminentes. Desde o governo daquele grande rei, nunca mais tivemos sistematizado estudo da natureza em nossa Pátria senão por estrangeiros aos quais tanto devemos, como Von Martius, Agassiz, Gardiner, Pohl, Saint'Hilaire, Hoehne, Kuhlmann, Lund, Humboldt, não se falando em Guilherme Piso no século XVII, e alguns brasileiros como Barbosa Rodrigues, Batista Caetano, Couto de Magalhães, Oto Machado, Rondon, nos campos da geologia, da botânica, da zoologia, da antropologia, da etnografia, da geografia, devendo-se também mencionar Teodoro Sampaio, Euclides da Cunha, Homem de Melo, e outros que agiram por conta própria, sem uma sistemática amparada e estimulada pelos nossos governos.

Atualmente, o Brasil só possui uma Reserva Biológica em Sooretama, Estado do Espírito Santo, do Ministério da Agricultura, outra no Estado de São Paulo, propriedade do governo estadual, e 17 parques nacionais. São, no dizer do dr. Strang, cabeças de alfinete num território de mais de oito milhões de quilômetros quadrados.

A Reserva Biológica de Águas Emendadas é o começo de uma grande obra a estender-se por todas as regiões do país. Deve-se ela ao esforço, à pertinácia, ao patriotismo ao saber científico do professor Ezequias Heringer, à compreensão de Júlio Quirino da Costa, secretário da Agricultura de Brasília e à clarividente decisão de Wadjô Gomide, quando prefeito da nova capital.

É preciso agora que, em todos os Estados, se faça o mesmo, a exemplo dos Estados Unidos e do Japão, onde há reservas desse genero em número de dezenas. Urge, principalmente no Amazonas, em cujas praias das grandes caudais estão sendo exterminadas as tartarugas. Tais iniciativas e esforços devem ser imediatos, antes que seja tarde.



VIAGEM DE TREM A BRASILIA

As 8:20 de uma manhã de agosto, minha mulher e eu estávamos na estação da luz, em São Paulo, embarcando para Campinas, onde iríamos baldear, tomando o trem da Companhia Mogiana denominado "Bandeirante", destinado a Brasília. Na cidade de Carlos Gomes e Campos Sales, esperamos meia hora para que a composição do "Bandeirante" encostasse à plataforma, tempo que poderia ser reduzido se o comboio já estivesse aprestado na ocasião da baldeação.

Dado o sinal da partida, acomodamo-nos em confortáveis poltronas, apreciando, pelas janelas, as lavouras paulistas: usinas de cana-de-açúcar, terras preparadas em curvas de nível para as plantações do fim do ano. Passamos pelo Rio Pardo, afluente do Rio Grande, atingimos Ribeirão Preto. Hora do almoço. O vagão-restaurante, asseado e distinto, servido por garçons atenciosos, ofereceu-nos excelente comida tipicamente nacional.

X

X X

Começou a declinar o dia. As cidades que viamos eram Orlandia, São Joaquim da Barra (onde morava um dos meus amigos mais queridos, o médico Ribeiro Fortes), Ituverava, Igarapava, e eis que, à boca da noite, atravessamos o Rio Grande, divisa de São Paulo e Minas. Este rio

traz águas do distante Sapucaí, da minha terra natal. Mais um trecho da viagem estavam em Uberaba, grande centro do Triângulo Mineiro, com o qual se rivaliza Uberlândia, a antiga Uberabinha.

Sendo hora de jantar, experimentámos, de novo, o cardápio genuinamente brasileiro no vagão-restaurante. Por alturas de Araguaia recolhemo-nos à cabine do carro-dormitório. Não vimos nossa entrada em Goiás. Pela madrugada, notamos que o trem estava parado. Só pela manhã soubemos que no trecho seguinte, da Estrada de Ferro Centro-Oeste, havia uma composição desencarrilhada, motivo pelo qual tínhamos estado esperando se desobstruísse a linha.

x
x x

Dia alto, prosseguimos. O trem desencarrilhado, que se dirigia a Belo Horizonte, deveria cruzar com o nosso, mas atrasara-se e tivemos de espera-lo. As duas esperas aumentaram nosso atrazo, que foi de três horas. Não o sentíamos, pelo conforto em que viajavamos e pelas maravilhosas paisagens contempladas. Acompanhavamos o curso do rio Corumbá, largo e límpido, escorrendo sobre cascalhos e emoldurado pelo verde das matas. A estrada de ferro segue à sua margem, numa extensão de 90 quilômetros.

Vencida esta distância, chegamos a Ipameri. Dalí por diante, aproximamo-nos dos "cerrados". São as boas-vindas de Brasília. O aspecto vegetal vai-se transmutando. As árvores de grande porte vão sendo substituídas pelas de galhारेus retorcidos exprimindo a sua angústia na luta entre seu impulso vertical e a atração da horizontalidade das planuras onduladas.

Mais algumas horas e avistamos a gloriosa cidade que o gênio da nossa raça, impulsionado por um dinamismo sem precedentes, edificou marcando nossa política de ocupação do Oeste e de desenvolvimento de nossos espaços vazios.

Lá estava, numa expressão de melancolia pelo recesso forçado, o Palácio do Congresso. Lá estavam os edifícios dos Ministérios, as Superquadras residenciais. Surgia o lago, brilhando ao sol da manhã.

As 14:40, o nosso trem encostava na plataforma da estação Bernardo Sayão. Gastamos de São Paulo (8:20 do dia 11) a Brasília (14:30 do dia 12), 30 horas e 40 minutos de viagem. Se não tivesse ocorrido o incidente na Centro-Oeste, que nos interceptou o caminho, teríamos gasto 27 horas.

traz águas do distante Sapucaí, da minha terra natal. Mais um trecho da viagem estavam em Uberaba, grande centro do Triângulo Mineiro com o qual se rivaliza Uberlândia, a antiga Uberabinha.

Sendo hora de jantar, experimentámos, de novo, o cardápio genuinamente brasileiro no vagão-restaurante. Por alturas de Araguari recolhemo-nos à cabine do carro-dormitório. Não vimos nossa entrada em Goiás. Pela madrugada, notamos que o trem estava parado. Só pela manhã soubemos que no trecho seguinte, da Estrada de Ferro Centro-Oeste, havia uma composição desencarrilhada, motivo pelo qual tínhamos estado esperando se desobstruísse a linha.

X
X X

Dia alto, prosseguimos. O trem desencarrilhado, que se dirigia para Belo Horizonte, deveria cruzar com o nosso, mas atrasara-se e tivemos de espera-lo. As duas esperas aumentaram nosso atraso, que foi de três horas. Não o sentíamos, pelo conforto em que viajavamos e pelas maravilhosas paisagens contempladas. Acompanhavamos o curso do rio Corumbá, largo e límpido, escorrendo sobre cascalhos e emoldurado pelo verde das matas. A estrada de ferro segue à sua margem, numa extensão de 90 quilômetros.

Vencida esta distância, chegamos a Ipameri. Dalí por diante aproximamo-nos dos "cerrados". São as boas-vindas de Brasília. O aspecto vegetal vai-se transmutando. As árvores de grande porte vão sendo substituídas pelas de galhars retorcidos exprimindo a sua angústia na luta entre seu impulso vertical e a atração da horizontalidade das planuras onduladas.

Mais algumas horas e avistamos a gloriosa cidade que o gênio de nossa raça, impulsionado por um dinamismo sem precedentes, edificou marcando nossa política de ocupação do Oeste e de desenvolvimento de nossos espaços vazios.

Lá estava, numa expressão de melancolia pelo recesso forçado, o Palácio do Congresso. Lá estavam os edifícios dos Ministérios, as Superquadras residenciais. Surgia o lago, brilhando ao sol da manhã.

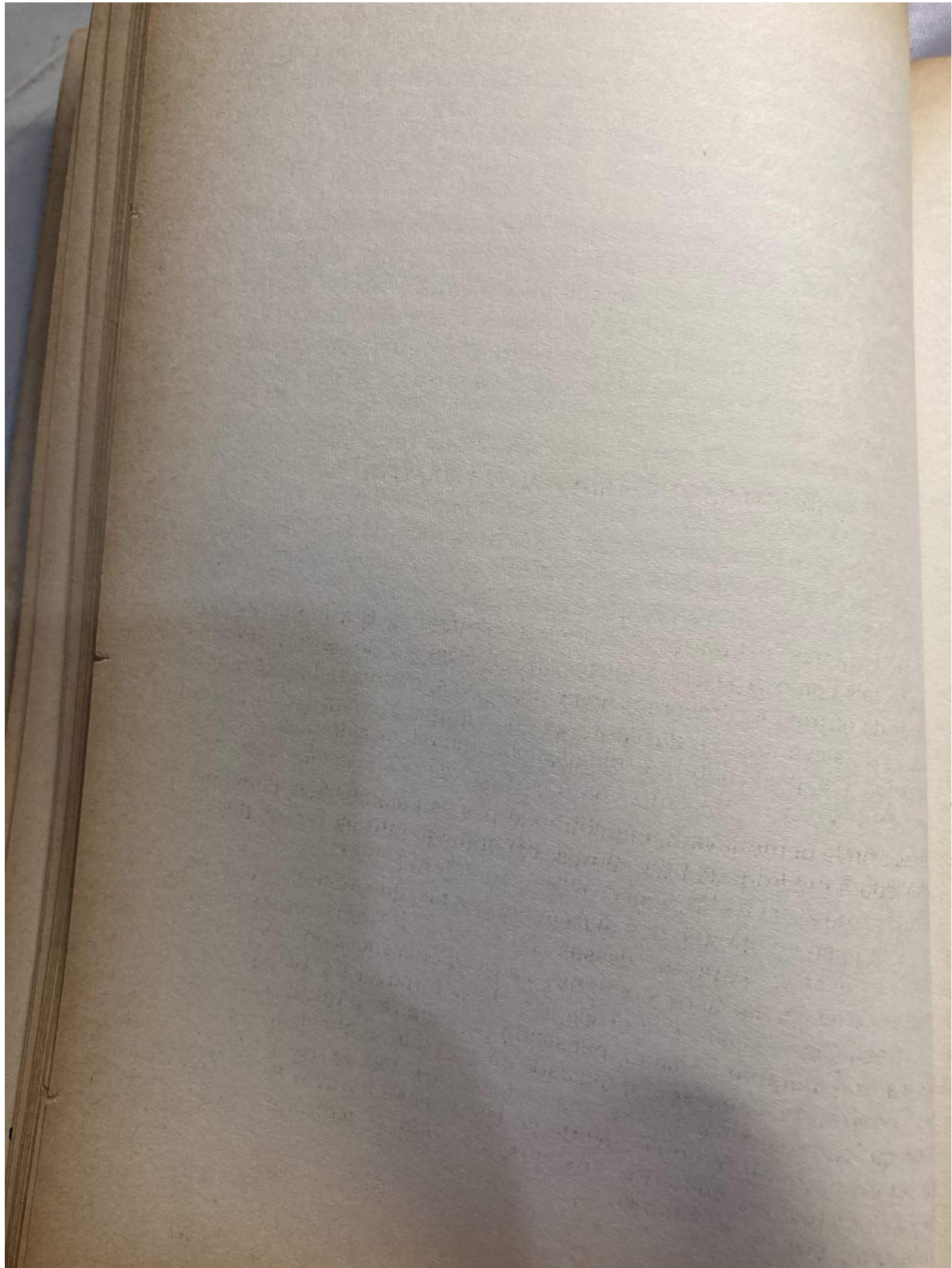
Às 14:40, o nosso trem encostava na plataforma da estação Bernardo Sayão. Gastamos de São Paulo (8:20 do dia 11) a Brasília (14:30 do dia 12), 30 horas e 40 minutos de viagem. Se não tivesse ocorrido o incidente na Centro-Oeste, que nos interceptou o caminho, teríamos gasto 27 horas.

O conforto dos vagões de estar, do refeitório e do dormitório, as paisagens como o desenrolar de um filme colorido e, sobretudo, o sentimento da avançada para o Oeste pelos mesmos relevos geograficos perlustrados à pé pelos sertanistas do século XVII, a evocação dos passos do Anhangüera, a recordação da política de expansão territorial dos nossos antepassados, tudo isso compensa largamente o tempo dispendido.

Esse tempo poderá ser diminuído. Acompanhando o curso da Mogiana, vi as obras destinadas a suprimir as curvas, o que, segundo me informaram, reduzirá o percurso de 100 quilômetros e dará à estrutura fixa da linha condições que permitam velocidade maior dos trens.

É preciso que tais trabalhos se acelerem. Por outro lado, os carros podem ser melhorados e Brasília se tornará mais próxima do seu porto de mar, que é Santos.

De qualquer maneira, dada a experiência que fiz, recomendo aos que residem em Brasília e aos que visitam a Nova Capital, que empreendam esta viagem por estrada de ferro. A passagem, incluindo leitos e cadeiras-pulman para duas pessoas não me custou mais de 80 cruzeiros. O viajante verá nos trechos paulista, mineiro e goiano, lindas paisagens e reativará no seu espírito o amor e entusiasmo pelo Brasil.



VIAGEM RODOVIÁRIA A NOVA CAPITAL

Os viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil no século passado, tais como Agassiz, Wallace, Saint Hilaire, não se falando em dezenas de outros, inscreveram nos seus diários, depois publicados em livros, as suas aventuras e desventuras por estradas primitivas, ou pelos cursos dos rios, passando por cidadesinhas humildes e freguesias, que começavam a nascer. Valiam-se da hospitalidade dos habitantes ou das fazendas onde pernoitavam, encontrando pastos para cavalos, bom leite ordenhado à madrugada nos currais, experimentando os pratos típicos da região e ouvindo o chôro das violas em noites enluaradas.

É um genero literário dos mais interessantes, que ao mesmo tempo distrai e ilustra. Através dessas narrativas, ficamos conhecendo peculiaridades locais, usos, costumes e a psicologia social do País.

Resolvendo realizar uma viagem de automóvel de São Paulo a Brasília, vim, durante o trajeto, pensando em escrever o relato de quanto fosse ocorrendo. Creio ser de utilidade para os que se abalançam a uma empresa como esta e outras, mais exaustivas, tais as realizadas por gentes do extremo Sul ou do Norte do Brasil, para atingir o Rio ou São Paulo, pontos de encontro dos que, de todo o território nacional procuram, por terra, Brasília.

O que aqui vem narrado ocorreu nos primeiros anos após a inauguração da Nova Capital. Portanto, as condições de viagem a Brasília são hoje outras, com estradas cada vez melhores. De São Paulo, o viajante poderá escolher os itinerários via Matão, Barretos, entrando em Goiás, ou Ribeirão Preto, Uberaba, Uberlândia, Itumbiara, Morrinhos, Goiânia, Anápolis. Se procede do Rio ou Capital paulista pela estrada Fernão Dias, atinge Belo Horizonte, Sete Lagoas, Paraopeba, Três Marias, João Pinheiro, Paracatú e entra no Território goiano. São estradas asfaltadas e em bom estado de conservação. Façamos, entretanto, das peripécias da viagem descrita neste relato.

x
x x

A primeira pergunta que se nos apresentou, quando olhávamos para o mapa rodoviário, foi a seguinte: devemos ir via Uberaba, ou Barretos ou tomaremos a estrada Fernão Dias, que vai a Belo Horizonte?

Pelas primeiras, teríamos um percurso de 1.186 quilômetros e pela última, 1.316. Uma diferença de 130. Informaram-nos, entretanto, que o trecho Uberaba-Uberlândia, cerca de 70 quilômetros, não era asfaltado e chuvas constantes daquela quadra do ano puseram em misero estado os aterros, transformados em atoleiros. O mesmo se dava com a via de acesso por Barretos. Ao contrário, diziam-nos os entendidos, a estrada Fernão Dias era toda asfaltada e valia a pena andar mais cento e poucos quilômetros num tapete maravilhoso por onde o carro poderia desenvolver maior velocidade.

Nosso carro vinha pesado de malas, embrulhos, pacotes, tudo o que a previdência e o bom senso das mulheres armazena para qualquer viagem, principalmente de regresso à nossa casa, como era esta, para Brasília, onde morávamos, havia mais de três anos. Mandeí fazer uma revisão completa em todos os petrechos, escaninhos, enigmas e mistérios de um motor e seus complementos, problema que os mecânicos, novos Edipos, solucionam com suficiência e nós pagamos sem tugar nem mugir. Mas pela manhã, na hora da partida, notamos que tinham deixado furada a mangueira do radiador. Isto, a compra de um pneu e outros fatos só nos permitiram sair de São Paulo às duas horas da tarde.

x
x x

Almoçamos em Mariporã, de onde rumamos para Atibaia e Bragança já por volta das quatro horas. Os dias são longos nesta quadra

do ano e espichados pelos sessenta minutos do horário de verão. Assim, por uma estrada magnífica, ultrapassamos Extrema, Camanducaia, Cambuí, chegando a Pouso Alegre com o sol ainda visível no horizonte. Esse trecho da viagem despertou-me lembranças da infância e da adolescência. Bem perto, em Camanducaia, antiga Jaguari, limitrofe do meu município natal, nascera o ilustre jurista brasileiro João de Oliveira Filho, que era frequente em suas visitas a São Bento do Sapucaí, onde travámos uma amizade infantil, depois prolongada pela juventude, até hoje. Ao lado de Cambuí, estava Bom Jesus do Corrego, onde, aos vinte anos de idade, fundei uma linha do Tiro, instruindo-a e fazendo-a marchar aos gritos dos clarins e rufar de tambores pelas ruas do povoado. Também deixei ali organizado um clube de futebol e promovi festas, conquistando de tal maneira a amizade dos habitantes, que no dia da despedida ao galgar a cavalo a serra de São Domingos - que eu agora via como um cone azulado e recortar-se no céu — notei que me acompanhava, em sinal de homenagem, mais de uma centena de cavaleiros.

Agora, em Pouso Alegre, que da estrada, a oito quilômetros de distância eu avistava com suas belas avenidas e sua imponente catedral, minhas recordações eram do tempo de ginásio, onde estudei interno, como também Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida. Depois das partidas de futebol, à tarde punha-me a contemplar a planície além do rio Mandu, na qual se encontram o Supucaí-Mirim e o Guassu, ambos nascidos no município de São Bento à mais alta cabeceira do rio da Prata, a silhueta da Serra dos Ouros, por detrás de cujo perfil estava a minha cidadezinha.

A estrada continua excelente cortando os municípios de Cambuquira, Varginha, Três Corações, Campanha, Lavras, mas, ao transportarmos a divisa de Perdões, já era noite e, de espaço a espaço, frequentíssimas, tabuletas avisavam: "Cuidado! Defeito na pista", ou "Pista com defeito" ou "Perigo". Eram enormes caldeirões que a infiltração das águas abria no asfalto, desbarrancados lameiros dificultando o trânsito. Com a marcha reduzida, rodávamos cautelosamente. Para completar a incomodidade da viagem, o nosso carro começou a ter dificuldades ao subir as ladeiras. Calculamos que fosse alguma bobina em mau estado. Desse modo chegamos a Santo Antonio do Amparo.

x
x x

No posto, à beira da estrada, substituí uma das bobinas, provida-
cia que nos permitiu chegar a Oliveira. Informados; de que a estrada
continuava em mau estado também dali por diante, deliberamos perno-
tar nesta localidade. Mas, ó surpresa! As ruas que dão acesso ao centro
da cidade são ladeiras extremamente íngremes e o nosso carro, apesar
da substituição da bobina, foi incapaz de subir a rampa agudíssima.

A essa altura um moço que assistia nossos esforços aproximou-
se declarando-se mecânico e oferecendo seus serviços; com ele o carro
voltou ao sopé da montanha e, minha mulher e eu fomos ladeira acima
sob uma chuva meúda. O calçamento irregular tornava a subida
subida. Iamos à procura de um hotel, que encontramos, trazendo
pomposo título de Bandeirantes. Ali lembramo-nos de que tínhamos
no carro uma maleta indispensável ao pernoite. Como descer, debaixo
de chuva e tornar a subir a aspera ladeira? Pedi ao porteiro telefonasse
solicitando um carro de praça. Mas já era meia noite e a essa hora as tele-
fonistas vão dormir. Mandeí um rapaz, que se apresentou prestativo
procurar o ambicionado carro. Aguardei mais de uma hora, quando
começamos a sentir fome. Perguntei se no hotel havia alguma coisa de
comer. Resposta: nem um pedaço de pão seco. Indaguei se existia algum
bar aberto àquela hora. Resposta: aqui, das dez da noite em diante, todo
mundo vai dormir. Realmente, notei que a praça fronteira estava deserta
e silenciosa. Finalmente chegou o taxi e fomos ladeira abaixo até o Posto
Sorocaba, onde estava meu automóvel avariado. Lá chegando, com
surpresa, encontrei-o perfeitamente bem. Eram as velas, que estavam
sujas. Valentemente subimos a ladeira quase às duas da madrugada. A
seis, estávamos de pé e seguimos para Belo Horizonte sem maiores novi-
dades.

x
x x

Reabastecidos na capital mineira, rumamos para Três Marias
Passamos por Sete Lagoas, Paraopeba e atingimos a bacia do São
Francisco. Em Três Marias, no restaurante inserido no espaço pertencen-
te à CEMIG, almoçamos os surubis e dourados do rio da Unidade
Nacional. Mas, ao nos dispormos para a continuação da viagem, eis que
o carro novamente "encrenca". Que fazer? Iamos entrar na região
desertica, sem recursos. Apelei para o sr. Paulo, chefe dos serviços da
usina, pedindo emprestado um carro que me levasse a Brasília. Com

desgosto, informou-me que a Usina de Três Marias só tinha carros imprestáveis velhíssimos, que não aguetavam 50 quilômetros e que a solução seria telefonar para Belo Horizonte, pedindo um veículo. Alvitrei telefonar para Brasília, mas Três Marias não tinha telefone para a Capital da República. E estávamos nesta angústia, quando o sr. Paulo se lembrou de um magíco, o sr. Mendonça, que descobriu logo a causa de nosso infortúnio. Tratava-se da outra mangueira, que se rompera. Não havendo na localidade onde comprar uma, o nosso salvador pacientemente, remendou a que tínhamos, deixando-a em boas condições e dizendo-nos que poderíamos ir sem receio até Brasília. Assim fizemos, mas como estávamos já sem gasolina, recomendaram-nos o posto a 17 quilômetros de Três Marias.

Era já noite quando ali chegamos. Mas... não havia gasolina no posto, pois o tanque abastecedor não passara ali naquele dia. Talvez encontrássemos a essência a 37 quilômetros. Decidimos aventurar quando, com pasmo e desalento, vimos que o carro não andava mais. Teria sido a água fria, que havíamos posto sobre a quente, que rompera o tampão? Nesse caso, somente arranjando uma "carona" e voltando a Três Marias. Foi quando desabou um temporal diluviano. Não era possível ficar na estrada dando sinais para os carros que vinham na direção desejada. Recolhemo-nos a um bar próximo, sem nenhuma idéia do que fazer.

X
X X

Por volta de onze horas, parou um carro no posto. Era um paraibano, sr. Almeida, sua família e um auxiliar, com o qual ia montar uma oficina mecânica em Brasília. Conversa entabulada, cordialidade estabelecida, o sr. Almeida e seu auxiliar resolveram examinar o meu carro. Como estava longe e também não era possível examiná-lo sob temporal, tiraram os sapatos, arregaçaram as calças, e rompendo a enxurrada, empurraram o veículo metendo-o dentro do bar. Começaram as pesquisas. A uma hora da madrugada, o carro estava perfeito. Mas o dilúvio continuava, no negrume da noite, com o longo choro gorgolejante dos enxurros e os clarões trovejantes dos relâmpagos. Solução: dormir nos carros. Foi o que fizemos, os paraibanos e nós.

X
X X

Ao romper do dia, saímos. Meu carro agora estava até bom para corridas e demonstrações de eficiência. Fomos a 120 até João Pinheiro.

Ali tomamos o café matinal e recolhemos uma cachorrinha que trouxemos para a nossa chacara em Brasília batizando-a com o nome de "Gioia", palavra italiana, que significa alegria, pois agora estávamos alegres, depois de todas as peripécias.

Alcançamos Paracatu, com a euforia dos que sentem a aproximação da sua "querencia". Prosseguimos correndo a 100, sob um céu azul derramado sobre os cerrados do Planalto.

Nas proximidades de Cristalina, fomos surpreendidos por uma aglomeração de centenas de automóveis e barracas disseminadas pelos campos, com um borburinho de gente de todas as condições sociais. Dir-se-ia o acampamento de um exército da antiguidade,

Indaguei do que se tratava. Era a descoberta de uma mina de cristal, que parecia riquíssima. De Brasília correram para o local operários, motoristas, funcionários, até médicos e advogados, magnetizados pelas notícias de felizardos que acharam e venderam por milhões algumas pedras. Verdadeira loucura coletiva estava empolgando a população de Brasília, principalmente atraindo os de espírito aventureiro.

Nossa viagem continuou sem mais embaraços ou dificuldades, até que avistamos a capital pioneira, marco da audácia do nosso povo na solidão do Planalto.

MÊS DE JUNHO

Depois das longas chuvas que se derramaram incessantemente, até o mês de maio, junho chegou sobre o Planalto desdobrando o céu azul sem nuvens, com sol ardente durante os dias e as noites enregeladas por fino vento.

As árvores do "cerrado", que floresceram em setembro iluminando as paisagens e colorindo-as em todos os tons, já deram seus frutos silvestres e agora a amarelar, preparam-se para o sono de que despertarão pelo milagre da primavera. As espécies cultivadas, que se vão aclimatando na região, acompanharam o ritmo das árvores nativas e carregam-se de frutos, antes do tempo normal. Naturalmente os habitantes deste paralelo 16, onde se conjugam altitudes de mais de mil metros com latitude tropical, ensinaram as imigrantes a alterar o calendário seguindo a tradição de longos séculos em que só viviam populações vegetais oriundas das primeiras manifestações de vida nestas partes do Brasil.

Já não vemos bandos alegres das gralhas e revoadas das maitacas, procurando as frondes dos pequiseiros frutificados. Ouvimos apenas pios das perdizes e codornas, que andam em vôos curtos, de capoeirão em capoeirão e a estridente trombeta dos gaviões caracarás, soberanos dominadores dos espaços sertanejos.

Os agricultores redobram seus esforços nas regas indispensáveis das hortas, dos jardins e dos pomares. Irriga-se pelos pequenos canais que bebem nos regatos; pelas mangueiras que trazem a água dos canais em sítios mais próximos do perímetro urbano; e, finalmente, pelo trabalho dos moinhos de vento, cujas asas metálicas giram quase incessantemente, pois a viração é constante, ora em sopros moderados, ora em rajadas fortes.

Estas rajadas, muitas vezes, improvisam rodamoinhos, que levantam a poeira das construções e dos aterros, a grande altura, formando o desenho de uma explosão de bomba atômica. Delineia-se um enorme cogumelo, desprende-se da haste, e passeia o azul como bola vermelha desfazendo-se lentamente.

As madrugadas são de magnífica beleza. O horizonte verdadeiramente horizontal, desdobra-se em planícies e pequenas ondulações de colinas, ilumina-se em leves tons de rosa, que passam ao rubro e transmudam-se em ouro nos reflexos dos estratos, dentro em pouco desaparecidos, para que só predomine o azul do firmamento. É o sol — na exata concepção da mitologia grega — anunciado por Venus, que é o último dos astros a brilhar ainda que empalidecendo pouco a pouco, surge lembrando a cavalcada de Apolo, a presidir com majestade, os rumores e vozes dos homens, dos animais e dos pássaros.

O Paranoá — nosso lago doméstico, espelha o disco solar e multiplica os raios matutinos em estilhas prateadas.

Cumprido o curso do dia, eis que se oferece aos brasilienses e aos turistas maravilhados, o maior dos espetáculos. É a mágica dos poentes luxuosos como cortinados de púrpura e de ouro dos reis e potentados orientais contemporâneos da grandeza assírio-babilônia. As nuvens que emolduram o poente incendeiam-se, de início, em lumarêus sanguíneos, que avermelham a face do lago. Debruam-se de ouro vivo e filetes de prata e de aço. Toda a paisagem se engrandece no esplendor da apoteose solar. As vidraças dos prédios transformam-se em palhetas de algum pintor invisível e misterioso. E, à proporção que o sol vai se escondendo, as luminárias refulgentes vão passando às tonalidades violáceas, que anunciam o crepúsculo. Estendem-se as sombras pelos "cerrados", pelas varzeas... As juritis gemem. Surgem as estrelas. A noite envolve o Planalto. Começa o frio.

Brasília fulge com seus colares e diademas de lâmpadas elétricas que se estendem, desde o Plano Piloto, pelas asas Norte e Sul, às penínsulas sobre o Paranoá, às cidades satélites, como Núcleo Bandeirante e Taguatinga, que são as mais próximas do centro.

Que fazem os habitantes da Nova Capital nestas noites de junho? Seus divertimentos são poucos: cinemas, recitais ou audições na Escola Parque, raríssimos na Concha Acústica. É cidade sem boates, escassa vida noturna. De vez em quando uma exposição de pintura, a exibição de um "ballet", uma partida de futebol de interesse.

Os sábados e domingos são passados nos clubes — no Country, no Iate, no Cota Mil, no Congresso, os três últimos à beira do lago. Muitos são os que saem para caçadas ou pescarias. Outros — e bem se observa pelas janelas iluminadas dos apartamentos — jogam até a madrugada. Os parlamentares mais eficientes, gastam suas noites elaborando pareceres e projetos. Os escritores produzem o dobro do que produziram no Rio ou São Paulo.

Há uma distração nova: a agricultura. A maior parte dos deputados dos senadores, dos funcionários, tornou-se em Brasília proprietária de pequenos trechos de terra, que cultivam. Ali empregam os sábados e as manhãs de outros dias, se não há sessões matutinas das casas do Congresso. Quando se encontram, é com orgulho que narram uns aos outros o que o sítio está produzindo.

Outro fato que se observa em Brasília é o entrelaçamento das famílias. Na Nova Capital, estabeleceram-se vínculos de amizade entre todos os lares. Começaram em encontros nas igrejas, nos clubes, nas recepções oficiais ou de embaixadas; fortaleceram-se nas reuniões residenciais onde as donas das casas faziam as apresentações. Descobriram-se afinidades, surgiram simpatias, consolidaram-se amizades que se tornaram duradouras.

O convívio das senhoras teve como resultado um grande bem para a Capital e as cidades satélites: as obras sociais que se fundaram. Mas não só as senhoras se tornaram amigas e companheiras nas atividades beneficentes. Também a gente moça uniu-se em agradável convivência. Dizem, e com razão, que Brasília é o paraíso das crianças. Livres do enclausuramento a que são forçadas nas grandes metrópoles, espalham-se alegremente pelos "play-grounds", pelas áreas largas das quadras residenciais, confluem aos domingos nos clubes. E os que entram na puberdade ou na juventude, além da convivência nos colégios e na Universidade, têm-na em sociedades literárias ou esportivas, ao sabor de uma vida desafogada e livre.

É a respeito de toda essa gente, à qual se incluem os milhares de candangos que os ônibus conduzem diariamente de Sobradinho, do Gama, do Guará, da Ceilandia, da Cidade Livre, para os locais de tra-

balho e destes para seus barracos humildes, que eu pergunto: que fazem nestas noites de junho? Sendo o mês das santos populares (Santo Antonio, São João e São Pedro), dedicam as noites frias e estreladas aos folguedos próprios do calendário folclórico. Servem-se da oportunidade as obras de beneficência, que organizam festas, algumas das quais vão se integrando nas tradições da Nova Capital, que as não possuía como cidade-menina que é.

Há alguns anos, criou-se a Festa dos Estados, que apresenta em cada barraca as especialidades da arte popular de todas as unidades da Federação. Já descrevi essa festa no primeiro ano de sua realização.

Instituiu-se também a "Noite dos Namorados". É sempre nas vésperas de Santo Antonio Casamenteiro. Sob luzes e bandeirolas festivas, aglomera-se imensa multidão. São os namorados, os noivos e também os casais desde os mais jovens aos de cabelos prateados, a recordar os bons tempos do namoro e do casamento. Num tablado emoldurado pelas barracas de comes e bebes, de divertimentos - tiro ao alvo, pescarias, sorteios, cartomantes e adivinhas vestidas de ciganas - desenvolvem-se as danças noite em fora. É difícil romper a multidão. A orquestra jorra a alegria. O burburinho da turba é como o zumbir de colméia.

E assim Brasília, nas noites secas e frias de junho, vai criando a sua tradição e concorrendo, pela fraternização dos elementos humanos de todo o Brasil, para que se firme, permaneça indestrutível, pelo interconhecimento e identidade de sentimentos, a Unidade Nacional.

PRIMAVERA NO PLANALTO

Os três meses a partir de junho, que se convencionou em nosso País chamar de Inverno para todas as regiões, assinalam-se, no Brasil meridional, por uma baixa de temperatura, sobretudo entre junho e julho, com finas garoas alternadas de céu límpido prenunciador de geadas e até de neve nos paralelos ao sul do Tropicó de Capricórnio. Nas latitudes superiores (e bem sentimos em Brasília assentada no paralelo 16), a partir de agosto, abraçam a terra calores sufocantes. A estiagem é prolongada, neste Planalto Central e o Sol passeia, de horizonte a horizonte, como um globo de fogo a crestar as paisagens.

E como o caboclo goiano, por hábito secular, não pode ver macega ressecada, ou campos de capim, que entremeiam os cerrados, sem que ceda à tentação de incendia-los, as queimadas lavram pelos panoramas ondulados, erguendo rubros lumareos a iluminar as noites e caminham crepitando a lamber com as línguas vorazes das labaredas as orlas dos "cerrados" que, muitas vezes, atingidos em cheio, sacrificam seu arvoredo típico ao prazer dos Molocks indígenas.

Os "cerrados", segundo me informa o dr. Heringer, agrônomo sabedor dos mistérios destas selvas, é mais rico em espécies, famílias e gêneros do que as florestas da Amazonia. A diferença está em que na fabulosa região do Rio-Mar, o porte das árvores é majestoso, enquanto no Planalto Central elas não atingem grande estatura, apresentando-se retorcidas e como que torturadas num doloroso drama vegetal. Ao

emergir do solo, individualizam-nas estranhas geometrias, num traçado esgalhado de braços em desespero, como os de Laocoonte em luta com as serpentes. Muito se tem pesquisado para se atinar com a causa de tão bizarras atitudes. Há os que acreditam serem o resultado da secular batalha contra o fogo com que os sertanejos se divertem, gerações sobre gerações, iluminando os quadros noturnos que se desdobram nas amplidões geograficas, à maneira de sanguineas ou toques do pincel de Rembrandt sobre o fundo negro de uma tela. Outros atribuem o retorcimento das galhadas ao esforço das árvores à procura de água no fundo do solo. Realmente, existem arbustos, de dois ou três metros de porte, cujas raízes se enterram ao dobro, às vezes mais, em relação à sua estatura. Esse trabalho subterrâneo, dizem os partidarios da hipótese, exaure as energias das árvores, que bracejam aflitivamente, buscando no ar os suplementos à sua alimentação. Não ficarei muito distante da realidade, se atribuir o comportamento vegetal no Planalto ao mimetismo que leva as espécies nativas a procurar conformar-se com a horizontalidade e a ondulação da superfície em que se desenvolvem. É uma luta entre o vertical e o horizontal.

Entre jacarandás e perobas, quinas e bacuparis, mangabeiras, umas de atitude heril e outras agachadas e crescendo rente ao solo, certamente são os pequis os mais típicos exemplares da região. Os seus frutos, muito apreciados em Goiás, servem não só para doces mas para condimento principalmente nos guisados de galinha e arroz. Produz um óleo, utilizado em culinaria, e outras virtudes lhe reconhece o homem do sertão. Mas quanto ao desenho de suas formas, é o mais caprichoso dos espécimes: se à vezes se ergue altaneiro, ainda que esgalhando-se em linhas retorcidas, em outras segue a muda sinfonia das espécies em coro de silêncio enrodilhando-se de tal modo que os galhos se amarram em nós ou se desenrolam em curvas que se multiplicam na proporção do crescimento.

As árvores do "cerrado" são — como na Europa e regiões setentrionais do planeta — obedientes às regras das estações. De julho em diante, despem-se das folhagens. Tem-se a impressão do outono tão cantado pelos poetas: o chão atapeta-se de folhas secas. As frondes são esqueletos em desolada nudez. E assim estavam até os principios de setembro.

Na desolação das tardes enfumaçadas e de opressivo calor, quando os bandos de papagaios cortavam o alto do céu, os inhambus choravam no matareu crestado, as juritis arrulhavam tristemente, as gralhas azuis gritavam como alarmes e as seriemas marcavam o com-

passo das litâneas selvagens, a impressão que eu sentia era a de que as árvores tinham morrido. Mas, eis que se aproxima o equinócio da primavera, da nossa primavera brasileira, que corresponde ao do outono no hemisfério boreal. Lembro-me de Fialho de Almeida, quando escreve em maravilhosa página: "eu bem me sinto..."

Persefona dos gregos, Proserpina dos romanos, lara do Brasil, ei-la que vem chegando. Se a capacidade auditiva humana lograsse apreender os sons ocultos à sua insuficiência, por certo ouviríamos o rumor das seivas subindo pelos troncos e galgando os galhos. Ainda estávamos em plena seca. Não chove desde junho. Pelos campos se estendem as mortalhas brancas das cinzas sobre o vestido negro das carvoadas e o fumegar lento das coivaras. Uma tristeza imensa derrama-se pelo sertão. O sol nasce sem aurora, sem vislumbre das madrugadas de ouro e rosa. No meio da nevoa seca, é um olho vermelho como sangue. O crepusculo da tarde cobre-se de um véu cor de chumbo entre cujas gazes brilha como um rubi a estrela vespertina, junto a uma lua amarelada, que navega, à semelhança de um barco de ouro.

A nossa esperança está no 22 de setembro: a passagem do equinócio. As árvores, despidas de suas toaletes a partir de junho, começam a vestir-se por um mágico costureiro, com luxos de roupagens coloridas e rendas delicadas. É a florada que explode. É a Primavera que chega. Ela esteve, como Proserpina, nas entranhas da terra, no reino de Plutão. Esteve, como a lara, preparando seus filtros mágicos, a esplendente orgia das cores de sua palheta milagrosa. Regressa agora, para alegria de todo o "cerrado". Brotam renovações pelos galhos. Surgem da terra as flores nativas. Tudo está-se preparando para a primeira chuva.

As vezes, precede a Primavera, furiosa ventania. Telhados arrancados e atirados para o ar. Árvores extirpadas da terra com suas raízes. E, em seguida, a torrente copiosa das águas desejadas e benditas.

Tudo reverdeceu. A minha horta, o meu jardim, engalanam-se com o brilho de colares de pérolas e diamantes que ficaram, nas folhas e nas flores, depois de chuvada benfazeja.

No meio de todo este contentamento, quando escuto, no íntimo do meu ser, pastorais de Beethoven, versos de Anacreonte, de Teócrito, e me embebo no encanto das bucólicas de Vergílio, e saúdo os "cerrados" efusivamente, tenho um motivo de tristeza:

Era uma sucupira belíssima, à beira da estrada que conduz à minha casa. Já estava vestida com seu lindo vestido de flores lilazes e se arqueava, como um flabelo, sobre a curva do caminho... Ela se preparou para esperar a Primavera, ostentando sua riqueza e sua beleza de árvore

jovem. Mas a ventania, que anunciou a estação florida, formando terrível rodamoinho, incidiu sobre a árvore risonha arrancando-a com suas raízes e deitando-a por terra.

Foi durante a noite. Pela manhã, fui ver a única vítima da furia equinocial. Estava deitada, ainda viva, mas nenhuma esperança havia de recuperá-la. Apanhei as flores de sua cabeleira violeta. E murmurei, desolado: "Não viste a chegada triunfal da Primavera. Todas as outras árvores estão festejando a sua rainha no dia de hoje, 22 de setembro, alegria floral dos campos e das matas. Só tu, sucupira, morres no momento em que mais desejarias ter vivido. Não verás os beija-flores pairarem sobre as corolas, não verás os passaros que gorjearão nas frondes de tuas irmãs. Não escutarás a cantiga das águas gorgolejando nos enxurros e as notas musicais das gotas cristalinas que irão entoar suaves canções escorrendo das calhas e pingando das ramadas do arvoredado. Nem dançarás ao embalo das brisas mansas, nem contemplarás o sol — agora manso e doce — e a lua, a se mirar nas águas dos lagos e dos tanques e a considerar com ternura a paisagem rediviva. Estou triste por ti, no meio de toda esta alegria..."

E considere, de mim para mim: "Também os seres humanos, que sonham com a glória de uma ressurreição primaveral na vida dos povos e das nações, nem sempre assistem à chegada da Primavera. Mas, assistindo-a, ou não, guardam, no intimo, a certeza de que a Primavera chegará".

BRASILIA É BRASILEIRA

Cheguei de Manáus trazendo nos ouvidos o bumba-meu-boi da Praça Osório e nos olhos o colorido e as movimentações coreográficas do grande tablado onde grupos de folcloristas faziam viver ao ritmo das músicas, a geografia e a história da nossa Pátria. A festa anual atrairá milhares de espectadores e durará até à madrugada.

Em Brasília encontrei, entusiástica e pitoresca, a vibração mais pura do nacionalismo. Realizava-se, pela primeira vez, numa quadra do IAPI, a Festas dos Estados, idealizada e promovida por D. Carmela Salgado e D. Yolanda Pires.

As bandeiras das diversas unidades da Federação flutuavam à doce brisa do Planalto. Extendiam-se flamulas cruzando-se em todas as direções. Uma fogueira crepitava pondo uma nota sanguinea sobre o painel da noite fria e festiva. A multidão movia-se, vozeava, misturando seu rumor com as melodias das violas e das sanfonas.

Brasília reunira ali o seu povo, para dizer que é brasileira, para afirmar que não é um simples aglomerado de blócos residenciais para deputados e funcionários, nem um acampamento de burocratas e de candangos, nem mera exposição de arquitetura moderna para a curiosidade de turistas estrangeiros.

Brasília demonstrou, nesta festa, que possui uma alma cheia das tradições da nossa Pátria.

Vamos passear pelas barracas dos Estados. Em torno delas, formiga o povo. E o povo é servido por centenas de senhoras e moças, até por muitos parlamentares em mangas de camisa.

A Bahia oferece vatapá e acarajés. Mas, ali perto, Alagoas e Sergipe me informam que o sururú está delicioso e já escuto Pernambuco e Paraíba falando de seus munguzás, buchadas e gerimuns. E, logo adiante, o Ceará e o Rio Grande do Norte me explicam os seus quitutes, enquanto o Maranhão e o Piauí oferecem os doces oriundos das palmeiras "onde canta o sabiá" e a delícia do bacurí, do copuaçú.

Mas, que é isto? O Amazonas e o Pará exclamam à porfia: isto é mussuan, na casca da tartaruga, isto é tacacá com tucupí, coisas de fazer estalar a língua.

Alguém me chama. É Minas Gerais que me anuncia seu tutú com torresmo e lombo de porco assado e me estende seus pães de queijo, biscoitos de farinha de milho, broas de fubá. E, nem bem me sirvo, São Paulo me puxa pelo braço e me diz: "venha provar o meu cuscús de milho com sardinhas e camarões, venha comer da minha "pizza", ou prove o buré que é sopa de milho verde ensinada pelos índios guaianazes.

Que cheiro é este? Cheiro gostoso como aquele com que os deuses se compraziam quando lhes subia a fumaça dos holocaustos? É Mato Grosso, mãos dadas ao Rio Grande do Sul, virando churrascos nos espetos sobre brasas vermelhas vestidas de rendas brancas de fina cinza.

Vóz amiga me chama. É o Paraná exibindo o seu "barreado" e o caldeirão de pinhões cosidos. "Chegue aqui" diz-me o Paraná "que estes pinhões trazem paisagens: o porte das araucárias, que se abrem como taças verdes na amplidão das campanhas extendidas desde Curitiba aos planaltos interiores, refletindo-se nos espelhos do Iguaçú, do Piqueri, do Ivaí, do Tibagi.

Quem reclama do outro lado? É Santa Catarina, com suas peixadas e guizados de camarão. Mas o Espírito Santo retruca exibindo a caldeirada de papaterra que ele proclama sem igual no mundo.

Não se esqueça de que Brasília foi demarcada em terras de Goiás, diz com acento amigo o Estado de território comprido, que avança ultrapassando as linhas das latitudes, desde a zona meridional do nosso mapa até os sertões da Amazônia. E mostra o seu arroz e galinha ao mólho de pequi, a árvore que povoa os espaços goianos.

O Estado do Rio, velho papa-goiábas, de nobres tradições imperiais, e a Guanabara, a dos vice-reis e do samba, trazem seus doces típicos e a famosa goiabada de Campos.

De bebidas a variedade é grande: guaraná legítimo do Amazonas, o assaí do Pará, água de côco ofertada desde Paraíba e Pernambuco, Alagóas, Sergipe, Bahia, na orla do litoral. Batidas de limão, de maracujá, quantões de aguardente com sumo de laranjas, canela, cravo e elogios à cachaça do Nordeste, de Minas, de São Paulo, das terras capichabas e catarinenses. E os vinhos do Rio Grande do Sul, em canécas, e o chimarrão dos pampas...

Tudo a lembrar folguedos e cantigas, histórias e lendas do vasto mapa do Brasil.

As barracas exibem também os artesanatos regionais. Chapéus de palha de carnaúba, chapéus de couro das caatingas, cestinhos de fibras, toalhas, chales, rendas, crochês, bordados, rosários de coquinhos, estatuetas de barro pernambucanas e as coloridas goiânas para presepios, missangas bahianas, louças catarinenses, objetos riograndenses de metal, artefatos paulistas.

É a geografia do folclore brasileiro, exprimindo na sua diversidade a unidade nacional.

Os frutos da terra completam o quadro expressivo das latitudes e longitudes dos espaços continentais: cará, inhame, taioba, aipim-macacheira, mangarito, sapotí, jaca, pitanga, jaboticaba, mamão, goiaba, manga, abacaxi, côco, pinhão, cajú, banana, laranja, jamelão, seriguella, currióla, abacate, bacupari... Geografia de cachaça lembrando os engenhos primitivos ou as usinas modernas, em variedade de nomes: Pitú, Carangueijo, Cariacica, Tatuzinho, Correinha, Três Fazendas, Tira-prosa, Pega-fogo, Pirassununga, Onça Pintada, Tome-juizo, e outras denominações pitorescas. Geografia da passoca, do pé de moleque, da rapadura, da farinha d'água, dos molhos de pimenta, da cangica, da cocada, da pipoca, do beijú, da pamonha... Refrescos de mangaba, de maracujá, de cajú, de guaraná, de ananazes, de limão-cravo, e o aluá, e o assaí... Toda a reprodução do "Tratado da terra do Brasil" de Gandavo e das descrições de Guilherme Piso. Geografia das sanfonas e violas, dos desafios dos poetas sertanejos, dos batuques, dos sambas, das congadas, cateretês, chimarritas... Geografia das redes rendadas da mulher rendeira... Brasil!

No tablado, as moças vestidas de chita e amplas saias coloridas, os rapazes à caipira, as calças de algodãozinho, as camisas de cores variadas, dançam quadrilhas, ao som das sanfonas. É toda uma tradição nacional, substituindo-se as frases francesas por equivalentes brasileiros: "caminho da roça", "olha uma cobra", "cada um com seu par", "grande confusão".

A noite vai alta. Os rojões riscam o céu. Estouram bombas. É a quadrilha da Federação Brasileira, com trajes típicos e movimentações originais.

X
X X

Este mapa do Brasil não é de papel e tinta. Não veio do IBGE, surgiu aqui mesmo, neste chão de Brasília. É cartografia viva de vida vibrante. Mapa pintado com gente viva de todos os Estados vivos.

Tudo isto porque a festa é da menina. Ela foi batizada pelo Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, com água do Tejo. Está sendo crismada com o fogo da Nacionalidade. Labaredas da lara, chamas do Boitatá, brasa do pito do Sací-Pererê. Está sendo ungida com o óleo da Tradição.

Podemos anunciar, com gritos de inúbias e pocêmas, enviados do Planalto para os horizontes da Pátria: Brasília é brasileira!

ARTE DA TAPEÇARIA

Entre as comemorações com que Brasília festejou o seu 7º. aniversário, figurou uma Exposição de Tapetes Arraiolos, confeccionados pelas mãos fidalgas de mais de trinta senhoras alunas do Curso de Tapeçaria Antiga fundado há dois anos na Nova Capital.

Trata-se de um acontecimento dos mais notáveis neste Planalto Central onde se está formando uma nova sociedade, que elevando-se a um nível superior às futilidades exibicionistas do "society" burguês, já criou um clima de cultura, de arte, de tradição histórica, de convívio espiritual no mundo feminino brasiliense. Senhoras de fina estirpe — na maioria pertencentes a famílias de parlamentares, magistrados, altos funcionários e militares — dedicam-se ao estudo do mais nobre dos artesanatos caseiros, que tem sido, desde a Idade Média, a ocupação sedentária das castelãs, das princesas e açaфatas e que se tornou, da Renascença até nossos dias, uma expressão de arte menor, paralela à pintura, à escultura e à arquitetura, nas suas variações periódicas de estilos.

X
X X

As dificuldades encontradas pelas bordadeiras nos séculos anteriores ao nosso, no que diz respeito ao preparo das lãs e das tintas apropriadas, pode-se dizer que — apesar de todo o progresso técnico em

nosso dias — são de certa forma semelhantes às encontradas por esta geração de artistas de Brasília. Até há bem pouco tempo, não havia no Brasil as lãs preparadas para o trabalho, com as tonalidades vivas ou discretas necessárias. Vinham de Portugal, através de todos os tropeços do surto da arte da tapeçaria. Ultimamente, algumas fabricas, diante de que se precisava. Mas os óbices a serem superados em Brasília são enormes: a obtenção de telas, de agulhas próprias, de lãs, cujos coloridos são exigidos para cada uma das variedades de composições e estilos, a transferência dos desenhos para o papel quadriculado onde o lineamento das configurações se exprime na ordenação dos pontos do bordado, tudo isto demanda um esforço heroico para atingir os resultados artísticos como os dos exemplares mostrados na exposição a que nos referimos.

x
x x

Tratando-se de tapetes arroiolos, convém, para deles se oferecer uma noção exata, remontarmos à sua história, o que faremos precedendo-a da própria história dos tapetes, desde o mundo antigo.

Eles apareceram na civilização assírio-babilônica, muitos séculos antes de Cristo. Pela combinação de fios de diversas cores, produziam-se tecidos que imitavam a pintura. Os templos dos deuses e os palácios dos reis eram decorados por esses painéis, tecidos com ouro e prata. Outros povos, como os medas, os persas e os fenícios, notabilizaram-se na confecção de finas tapeçarias.

A introdução da arte dos tapetes na Europa podemos assinalar, mais ou menos, no fim do século X, pois durante o Imperio Romano tais manufaturas procediam do Oriente ou se deviam a incipientes artesanatos isolados, sendo de notar que, no século I, um desses artesãos era o Apostolo São Paulo, que se orgulhava do seu ofício e a ele se referia dizendo que, para sua manutenção, dele tirava o necessário, não onerando as comunidades cristãs.

A primeira manufatura de tapeçarias na Europa supõe-se haja sido a do mosteiro, de Saumur, por volta de 985 a 990, quase ao dealbar do século XI. Neste século, de acentuado gosto artístico, como se vê, por exemplo, nas iluminuras dos pergaminhos, instalaram-se oficinas de tapeceiros em Reims, Felletin, Poitiers, Troyes, Beauvais e Aubusson, em França, e na Inglaterra por influência da rainha Matilde esposa de Guilherme o Conquistador, desenvolveu-se também o nobre mister das

nossos dias — são de certa forma semelhantes às encontradas por esta geração de artistas de Brasília. Até há bem pouco tempo, não havia no Brasil as lãs preparadas para o trabalho, com as tonalidades vivas ou discretas necessárias. Vinham de Portugal, através de todos os tropeços alfandegários ou de transporte. Ultimamente, algumas fabricas, diante do surto da arte da tapeçaria em nosso País, passaram a produzir os fios de que se precisava. Mas os óbices a serem superados em Brasília são enormes: a obtenção de telas, de agulhas próprias, de lãs, cujos coloridos são exigidos para cada uma das variedades de composições e estilos, a transferência dos desenhos para o papel quadriculado onde o lineamento das configurações se exprime na ordenação dos pontos do bordado, tudo isto demanda um esforço heroico para atingir os resultados artísticos como os dos exemplares mostrados na exposição a que nos referimos.

x
x x

Tratando-se de tapetes arroiolos, convém, para deles se oferecer uma noção exata, remontarmos à sua história, o que faremos precedendo-a da própria história dos tapetes, desde o mundo antigo.

Eles apareceram na civilização assírio-babilônica, muitos séculos antes de Cristo. Pela combinação de fios de diversas cores, produziam-se tecidos que imitavam a pintura. Os templos dos deuses e os palácios dos reis eram decorados por esses painéis, tecidos com ouro e prata. Outros povos, como os medas, os persas e os fenícios, notabilizaram-se na confecção de finas tapeçarias.

A introdução da arte dos tapetes na Europa podemos assinalar, mais ou menos, no fim do século X, pois durante o Imperio Romano tais manufaturas procediam do Oriente ou se deviam a incipientes artesanatos isolados, sendo de notar que, no século I, um desses artesãos era o Apostolo São Paulo, que se orgulhava do seu ofício e a ele se referia dizendo que, para sua manutenção, dele tirava o necessário, não onerando as comunidades cristãs.

A primeira manufatura de tapeçarias na Europa supõe-se haja sido a do mosteiro, de Saumur, por volta de 985 a 990, quase ao dealbar do século XI. Neste século, de acentuado gosto artístico, como se vê, por exemplo, nas iluminuras dos pergaminhos, instalaram-se oficinas de tapeceiros em Reims, Felletin, Poitiers, Troyes, Beauvais e Aubusson, em França, e na Inglaterra por influência da rainha Matilde esposa de Guilherme o Conquistador, desenvolveu-se também o nobre mister das

As Cruzadas exerceram grande papel civilizador na Europa. Os ambientes medievais eram pobres tanto no que dizia respeito ao mobiliário, como às decorações. Os guerreiros cristãos, regressando do Médio Oriente, traziam novidades artísticas, entre elas a dos tapetes e seu uso. É quando as damas, tão cantadas nos romances de cavalaria e nas gestas provençais, começam a dedicar-se, como novas Penelopes, na ausência dos esposos e pais, empenhados nas guerras, à doce e tranquila distração na qual, entre suspiros de saudade, vão fazendo trabalhar a agulha. Assim transcorre o século XII e já nos dois seguintes, as grandes festas nos castelos ou nas praças publicas exibem, como ornamento dos palanques reais ou adorno dos amplos salões dos recintos fechados, largas tapeçarias.

No século XIV, aparecem as manufaturas de Flandres e surgem os famosos tecidos de Arras, dominando a França e a Itália, neste país sobretudo a partir do século XV, que inicia o aureo período da Renascença. Na pontificia Roma e outras cidades italianas, grandes pintores, como Rafael, colaboram com as tapeceiras, fornecendo-lhes desenhos. Na Inglaterra, os nomes dos reis estão ligados ao estímulo e desenvolvimento da arte dos tapetes, sendo dignos de menção Henrique VII, Jaime I e Carlos I, estes já no século XVII.

É preciso dizer que, desde quando a tapeçaria se tornou uma indústria, ela se fez também trabalho masculino, recrutando-se aprendizes, que atingiam o escalão de operários especializados, como se observa através das providencias e iniciativas dos reis franceses Francisco I, Henrique II, Henrique IV, Luis XII e sobretudo Luis XIV, que deu impulso às tapeçarias de Beauvais, de Aubusson e de Gobelins.

X
X X

Feito este pequeno resumo da história da tapeçaria, chegamos ao que nos interessa mais de perto, em face à Exposição de Tapetes Arraiolos, que constituiu um dos pontos altos das comemorações do sétimo aniversário de Brasília.

Arraiolos é uma pequena povoação do Alentejo, em Portugal, que se tornou famosa pela sua produção de tapetes, principalmente a partir do século XVII. Em Portugal, a arte de composição e execução de tapetes já existia desde os tempos de D. João I (século XV), exercida pelos mouros. Acredita-se que as oficinas maometanas remonstassem ao tempo da invassão árabe, na península ibérica, no século VII. A influência era persa, pois na civilização iraniana e assírio-babilónica se encontra a

mais antiga tradição da tapeçaria na História do Mundo.

Arraiolos começa a entrar na história dessa arte das fidalgas castelãs, das princesas e das monjas, de maneira definitiva, por volta de 1550. São os tapetes da chamada "primeira época", os quais se distinguem pela copia dos motivos da tapeçaria persa, de mistura com variados desenhos de animais e apresentando riqueza de policromia. Eram bordados sobre linho.

Segue-se uma fase de transição, em que o calhamaço de estopa substituiu o linho. Mas, entre 1720 e 1730, as manufaturas de Arraiolos atingem elevado grau de prosperidade. Os motivos orientais desaparecem, cedendo lugar aos inspirados nas chitas estampadas e às composições ingenuas das próprias bordadeiras: ramos de grandes folhas entrelaçadas, flores repolhudas e algo extravagantes, saindo de vasos, com laços. Certamente, era a tapeçaria confeccionada no clima artístico do estilo barroco, a enriquecer as linhas clássicas do renascentismo na arquitetura, como acontecera outrora na passagem do gótico puro para o chamado flamejante. O novo espírito de exuberância das formas influiria em todos os ramos das artes, inclusive na literatura em que predominava o gongorismo de fraseados ramalhudos e confusos. Era inevitável que influísse na composição dos tapetes.

De 1770 em diante, ocorre a terceira fase. Estamos no alvorecer do romantismo, quando, tanto na arquitetura como no mobiliário, na pintura como nos trajes femininos e masculinos, opera-se uma transformação no sentido de maior simplicidade. Vem daí o estilo Luiz XVI em França, Queen Anne na Inglaterra, D. Maria em Portugal, a preceder e a influir no breve dominante, estilo Império. Tais expressões estéticas harmonizavam-se com as idéias políticas e a nova literatura procedentes do naturalismo filosófico. Era inevitável que em tal atmosfera de renovação, a tapeçaria acompanhasse o movimento artístico do tempo. Nos desenhos, nada resta dos motivos persas, nem mesmo das composições pitorescas da fase anterior. São agora simples ramos de flores animando fundos castanhos ou de tons discretos.

X

X X

Depois de um período de decadência a arte de Arraiolos ressurgiu em nosso tempo. A partir de 1900, o interesse dos estudiosos volta-se em Portugal para as tessituras da famosa vila alentejana, praticadas também em Evorá e algumas cidades do Ribatejo. Organizaram-se exposições de trabalhos das três épocas. Tratam do assunto escritores como Ramalho

Ortigão, Fialho
Viterbo. No cu
Arraiolos. Faci
encontra um
temas artístico
criou no Rio d
Bastos premi
Maria Luz R
vamente em
Transp

senhoras da
exposição d
mais de ci
o fazendo
das côm
Teatro Na
admiraçã

Ortigão, Fialho de Almeida, Beckford, Joaquim de Vasconcelos, Souza Viterbo. No curso do século XIX até nossos dias, divulga-se a arte de Arraiolos. Facilitada hoje pelas indústrias das lãs e das tintas modernas, encontra um ambiente social e doméstico de maior compreensão dos temas artísticos. Introduzida no Brasil por D. Carmela Salgado, em 1948, criou no Rio de Janeiro algumas artistas exímias, uma das quais, D. Aida Bastos premiada na Escola Nacional de Belas Artes e outras, como D. Maria Luz Rocha e D. Lourdes Machado, exercendo o ensino respectivamente em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Transportada a escola para Brasília, interessou vivamente as senhoras da Nova Capital. O Departamento de Turismo promoveu a exposição dos trabalhos das alunas do curso, que são em número de mais de cinquenta, das quais trinta expuseram seus tapetes, não o fazendo as outras por não terem terminado seus trabalhos até à data das comemorações do sétimo aniversário de Brasília. O mostruário, no Teatro Nacional, foi de maravilhosa beleza e despertou entusiasmo e admiração dos visitantes, sobretudo dos intelectuais.

TRABALHOS SOBRE PORCELANA

Um dos mais interessantes fatos sociais ocorridos em Brasília, no transcurso dos primeiros anos de existência da Nova Capital, é certamente a adaptação da mulher brasileira às novas circunstâncias de vida que lhe ofereceu o Planalto Central. Umas, para acompanhar os esposos (parlamentares, funcionários, magistrados, militares, comerciantes), outras por deveres funcionais, todas vieram formar um conglomerado, entrelaçando-se pelo interconhecimento que, pouco a pouco, das simples relações passou a constituir sincera amizade.

Importante questão se propunha: como preencher as horas disponíveis na imensidão destes espaços conquistados pelos brasileiros no esforço da ocupação territorial do Oeste?

O espírito feminino é criador e dele provieram iniciativas capazes de atrair senhoras e moças para a realização de alguma coisa superior aos contatos superficiais das relações de sociedade e mesmo do convívio familiar. Além dos encargos domésticos e dos compromissos da posição ou das obrigações que esta acarreta, havia um campo vazio, que cumpria preencher.

As senhoras de Brasília souberam resolver o problema. Vários grupos se dedicaram a obras sociais, atendendo às necessidades da Nova Capital, como centro de atração das migrações internas, que acumula, dia a dia, levas de famílias oriundas de todos os Estados; outras, de pendor artístico, criaram centros de artesanato, cultivando as chamadas "artes menores", como a tapeçaria e os trabalhos sobre faiança e porcelana.

Já falamos sobre tapêtes. Visitemos, agora a exposição promovida por D. Helena Araújo e suas alunas. Representa um mostruário de aplicações artísticas sobre o mais nobre dos produtos cerâmicos, que se distingue pela vitrificação e transparência, características desta espécie de louça fina, homogênea e sonora.

Grande foi o interesse despertado pela iniciativa de D. Helena que, em pouco tempo reuniu em torno de si elementos femininos da maior expressão social.

Sem repetir a lição pormenorizada da mesma oferecida aos visitantes na abertura da exposição, diremos, apenas, que duas são as classes de porcelana: a tenra e a dura. A primeira é composta de classes combinadas (soda, potassa, sal marinho, areia e cal), produzindo um branco leitoso como se vê nos jarros, vasos e outras composições de Sévres. A porcelana dura compõe-se de caolin, argila branca, feldspato, quartzo e fosfato de cálcio. Os processos usados para a combinação destes materiais e em relação às temperaturas adequadas, são delicados, exigindo extremos cuidados.

X
X X

Quanto à história da porcelana, admite-se geralmente que esta indústria teve origem na China, dois séculos antes de Cristo. Foi, entretanto, somente no século XV, com a dinastia dos Mings, que a fabricação atingiu o mais alto grau de perfeição, decaindo em seguida para reerguer-se no século XVII, sob a dinastia dos Tsings.

A porcelana do Japão teve origem na Coréia, alguns anos antes da Era Cristã. No século XVI os japoneses atingiram alta perfeição.

Na Europa, a porcelana do Oriente apareceu no século XV. Os primeiros ensaios foram feitos em Florença, produzindo-se a chamada "porcelana dos Médices". A França começou suas pesquisas em Ruão e Orleans, no século XVII e obteve os primeiros produtos dignos de nota em Saint-Cloud. Outras fabricas de porcelana tenra estabeleceram-se em Chantilly (1725), Mennecey (1745) Vincennes, mais ou menos na mesma época. Em 1753, por instancias da Marquêsa de Pompadour, o rei Luis XV criou em Sèvres a "Manufatura Real de Porcelana".

O segredo da porcelana dura da China foi descoberto em Saxe (Alemanha) em 1709, pelo químico Boettger. Criou-se ali a famosa fabrica, produzindo vasos, estatuetas, objetos de ornamentação e de uso doméstico, de formas tipicamente originais. A arte depois divulgou-se aparecendo as manufaturas de Viena, Hoecht, Furstenberg, Rodolstadt e Berlim. O nome Saxe continuou o designativo desse tipo de porcelana.

Em França, prosseguiam as pesquisas e experiências para a produção da porcelana dura. O químico Macquer, orientado por um farmacêutico de Bordeus, descobriu em Limoges uma jazida de barro adequado aos fins que se propunha. Apresentou à Academia de Ciências as primeiras peças da tão desejada porcelana dura. O desenvolvimento dessa fabricação foi enorme, sobretudo em Limosin. No século XIX espalhou-se a nobre arte por toda a Europa. Em Portugal surgiram as estimadas porcelanas Vista Alegre.

X
X X

A exposição de D. Helena Araújo vincula-se a tão gloriosas tradições de uma arte que representa o super-refinamento, a sublimação milenar cerâmica desde a faiança que revelou nas formas e decorações os índices da civilização de Créta e da Grécia.

A pintura sobre a porcelana a que se dedicam as senhoras de Brasília, complementa e completa os primôres da arte.

Com esta demonstração à qual se juntam as da tapeçaria, da pintura e da escultura, tipicamente brasilienses, e o artesanato oriundo das tecedeiras e rendeiras do Nordeste, a Nova Capital vem se fazendo poderoso núcleo irradiador da sensibilidade estética brasileira.

Nas
ta para c
instalavan
carregava
azáfama
quele nú
belecime

As
distânci
se barr
aeropon
sucessi
zendo
missa

nos n
a ver
até e
conh
às re
noss
resul

OLAVO BILAC EM BRASILIA

Brasília — como outras cidades do Brasil — celebrou o centenário do nascimento de Olavo Bilac, ocorrido a 16 de dezembro. A Secretaria de Educação do Distrito Federal escalou-me para realizar a conferência alusiva à data. Examinei as notas biográficas do poeta e cheguei à conclusão de que os homens que se tornaram publicos, sejam estadistas, cientistas, militares, ápostolos de idéias ou artistas, só devem ser considerados pela sua atuação no meio social ou sua projeção na vida nacional ou internacional. Os apontamentos sobre o local de nascimento, filiação, estado civil, profissão, exigidos nas carteiras de identidade e passaportes, são interessantes em estudos alongados e que desejam se distinguir pela pormenorização. Mas a personalidade real do herói cujo perfil se pretende traçar, começa a existir desde o instante em que transpõe os limites da vida particular para abranger os horizontes amplos em que alcançaram notoriedade.

Isto posto, procurei examinar Olavo Bilac sob dois aspectos: o de artista da palavra em prosa e verso e o de apóstolo de nacionalismo e de civismo em nossa Pátria.

Depois de expor a evolução da poesia, desde os gregos e romanos até à Idade Media, à Renascença, ao Romantismo, ao Parnasianismo e ao Simbolismo, inseri Bilac na história da poesia brasileira e na universal.

x
x x

Tratei, inicialmente, da influência exercida sobre o poeta, quanto à temática e a substância de seus versos e quanto à forma e estilo. Quem lê o autor da "Via Látea" encontra, dentro da unidade de inspiração que é o seu traço essencial, uma diversidade de temas, que resulta evidentemente de seu trato com antigos e modernos. Sentimos o bucolismo de Anacreonte e Teocrito; o sentido trágico de Eschilo, de Sófocles e sobretudo de Shakespeare; o surto épico de Homero, Virgílio, Milton, Camões; o sensualismo de Sáfo, de Baudelaire; o espírito lendário dos Nibelungos e dos trovadores provençais e, sobretudo, o lirismo de Petrarca e Luiz de Camões, não nos esquecendo dos românticos brasileiros e portugueses. No que se refere à forma, é evidente que Olavo Bilac recebeu direta influência dos parnasianos franceses, entre os quais Leconte de Lisle, Teófilo Gauthier, Heredia, mas porque a reação parnasiana se dirige contra os excessos de liberdade do Romantismo, o poeta brasileiro buscava a tradição dos clássicos da nossa língua.

Havia, entretanto, a considerar os diversos aspectos da poesia bilaciana, quanto aos assuntos. Observamos nele: a universalidade, o lirismo, o panteísmo, o nacionalismo.

x
x x

A universalidade leva o poeta à escolha de assuntos relacionados com todas as civilizações, tempos e países. É um conhecedor da História e, principalmente, das grega e romana. Da Grécia, dá-nos os poemas "Julgamento de Frinéia", "A tentação de Xenocrates", "Aspasia", "Prometeu", "Hercules", "Orfeu" e os sonetos referentes a Edipo. De Roma, oferece-nos "A Sesta de Nero", "O Incendio de Roma", "O Sonho de Marco Antonio", "Messalina", "Delenda Cártago", "César" em todas estas composições revelando o conhecimento e o sentimento da história romana. Mas o seu espírito universal abrange as Índias, dando-nos em "Missão de Purna" a essência do pensamento budista. Apaixonado pela História de Portugal, que é prefácio da História do Brasil e a fonte primeira do nosso nacionalismo, escreve o poema "Sagres", onde vemos o Infante, a meditar e "como um fantasma, seguindo entre as rochas abruptas e, impassível, opondo ao mar o vulto enorme, fim de um mundo sondando o deserto do mar..." Mas a inspiração do poeta alarga os horizontes e vai a todos os povos: vemos "Beethoven Surdo", "Milton Cego", "Miguel Angelo Velho"...

O lirismo de Bilac encontra-se nos versos de "Via-Látea" dando-lhe a sua grandeza e celebridade. São os versos de Petrarca, na série que se refere ao vulto de juventude de seu tempo. Não era possível que o lirismo de Bilac não fosse influenciado pelos conceitos espirituais da existência, que atormentavam os poetas do século XIX, no crepúsculo da prelução da quietação no sonambulismo dos sonhos de uma vida de perguntas que a existência não podia responder.

Se tivéssemos a oportunidade de ler de de Olavo Bilac, erraremos dizendo que o lirismo e o nacionalismo são os dois aspectos mais importantes da sua poesia.

O nacionalismo de Bilac encontra-se nos poemas "Esmeraldas", "Brasileira", "Bela Brasileira", "Amorosa de trêpo", "Dor e a pompa", "Selvagem", "Em ta", "a grandez", "mais remota", "Viagens", "da Luz, do A", "vro", "Tarde", "amor ao B", "pressão".

Quando se trata de ter no meu interior, as paredes o por um ar...

O lirismo de Bilac, além de em outros poemas, exprime-se nos versos de "Via-Látea", que concorreram, preponderantemente, para lhe dar celebridade. São trinta e cinco sonetos onde evidente é a influência de Petrarca, na série que dedicou a Laura, e de Camões, nos quais perpassa o vulto de Natércia. Com "Via-Látea", Bilac se fez o idolo da juventude de seu tempo.

Não era possível vivendo na plenitude do século XIX, quando os conceitos espiritualistas se chocavam com as concepções materialistas da existência, que Bilac se isentasse das dúvidas e interrogações que atormentavam os espíritos, principalmente no "fin du siècle", aquele crepusculo a preludiar a alvorada da nova centúria. Sentimos essa inquietação no soneto "Os Sinos" ou nas angustiosas meditações dos sonhos de uma noite de verão. De onde vim, para onde vou? Eis as perguntas que afloram naquelas composições.

Se tivéssemos, entretanto, de exprimir numa síntese a personalidade de Olavo Bilac, através de suas revelações nas letras brasileiras, não erraremos dizendo que duas são as notas predominantes de sua poesia: o lirismo e o nacionalismo.

O nacionalismo transborda em toda a sua obra. Em "O Caçador de Esmeraldas", celebra as façanhas dos Bandeirantes; em "Musica Brasileira", busca nossas origens raciais, definindo-a como "flor amorosa de três raças tristes", em "Lingua Portuguesa" evoca o esplendor e a pompa do idioma pátrio; em "A Yara", recorre à nossa mitologia selvagem; em "Vila Rica", revive nosso passado histórico; em "Anchieta" a grandeza da evangelização na selva; em "Sagres", busca as fontes mais remotas da nossa História; mas é sobretudo, no IX soneto de "Viagens" em que exorta o estrangeiro a amar a terra brasileira, ("Reino da Luz, do Amor e da Fatura") e, finalmente, no soneto de seu último livro, "Tarde", que faz o título "Pátria", onde vibra o mais ardente amor ao Brasil, que o nacionalismo bilaqueano atinge a suprema expressão.

Quando estive exilado em Portugal, durante oito anos, querendo ter no meu gabinete de trabalho a presença do Brasil, coloquei numa das paredes o mapa do nosso País e em outra, caligrafado magnificamente, por um artista português, e encaixilhado em moldura Império, o soneto

em que Bilac exclama: "Patria, latejo em ti no teu lenho por onde circulo", terminado com os tercetos: "Vivo, choro em teu pranto, e, nos dias felizes, no alto, como uma flor, em ti pompeio e exulto; e eu morto, sendo tu cheia de cicatrizes, tu golpeada e insultada, eu tremerei sepulto; e os meus ossos no chão, como as tuas raízes, se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto".

Foi com este sentimento e com aquele entusiasmo que fala às novas gerações dizendo: "Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! Criança, não verás nenhum país como este", que Olavo Bilac desencadeou a grande campanha cívica de 1915.

x
x x

O seu discurso na Faculdade de Direito de São Paulo foi o toque de alarme. Inflamou a juventude de patriotismo. Uniu o que estava, até então, separado: a população civil e a classe militar. Paisanos e fardados sentiram-se irmãos, objetivando um só ideal: a grandeza da Pátria. Veio em consequência a lei do serviço militar. As Forças Armadas não mais constituiriam uma casta, separada da Nação, pois a Nação se integrava nelas. Seguem-se os seus discursos dirigidos ao Exército Nacional e à Marinha de Guerra. Cheios de realismo na consideração dos problemas nacionais e do papel a desempenhar pelos militares do Brasil, essas orações abrem novo período de mútua compreensão entre os quartéis e o povo.

Evoquei à essa altura os dias por mim vividos ao toque de reunir do grande poeta do Brasil. Desabrochavam os meus vinte anos. Não tendo tido a fortuna de ser sorteado para o serviço militar, fundei uma Linha de Tiro, na qual reuni os de minha idade. Entre as lições de nomenclatura das armas e de ordem unida, ministradas pelo tenente Melquiades, cantávamos a Canção do Soldado, o Hino à Bandeira e o Hino Nacional. O pavilhão da Pátria ganhou para nós um novo sentido, porque o interpretávamos através da Poesia. Ao rufar dos tambores, marchávamos. Nossos corações se inflamavam de amor ao Brasil. E tudo era o milagre de Olavo Bilac.

Por isso, nos últimos trechos da minha conferência, declarei: o maior movimento cívico da História Brasileira, que deflagrei em 1932 eu o tinha como se fosse à voz de comando de Bilac, inspirador da minha juventude. E disse: "Nesta noite, em que a Secretaria da Educação do Distrito Federal promove a comemoração do centenário do grande poeta, com esta assistência predominantemente militar, eu sinto a presença de Olavo Bilac. É ele que nos faz vibrar de patriotismo. É o fogo do seu

espírito que inflama a palavra na minha boca. Sinto-o presente e com ele as imagens da natureza, das lendas, da história do Brasil. Vejo a Yara surgindo das águas; o Caçador de Esmeraldas entrando no sertão; os Bandeirantes assinalando com seus próprios ossos os limites territoriais do Brasil; os cursos dos rios e o esplendor dos vales e montanhas; os sinos de todas as igrejas e capelas humildes, atendendo à voz do poeta quando exclama — plangei, sinos! —; os namorados fitando as constelações do nosso hemisferio, na ânsia de "ouvir estrelas"; o Infante de Sagres, no alto promontório, preludiado a nossa História; as árvores tropicais envelhecendo a "dar sombra e carinho aos que padecem"; os passáros gorgendo e as águas dos riachos cantando sonoramente; e, sobre todos os cenários e a vida que neles palpita, criados pela imaginação do grande poeta, a Via-Látea, fulgurando no céu do Brasil, e cobrinha do futuro mas empenhada em cultivar as tradições da Pátria, que representam o espírito vivo e ativo da Nova Capital.

"Possa" — exclamei finalmente — "o fogo aceso por Olavo Bilac e que neste momento crepita nos meus lábios, incendiar os militares e civis aqui presentes para que as suas labaredas se alarguem pelos horizontes da Nação. Que seja o incêndio das almas, iluminando os nossos caminhos na História e o rumo do nosso futuro."

PIONEIROS

Houve os que acreditaram; houve os que duvidaram; houve os que negaram; houve os que combateram; houve os que realizaram. Assim temos de classificar as reações e as ações nos primeiros anos da fundação da Nova Capital. Uma vontade firme comandava os trabalhos da construção da Cidade Nova: o presidente Juscelino Kubitschek. A idéia, de mais de um século, insistente nos períodos do Império e da República, ressurgia agora com ânimo inquebrantável. Os que tinham no espírito o sonho dos Bandeirantes e da ocupação do Oeste, decidiram-se e vieram para o Planalto.

Seria interessante ouvir uma dessas vozes, expressivas da decisão de um povo capaz de compreender a obra que se iniciava e que seria o assombro do mundo. Entre tantos heróicos pioneiros, julgamos necessário colher o depoimento de uma testemunha dos primeiros dias do surgimento da maravilhosa cidade, que seria o centro irradiador da reconquista dos territórios brasileiros no Centro-Oeste e na Amazônia.

Essa testemunha é D. Talita de Abreu (Katucha nas crônicas sociais da imprensa brasiliense). É hoje ela a mágica das apresentações de uma sociedade, que se foi formando dia a dia e atualmente se exprime no convívio das personalidades marcantes do desenvolvimento social, político e diplomático da Capital do Brasil.

Iniciamos nossa entrevista, perguntando:

— Quando veio para Brasília?

— Cheguei a Brasília (responde-nos) em 9 de dezembro de 1957. Morei, primeiramente, num dos hotéis de madeira, construídos na cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Depois recebi um quarto no apartamento do IAPTC, ao lado da Igrejinha de Fátima. Vivi ali durante dois anos, com 1800 operários e funcionários. Tenho uma grata recordação do carinho com que era tratada. Era a única mulher, que pregava botões, fazia doces, arrumava o ambiente, tratava dos doentes, como na ocasião das epidemias de cachumba e varicela.

— Teve ocasião de promover festas para os habitantes da Nova Capital?

— A primeira foi um "reveillon" no barzinho do Brasília Palace Hotel, quando já construído, que enfeitei com folhagens e flôres colhidas nos "cerrados". Vitrola e mesinhas para passar o Ano Bom e um picadinho de arroz à meia-noite. A segunda foi uma festa carnavalesca, um baile também no Brasília-Palace, isto em 1958.

— Quais os meios de transporte de que dispunha?

— Um gipe, com a capota furada, que me obrigava, no tempo das águas, a usar guarda-chuva. Percorria a Cidade Livre, com lamaçal e, na época das secas, enfrentando a poeira.

— E a alimentação? Que comiam?

— Na cantina do IAPTC, somente feijão, arroz e batatas. Não havia frutas nem legumes.

— Já existia alguma coisa quanto a serviços sociais em Brasília?

— Um começo, na Igrejinha de Fátima. Naquele pequeno templo, eu me consolava das dificuldades que se ofereciam a nossas vidas de pioneiros. Colhia flores no mato para enfeitá-la, preparava tabuleiros com bolos que Frei Demétrio vendia conseguindo recursos para uma sôpa com que acudia os candangos que chegavam do Nordeste em multidões, ainda sem empregos. Em sua motocicleta, Frei Demétrio percorria a Cidade Livre e os barracos dos migrantes. O mesmo fazia o padre Roque, desenvolvendo grande ação de caridade e de evangelização.

— E o estado de espírito dos candangos?

— Era um misto de esperança e de saudade. De esperança por sentirem que iam se realizar em Brasília, de saudade ao recordar as famílias que deixaram e que sonhavam trazer. Os desastres e mortes eram freqüentes: operários que despencavam dos prédios em construção, uns mortos, outros levados ao hospital do IAPI. Uma noite poucas horas antes, na capotagem de um gipe, morreram três engenheiros - havia profunda depressão dos operários e funcionários. Um candango, o Tião, num ímpeto de desabafo, disse: "minha gente

vamos chorar". Choramos e depois, fomos tomar café na Cidade Livre e, em seguida, ao necrotério, ver os mortos.

— Que faziam para combater as tristezas?

Talita responde com entusiasmo:

— Resolvi organizar um cineminha, em sala do Brasília Palace Hotel. Um grupo de engenheiros tendo à frente Teodoro Bayma de Carvalho e o funcionário Walter Galante, comprometeu-se a arranjar 80 cruzeiros todas as semanas para a compra de um filme, que o major Francisco de Assis, hoje coronel, mandava trazer pela FAB. Eu arrumava a sala, fazia cartazes que colocava nos acampamentos e à noite, ficava na bilheteria recebendo o reduzido preço das entradas. O cineminha tornou-se um ponto de encontro às quartas-feiras.

— Sabemos que V. foi iniciadora do primeiro Clube Social em Brasília. Como surgiu?

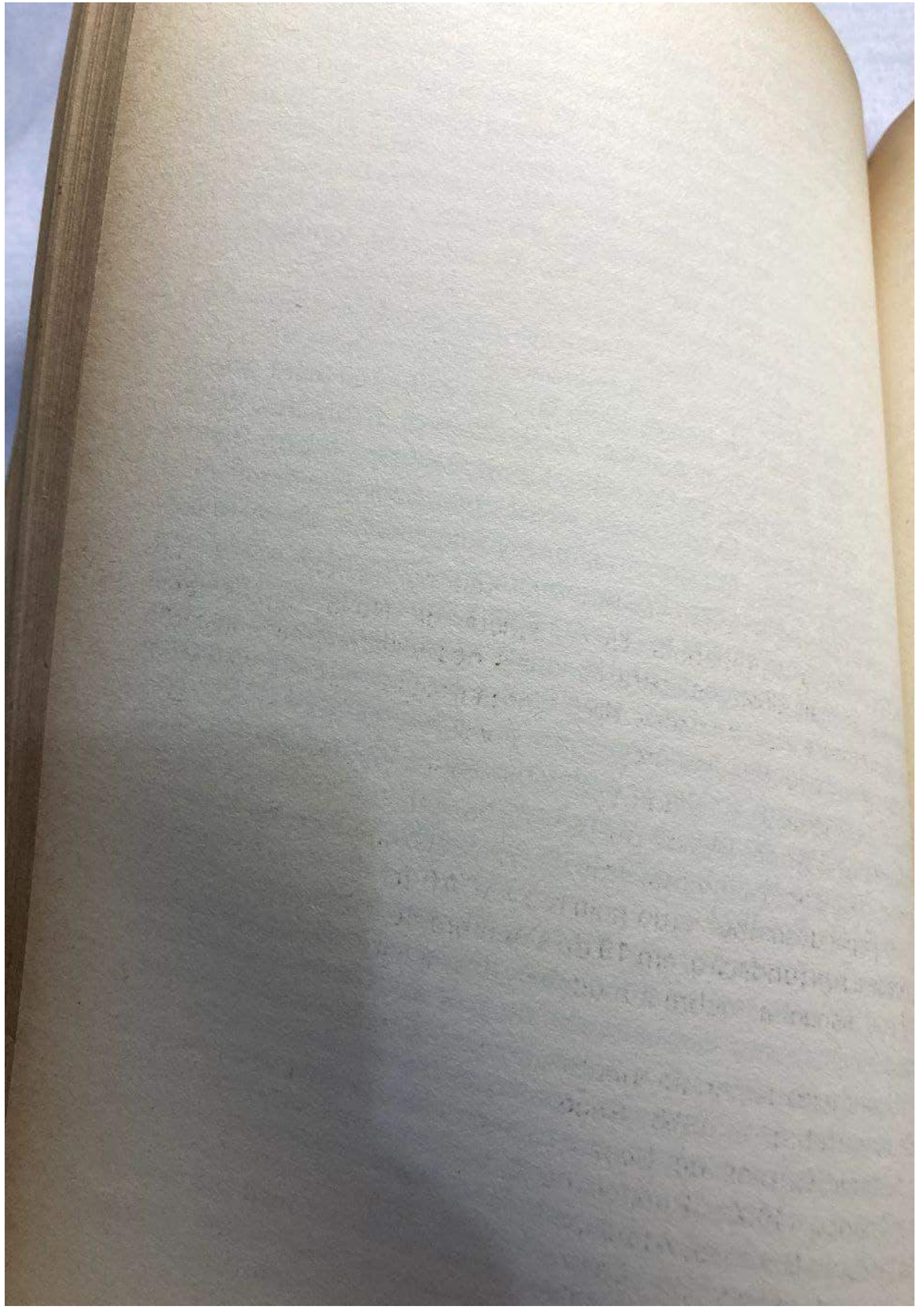
— A idéia do Clube foi em 1959. Os que deram dinheiro para os primeiros filmes do cineminha seriam os fundadores. Eram eles: Walter Galante, Teodoro Bayma de Carvalho, Lauro Santos, Óbdego Batista, depois Gilberto Scarpa, Cyro Soares. Nossas primeiras reuniões eram na Churrascaria do Lago, em construção, num lugarsinho oferecido pelo engenheiro Peri da Novacap. Posteriormente o Clube passou para uma casa de madeira emprestada pela firma Cavalcanti Junqueira. Tratava-se agora de escolher o nome do Clube. Lembrou-se Lauro Santos de que o lago, que estava sendo criado, teria dentro de dias as suas comportas abertas pelo presidente Juscelino e que deveria atingir a Cóta Mil. "Eis o nome" concordaram todos, e assim nasceu o Clube Cóta Mil, cujos fundadores foram os que já mencionei.

— Naquele tempo, quais eram os meios de comunicação e de informação de Brasília?

Com orgulho de pioneira, Talita de Abreu nos informa:

— Não tínhamos telefone, nem imprensa local, os aviões eram raros, o asfaltamento das estradas em preparo. Quem vê hoje Brasília, comunicando-se com todo o Brasil, possuindo jornais diários, enchendo ruas e avenidas de automóveis, apresentando uma área asfaltada como poucas cidades apresentam, ostentando altos prédios, estendendo-se pelo Planalto, contando com teatros e cinemas, um comércio intenso, vários clubes sociais, não pode calcular a alegria de quem viu tudo isto surgir de um deserto.

Talita de Abreu é atualmente uma figura das mais queridas da sociedade brasiliense. Com o pseudônimo de Katucha, exerce, através do "Correio Brasiliense" uma ação nobremente confraternizadora e civilizadora na Nova Capital.



A NOVACAP

Todos os que viemos para Brasília e aqui nos radicamos tínhamos relações com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Eram assuntos os mais diversos, para os quais nos valíamos da orientação, dos conselhos e das decisões dessa organização, que supervisionava e superintendia o nascimento, o desenvolvimento e crescimento de Brasília. Eram questões de aquisição de terrenos urbanos e suburbanos, escrituras de compromissos ou definitivas, serviços diversos de água, eletricidade, abastecimentos, transportes, telecomunicações.

O papel desempenhado pela NOVACAP foi de importância decisiva, desde a sua fundação, em 19 de setembro de 1956, mediante a Lei nº 2.874 que dispunha "sobre a mudança da Capital Federal e outras providências".

O primeiro superintendente foi Israel Pinheiro, que tomou posse em 9 de outubro de 1956. Sucederam-no:

Moacir Gomes de Souza (7-5-60); Segismundo Melo, Pery da Rocha França (1960); Randall Ferreira, Frank May, Francisco Laranja (1961) Afrânio Barbosa, Ataulpa Prego, Feliz Schmidt (1962); Francisco Lopes, Evaristo de Castro (1963); Delpho Pereira, Armando Buchmann, José Luis Pinto Oliveira (1964); Rogério de Freitas (1967); Silvio Jaguaribe (1968); Bernardino de Oliveira (1969); Delpho Pereira, (1970); Geraldo Roberto Orlandi e Valdoir Menezes Ferreira (1972).

A partir de 1961 até 1972, foram desmembrados da NOVACAP os seguintes órgãos:

Abastecimento de Brasília (SAB); Habitações de Interesses Sociais (SHIS); Transportes Coletivos (TCB); Telecomunicações (COTELB), anteriormente DTUI; Eletricidade (CEB, antiga DFL); Águas e Esgotos (CAESB, que substituiu a DAE); Imobiliária de Brasília (TERRACAP, em que se transformou a Diretoria para Assuntos Econômicos).

Fundada com amplos objetivos, conforme rezam os seus Estatutos, o desenvolvimento rápido da Nova Capital, à proporção que atingia ritmos acelerados criando necessidades imperativas, exigiu o desmembramento de numerosos daqueles serviços, para maior eficiência dos trabalhos e execução de planos que iam surgindo dia a dia.

Nestas condições, a NOVACAP, transformada pelos impositivos das complexas questões decorrentes do aceleração do progresso de Brasília, tornou-se hoje parte integrante da Administração do Governo do Distrito Federal, vinculada à Secretaria de Viação e Obras de acordo com a Lei nº. 5.861 de 12 de dezembro de 1972, regendo-se pelos Estatutos então elaborados.

Falando-se do grande acontecimento histórico, de repercussão nacional e mundial, que foi a fundação de Brasília e a mudança da Capital da República, não se poderia omitir o que significou para a realização de tal empreendimento, o herculeo trabalho da NOVACAP

Nós, que residimos neste Planalto, que vimos deserto e hoje vemos nele implantada a importante cidade, não podemos calar o nosso entusiasmo diante da sucessividade dos anos decorridos, em que a ação da NOVACAP foi decisiva.

Os seus superintendentes, a partir de Israel Pinheiro, merecem a homenagem dos que se integraram na vida de Brasília e se orgulham ante a capacidade da raça brasileira em erguer, no espaço de pouco tempo esta oitava maravilha do mundo moderno.

CIDADES SATÉLITES

Do imenso descampado do Planalto, as filhas de Brasília, que brotaram nas terras dos "cerrados", discutem reivindicando cada qual para si as honras de haverem nascido para a Pátria, com formigamento de gentes de todas as procedências e enxames de casaréis a quebrar a monotonia dos vastos horizontes.

— Eu sou a predileta, a mais formosa de quantas surgiram em redor da nossa Rainha - diz Taguatinga, inflada de orgulho. E continua o auto-elogio, exclamando: possuo 150 mil habitantes, minhas quadras se alargam para todos os lados. Caminho com segurança, vou alcançar o Plano Piloto. Meu comércio rivaliza com o da Nova Capital, meus estabelecimentos de ensino oferecem o espetáculo de mais de 40 mil estudantes preparando-se para seu próprio futuro e para o futuro do Brasil. Qual de vocês pode ser igual a mim?

Responde a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante):

— Meu motivo de orgulho é maior do que o teu. Fui o acampamento inicial dos construtores de Brasília. Aqui viveram os pioneiros e candangos quando tudo era deserto. Aglomeraram-se sob os tetos de meus barracos. Fundaram o comércio, abasteceram a Cidade Menina que começava a engatinhar. Pretenderam destruir-me depois que esti-

vesse construída Brasília, mas meu povo revoltou-se, exigindo que eu fosse urbanizada e me fixasse como era o desejo de todos meus habitantes. E aqui estou, com minha vida intensa e guardando no íntimo de meu espírito a glória de ter sido a construtora da Nova Capital.

— Não sejam tão vaidosas, diz a cidade do Gama, interferindo na discussão. Nenhuma de vocês é mais antiga e tradicional do que eu. É verdade que fui criada em 1960, mas antes disso, desde 1958, estavam demarcadas minhas terras, que abrangiam as fazendas do Alagado, Ponte Alta, Ipê e Gama. Eu era a única base em que se apoiavam os desbravadores destes sertões. A partir de 1960, ganhei alento, com o afluxo de famílias do Paranoá, da Vila Amaury e Vila Planalto; então, traçaram o plano de minhas ruas e comecei a ser uma cidade como vocês. Serei em breve o suporte adequado à instalação de indústrias e absorverei maior massa de operários. Rios e córregos nascem na minha região. Tudo sorri ao meu futuro.

Ouvindo o auto-elogio de suas irmãs, lamenta Planaltina: — Considero-me a mais antiga das cidades-satélites. Sempre humilde, meu nome nem consta dos Dicionários Geográficos do Brasil. Entretanto, eu não nasci por influência de Brasília, embora hoje me incluíssem entre as que gravitam em torno da Nova Capital. Muito antes de ser iniciada a construção da grande cidade, eu já existia e, há 50 anos, andaram loteando minhas terras para deverem constituir o Distrito Federal. Não estou descontente com minha sorte. Neste paralelo 15,30, entre os rios Maranhão, Preto, Palmeira, João Pires, Terra Branca e nas cabeceiras do Chapadinha, do Corguinho e São Bartolomeu, recebi o sopro do progresso, sendo urbanizada e preparada para a civilização que vem chegando a estes sertões.

As palavras de Planaltina despertam em Sobradinho a mesma tristeza pelo esquecimento dos geógrafos, que falam de rios, lagoas e acidentes do solo com o seu nome, porém não se referem ao povoado do Brasil Central. E ela diz:

— Estou alegre, contudo, pois com a presença de Brasília passei a existir no mapa do Brasil. O progresso chegou até mim e me sinto renascer para um futuro brilhante.

Atentas ao que falavam as irmãs mais velhas, as jovens Brazlândia e Guará exclamam:

— Somos novinhas, nascemos ontem, estamos crescendo já segundo o figurino.

Guará diz:

— Sou uma, porém com os nomes de 1 e 2. Estou muito satisfeita

com as providências do Governo que me alindam, me fazem catita, para desempenhar meu papel de acolhedora de uma grande população.

A tais palavras, a mais mocinha de todas, Ceilândia, fala com orgulho:

— Meu pai é o governador Hélio Prates. Tirou-me do nada, deu-me vida trazendo o povo que habitava nas "invasões" e em feias favelas e passando uma existência infeliz. Comigo, são entes humanos conscientes da sua dignidade, que prosperam na certeza de um destino melhor. Sou a mais jovem de vocês e, como vocês, vibrando de alegria porque, concorrendo para a grandeza de Brasília, concorreremos para a do Brasil, nossa Pátria querida.

Assim se pronunciando, as Cidades-Satélites, com suas lâmpadas elétricas piscando na noite estrelada, fazem uma roda e dansam alegremente em torno da Nova Capital.

502118 911

COMO SE VIVE EM BRASILIA

Nas vespers da inauguração a Nova Capital estava pronta para dar a sua entrada na História. Parlamentares e funcionários instalavam-se nos apartamentos das super-quadras. Caminhões descarregavam mudanças. Os poucos restaurantes regurgitavam. Ia uma azáfama pelas casas de móveis da Cidade Livre, bazares e mercados daquele núcleo pioneiro com razão chamado Bandeirante, onde os estabelecimentos funcionavam em barracos de taboa, desordenadamente.

As estradas coalhavam-se de carros procedentes de todas as distâncias. Como já narramos, não havendo hotéis suficientes, armavam-se barracas de lona pelo "cerrado". A pista do recém-construído aeroporto, cujas instalações eram improvisadamente de madeira, recebia sucessivamente aviões. Na noite de 20, chegava o Cardeal de Lisboa trazendo a cruz diante da qual frei Henrique de Coimbra celebrara a primeira missa no Brasil.

Depois dos festejos, também já descritos neste livro, integramos na vida do Planalto. A primeira impressão foi a de que efetivávamos a verdadeira Unidade Nacional. Unidade sentimental num convívio que até então não existira. No Rio, as famílias dos parlamentares não se conheciam. Começamos a nos conhecer em Brasília, não nos limitando às relações dos homens, porém extendendo os laços de estima entre nossas mulheres, filhos, parentes. Esse espírito de união iria produzir resultados jamais possíveis no Rio.

A população de Brasília constitui-se de uma elite (classe média e sub-média) e de milhares de operários e trabalhadores rurais. As atividades construtoras no Planalto coincidiram com terrível seca no Nordeste. Em vez de se colherem esmolas, como até então, para acudir os flagelados, foi a estes dado trabalho. Levas sucessivas acorreram a Brasília; atrás delas os que sonharam com um futuro melhor, com a miragem do novo El-Dourado. Quando, no período de 62 a 64 caiu o ritmo das construções, a consequência foi o desemprego, a pobreza.

Já familiarizadas umas com as outras, as senhoras de Brasília uniram-se para amparar as famílias empobrecidas e os menores necessários. Nasceram as instituições visando às obras sociais, hoje plenamente florescentes.

Por outro lado, despontou em Brasília o gosto pelas artes incluindo a tapeçaria e pinturas em porcelana, conforme vem descrito em capítulos próprios deste livro.

A flora do Planalto inspirou artistas em composições de aspectos paisagísticos e outras expressões estéticas, mediante a aplicação de pétalas da região, distinguindo-se nesse labor Gilberto Melo, Angelica Barbosa e Clara Melro.

Outro gênero é o da pintura em tela, em taboa, refletindo a natureza e a estrutura social de Brasília. Destacam-se os trabalhos de Guido Mondim, senador, poeta e pintor, cujas composições têm constituído acontecimentos artísticos e sociais, apresentando figuras de forte expressão e representativas dos dramas das migrações e os quadros típicos em que os candangos são personagens centrais. Neste ângulo de atividades, mencionaremos Ivone Jan, animadora e estimuladora da gente nova, através da sua seção jornalística e das exposições que promove.

Na área da música, freqüentes são os concertos que trazem personalidades de relevo e conjuntos de renome, além do que possuímos como valores locais, a exemplo de Neusa França.

No campo da cultura geral, ou especializada, temos tido conferências e congressos. Já possuímos um Instituto Histórico e uma Academia de Letras. Quanto à pesquisa científica, o Planalto é um desafio a geógrafos, geólogos, botânicos, etnógrafos, zoólogos, sociólogos. São constantes as suas investigações.

No campo religioso, a Nova Capital oferece um quadro edificante. Católicos e evangélicos são assíduos em seus templos, principalmente aos domingos.

A vida social em Brasília é intensa. Trocam-se recepções e jantares nas residências, onde as amizades se consolidam. Promovem-se coquetéis nas Embaixadas, que já se transferiram para a Nova Capital (a maior parte instalada na Avenida das Nações) ou no Hotel Nacional, no Brasília-Palace, no Solar dos Estados, nos clubes do Congresso, Cota Mil, Country e os de índole diversa, como o de "Caça e Pesca", até há pouco presidido por Abel Rafael Pinto, congregando os Nemrods do Planalto, freqüentadores de espaços distantes e dos rios Araguaia, Paracatu e outros que se desenham no mapa de Goiás.

De tudo o que se passa na Nova Capital (casamentos, aniversários, bailes, banquetes, inaugurações, viagens e despedidas) dá conta o "Correio Brasiliense", com uma equipe de brilhantes jornalistas dirigidos por Edilson Varela. Traz semanalmente um "caderno de cultura", sob a direção de Hugo Auler, com artigos de alto nível. Entre o que informa o órgão fundado por Assis Chateaubriand, sob o lema de Camões: "na quarta parte nova os campos ára e se mais mundo houvera lá chegara", há particular interesse pelo que diz Katucha (Talita de Abreu). É a feitura das articulações humanas em Brasília, com sínteses descritivas e coloridos sugestivos. Não se pode ter noção destas vivências e convivências brasileiras sem ela, Sheyla Costa, a equipe do "Diário de Brasília" constituída por Sofia Pila, Rita Lopes e Consuelo Brada, e do "Jornal de Brasília" onde escrevem Terezinha Bracarense e J. Tavares. Ainda no "Correio Brasiliense", cumpre notar Ari Cunha, de grande audiência na sociedade brasiliense.

Como se vê, surgiram o "Diário de Brasília" e o "Jornal de Brasília", sob a direção e colaboração de escritores ilustres, apresentando paginação moderna e revelando poderosa capacidade de sobrevivência. E também a "Vanguarda", dirigida por Vicente Araújo, dando conta do que fazem as classes empresariais da Nova Capital, com uma página atraente de Gilberto Amaral.

Brasília é a cidade ideal para os que se dedicam à produção intelectual. Não perturba o espírito com o tumulto das megalópolis como São Paulo e Rio. O trânsito já começa a complicar-se com milhares de carros em avenidas e ruas sem sinaleiros e pontos de estacionamento abarrotados, mas isto não representa mínima parte do que acontece nas cidades de milhões de habitantes.

As noites decorrem tranquilas. As famílias, quando não há compromissos sociais, ou vão para os cinemas ou aos teatros, ou assistem,

no lar, programas de televisão dos quatro canais, com que Brasília já conta. Há mais socego para leituras, para o convívio doméstico, para as pequenas reuniões de amizades íntimas.

Nas noites limpas, pode-se ver o céu, em toda a sua plenitude e esplendor. O amanhecer e o entardecer são enriquecidos por uma orgia de cores. Tudo convida ao amor por este Planalto.

x
x x

De mim, direi que alterei meus hábitos desde a mudança do Rio para Brasília. Levanto-me, normalmente, às 5 da madrugada e sou daqueles que podem dizer como Rui Barbosa: o sol não me pega na cama. Dessa hora em diante, estou na minha mesa, escrevendo artigos para a imprensa, preparando os livros inéditos e revendo os textos das novas edições. As nove horas - se não há sessão matutina na Câmara - visto minha "roupa de guerra", à maneira candanga, e vou para o meu sítio (pela Novacap chamado "mansão"). Ali me dedico à agricultura, acompanhando o desenvolvimento de minhas quinhentas árvores frutíferas, velando pela horta, que tudo produz, dedicando-me à jardinagem visitando em seus canteiros as flores que me saúdam. Ali convivo com meus cachorros e gatos, papagaios, galinhas e patos. E vejo os beija-flôres voejando em torno dos ibiscos, a sugar o mel de suas corolas. Escuto o canto dos sabiás, os pios das perdizes, o gemido das juritis e vejo o revoar das gralhas, dos anuns, dos pica-paus.

É o que se costuma chamar de higiene mental. E quando o sol anuncia o meio-dia, volto para o Plano Piloto. Almoço sempre em casa. Sigo para a Câmara a fim de que agora funcione o parlamentar.

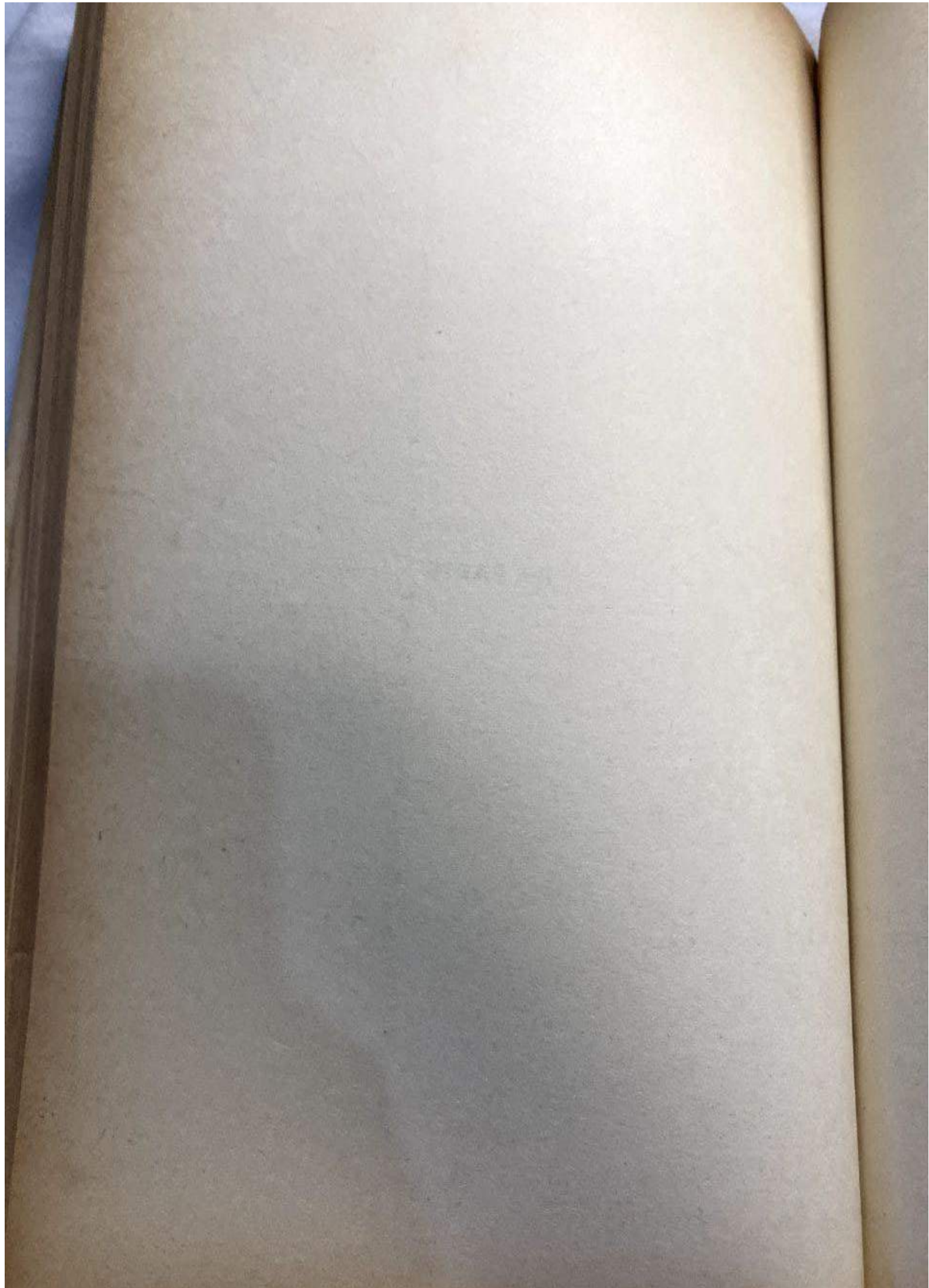
Perguntam-me a que hora me recolho para dormir. Respondo: deito quando posso e levanto-me quando devo. Se me indagam: qual o segredo da sua saúde e vigor e que faz que não envelhece? digo: não envelheço porque não sou tolo, pois que vantagem se tira envelhecendo?

E assim se vive em Brasília. Vejo-a da minha janela, com seus gramados, suas árvores, seus parques infantis; vejo-a no convívio da arteria principal, a W/3, onde me encontro com amigos; vejo-a engastada na amplidão dos horizontes azuis, concretizando, numa expressão sem igual no mundo, o velho sonho dos Bandeirantes.

Durante todos estes anos (1960 - 73) nossa residência foi na Super-Quadra 105, Bloco E, apartamento 405. O tempo faz amizade e aquela nossa morada tornou-se objeto de nossa estima, integrando-se em nossa vida, pelo que sentimos deixá-la transferindo-nos para a Super-Quadra Norte, 302, Bloco D, apartamento 603 onde agora estamos. No entanto,

é com saudade que nos lembramos da 105, do amplo campo visual que nos oferecia, da nossa tão próxima rua comercial, provida de todos os recursos: mercearias, bares, farmácia, barbeiro, cabelereiro, papelaria, lojas, boutiques, casa de flores, lanchonetes, uma rua de intenso movimento de automóveis e pedestres. Dali se via o eixo monumental com suas cinco pistas, os gramados verdejando, o aeroporto ao longe, os horizontes rasgando a linha azul sobre a planura pontilhada de casas. Adeus, 105 e obrigado pelo acolhimento no transcurso dos anos que aí passamos!

IIª. PARTE



Consolidação de Brasília

GOVERNO DE HÉLIO PRATES DA SILVEIRA

Este livro de impressões, observações e reportagem não poderia dar uma idéia exata e completa do que é hoje Brasília, sem relatar, descrever e narrar a ação desenvolvida, em apenas quatro anos, por Hélio Prates da Silveira.

Prosseguindo no esforço de seus antecessores, e animado por um idealismo superior, capacidade de imaginação e iniciativa, sentido de realidades, critérios objetivos e visão global dos problemas que lhe eram propostos, o culto professor e arquiteto vindo do Rio Grande do Sul com uma bagagem de serviços em cargos que se lhe tinham confiado, compreendeu rapidamente o sentido e vulto da tarefa que lhe era imposta. Se Brasília teve um fundador (Juscelino Kubitschek de Oliveira), um construtor (Israel Pinheiro), um planejador (Lúcio Costa), um arquiteto (Oscar Niemayer), e um desbravador (Bernardo Sayão), tem hoje em Hélio Prates da Silveira seu definitivo consolidador.

ANTECESSORES DO ATUAL GOVERNO

Na qualidade de Prefeitos do Distrito Federal, foram, na ordem cronológica, até 1969, antecessores de Hélio Prates da Silveira:

Israel Pinheiro da Silva, Segismundo de Araújo Melo, Bayard Lucas de Lima, Paulo de Tarso Santos, Diogo Lordelo de Melo, Angelo Dar Rizzi, José Sete Câmara Filho, Ivo de Magalhães, Luiz Carlos Victor Pujol, Ivan de Souza Mendes, Plínio Reis de Catanhede Almeida e Wadjô da Costa Gomide.

Hélio Prates da Silveira foi nomeado com a categoria de Governador, em 4 de novembro de 1969, sendo empossado no dia 12 do mesmo mês.

IDÉIAS E PLANOS

Diante de uma cidade que crescia na superfície, acelerando construções e aumentando a população, o novo governador percebeu toda a problemática decorrente desse próprio crescimento. Viu, observou, sentiu Brasília. Compreendeu o de que ela necessitava para o equilíbrio do seu desenvolvimento, que deveria ser harmônico pela conjugação de todos os setores econômicos e sociais. Estudou-os, estabeleceu suas íntimas conexões, traçou um plano geral de governo e empreendeu a obra que lhe fôra designada.

Para isso, era mister um fator essencial: o amor por Brasília. Não há pensamento que se torne em ação eficiente sem primeiro transformar-se em sentimento. O sentimento cria o poder de dinamismo na execução das idéias. De nada valeria a fria técnica, se ela não fosse instrumento a serviço de um sonho.

No "Código de Ética do Estudante", inserido no meu livro "Compêndio de Instrução Moral e Cívica", está esta frase: "Se és incapaz de sonhar, nasceste velho; se o teu sonho te impede de agir segundo as realidades, nasceste inútil; se, porém sabes transformar sonhos em realidades e tocar as realidades com a luz do teu sonho, então serás grande na tua Pátria e a tua Pátria será grande em ti".

x
x x

É exatamente o caso de Hélio Prates da Silveira, transformador de sonhos em realidades. Sem imaginação, não há administração; cai esta na rotina, no "que se tem feito", adere-se às normas de medíocre burocracia e da frase consagrada pelos que não inventam, não sugerem, nada criam de novo, a qual diz: "deixa estar como está, para ver como fica".

Hélio Prates da Silveira vê o presente de Brasília e previsiona o seu futuro, as necessidades que advirão, as providências antecipadas para evitar crises mais tarde.

Do que o Governo do Distrito Federal tem realizado nestes quatro anos de prodigioso avanço do presente para o futuro, daremos breve resumo, tomando por base 1969-70 e 1970-73.

Os setores que abrangem as necessidades de Brasília no atual momento e prevendo os próximos anos, são os seguintes:

Água e esgotos
Energia elétrica
Trânsito e transportes
Tele-comunicações
Assistência Social
Parques e jardins
Obras culturais
Rodovias
Esportes
Saúde
Instrução e educação
Pavimentação
Agricultura.

Daremos, sucintamente, o que vem sendo feito nestes últimos quatro anos.

ÁGUA E ESGOTOS

Realizações em 4 anos. Uma cidade não poderá crescer desordenadamente, sem se premunir do abastecimento de água e de uma rede de esgotos, a fim de evitar as dificuldades hoje encontradas pelas grandes metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro. O aumento progressivo da população exige para esta os meios de sobrevivência e, dentre estes, a água e os veículos sanitários indispensáveis à sua limpeza e condições de salubridade.

O novo governo encontrou, em fins de 1969, 181 quilômetros de encanamentos para água potável, que foi elevado a 225, em 1972, fornecendo ao povo de Brasília naquele ano, em mil litros por segundo, um índice que foi enriquecido na proporção de 2 para 9.

A rede de esgotos, que em 1969 utilizava 108 quilômetros, atingiu, em 1972, extensões de 906 quilômetros. Os tubos de concreto para evasão das águas das chuvas passaram de 69 quilômetros para 92, em 1973.

Com visão mais ampla do problema, o governador cogitou de maiores empreendimentos criando um sistema de barragens e captação de água potável, entre as quais a de Santa Maria (já atualmente dotada de 15 quilômetros de adutoras, permitindo o reforço no abastecimento da ordem de 1.400 litros por segundo); a de São Bartolomeu, que for-

necerá 25 mil litros por segundo, dependendo apenas de cadastramento para desapropriação; e a do rio Descoberto, inaugurada em outubro de 1973, com capacidade para 6.000 litros por segundo.

O rio Descoberto - O abastecimento de água para a nova capital visava, inicialmente, ao atendimento exclusivo da cidade de Brasília, em conformidade com as diretrizes emanadas para uma cidade exclusivamente administrativa e com um teto de 500.000 habitantes. Verificou-se a necessidade de se dispor de uma vazão mínima, de 2,5 metros cúbicos por segundo, o que se tornava impossível sem utilização de qualquer tributário do rio Paranoá. Optou-se, inicialmente, pela utilização do Torto e iniciou-se a barragem do Santa Maria.

O acelerado crescimento de Brasília, o rápido esgotamento dos mananciais que abastecem as cidades-satélites, mostrou a impossibilidade de se continuar a execução de sistemas isolados, exigindo a procura de uma solução capaz de atender ao aumento progressivo da população. A CAESB optou pelo aproveitamento imediato do rio Descoberto.

Foram iniciados estudos geológicos, hidrológicos e topográficos na bacia daquele rio, do que resultou a escolha do local favorável à construção de uma barragem. O decreto presidencial de maio de 1971, autorizou a CAESB a efetuar o aproveitamento do rio Descoberto, com fiscalização da bacia hidrográfica.

Um dos principais objetivos da execução do sistema do rio Descoberto é o de possibilitar o desenvolvimento de vastas áreas localizadas a sudoeste da cidade de Brasília, de modo a concentrar o fluxo econômico e demográfico em locais favoráveis à preservação das bacias hidrográficas destinadas ao abastecimento de água, conforme decisão do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal. A manutenção dessa política, visando a deslocar o desenvolvimento para as áreas onde o controle da poluição pode ser feito de maneira preventiva, iria depender da velocidade na execução das obras no rio Descoberto.

As consequências do sistema do rio Descoberto e o aproveitamento do rio São Bartolomeu garantirão abastecimento de água a uma população superior a 6 milhões de habitantes. De início, ficam abastecidas Taguatinga (150 mil habitantes), Gama (90.000), a recém-construída Ceilândia e a própria Capital, possibilitando a implantação de um Distrito Industrial.

O sistema do rio Descoberto atenderá a múltiplos objetivos: a) abastecimento de água a Taguatinga, Ceilândia, Gama, Núcleos Industriais e Brasília; b) descentralização de Brasília; c) controle preventivo da poluição nos vales dos rios Torto, Descoberto e São Bartolomeu; d)

deslocamento do eixo econômico e demográfico do Distrito Federal; e) desenvolvimento industrial regional.

A "adutora de água tratada" alimenta três sub-adutoras: a de Brasília, dirigida ao reservatório do Guará; a que se dirige à cidade-satélite do Gama e a que vai ao reservatório de Ceilândia.

O Sistema Descoberto constitui a maior obra da história administrativa de Brasília e foi realizado em conjugação com o Plano Nacional de Saneamento, pelo Governo do Distrito Federal, através da Companhia de Águas e Esgotos, do Banco Regional de Brasília e do Banco Nacional de Habitação.

ENERGIA ELÉTRICA

Qual a situação no tocante à energia elétrica, em 1969? Quanto ao consumo, era de 200.000MWh, assim distribuídos: residencial, 69.000; comercial, 63.000; poderes públicos, 34.000; outros: 33.000. Em 1972 tais algarismos subiam a 366.000, nas seguintes porções: residencial, 110.000; comercial, 92.000; poderes públicos, 87.000; diversos, 77.000.

Em relação a luminárias, em praças, avenidas e estradas, os números são eloquentes: em 1969, 15.730; em junho de 1973, 26.329. Calcula-se para até fins de 1973, no mínimo 30.000.

O Governador Hélio Prates da Silveira encontrou a Companhia de Eletricidade de Brasília em situação precária, o que se pode avaliar pelos dividendos distribuídos: em 1969 e 1970, 0,03. Entretanto, mediante providências adequadas, tais cifras subiram em 1971 a 7.899, em 1972, a 12.893, prevendo-se até o final de 1973, 25.000. O patrimônio da CEB galgou o índice de 132 em 1969. ao de 260, em 1973.

TRANSITO E TRANSPORTES

A relação entre a população e o número de veículos no Distrito Federal era, em 1969, de 530.015 habitantes para 28.764 automóveis. A complexidade do trânsito subiu em 1973 de 675.000 pessoas para 84.537 carros. Um veículo para cada 8 habitantes. Deduzindo-se 2.100 táxis,

verifica-se que, além dos carros oficiais de âmbito federal, do Governo local e das Embaixadas, o número de automóveis particulares absorve quase a totalidade dos veículos em trânsito, pois Brasília é uma cidade da qual se diz que os habitantes devem possuir cabeça, tronco e rodas. É evidente o trabalho do Governo para supervisionar, fiscalizar e disciplinar tão grande movimento, o que se observa em dados estatísticos por menorizados, distinguindo-se no Detran a ação do coronel Peçanha.

Em relação aos transportes coletivos, temos de mencionar, preliminarmente, a TCB, empresa pública delegada para o transporte de passageiros no Distrito Federal, pois é ligada ao Governo. No exercício de 1972, a TCB transportou 22.337.141 passageiros, fez 428.644 viagens, rodou 10.450.000 quilômetros. No atual governo, a sua receita atingiu Cr\$ 14.189,04, e sua frota foi aumentada com mais 50 ônibus.

As outras empresas são a Viplan (Viação Planalto Ltda.), Viação Pioneira Ltda., Viação Planeta Ltda., Viação Alvorada Ltda. Suas frotas subiram de 426 veículos em 1971 a 557 em 1972, o que somado aos 175 da TCB, alcançam 732 ônibus para os transportes coletivos de Brasília.

TELE-COMUNICAÇÕES

A COTELB - Companhia de Telecomunicações de Brasília mereceu especiais cuidados do Governador Hélio Prates da Silveira. Encontrou-a em situação financeira nada promissora, com uma receita, em 1969, de seis milhões e duzentos mil cruzeiros, que foi elevada, em fins de 1972, a 25 milhões arrecadados e mais 5 milhões faturados. O número de telefones instalados em 1969 era de 30.170, em fins de 1972 de 56.899, e o previsto para 1973, 65.500. Para atendimento do público, os empregados, que eram 976 em 1969, passaram a 1.379 no final de 1972. Em terminais, as instalações, em 1969, foram de 20.500, atingindo, em 1973, 51.200, segundo previsão.

As ligações interurbanas completadas em 1969 foram em número de 1.869.183 e, ao terminar o ano de 1972, de 2.951.044.

O patrimônio da COTELB que era, em milhões, 24.014 no ano de 1969, alcançou 214.131 em 1973.

Os serviços neste setor estão sendo aprimorados.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

O problema social de Brasília é resultante das migrações desordenadas de indivíduos e famílias que partem de seus Estados em

demanda do que eles chamam Cidade da Esperança. Essas levadas sucessivas do elemento humano, originárias predominantemente do Nordeste, às quais confluem as de outros Estados, sobretudo de Goiás, apresentam aspectos e circunstâncias por vezes espantosas. São casais com 8, 10, 15 filhos, uma escadinha que vai da puberdade à infância e às crianças nos berços de taquara. Essa gente vem sem emprego, sem ao menos conhecer alguém que possa ampará-la e orientá-la.

Como era de se prever, começaram as chamadas "invasões" ou aproveitamento de terrenos baldios ou de propriedade de institutos, onde com as tábuas sobradas dos andaimes de construções, erguiam seus barracos. A Nova Capital começava com as favelas, que constituem gravíssimo problema na Guanabara e já oferecem sua presença em São Paulo e outras capitais.

As "invasões", de vielas tortuosas como as de Canudos, criavam novos problemas de ordem sanitária da maior gravidade. A água ia ser buscada em baldes nos riachos próximos; não havendo esgotos, os habitantes defecavam em sentinas imundas ou em qualquer lugar. As águas das chuvas levavam tais excrementos, infeccionando os córregos e indo ter ao lago. Não havia, pois, condições de salubridade ou de existência humana.

O governador Hélio Prates da Silveira pôs mãos à obra para salvar a Nova Capital dessa chaga. Empreendeu a erradicação das sórdidas favelas.

Tem sido um trabalho prodigioso. Para isso, fundou uma nova cidade-satélite - a Ceilândia. Os algarismos evidenciam os resultados até agora colhidos: barracos desmontados a partir de 27 de março de 1971, até 6 de março de 1972, 14.774; pessoas transferidas para Ceilândia, 81.221.

As unidades habitacionais, a cargo da SHIS, atingem 10.313 construídas; 6.782 em andamento; 6.224 projetadas; 1.656 em estudos (Taguatinga Norte) e 1.328 (Ceilândia).

Outro problema que se apresentava era o dos menores carentes de recursos para sua sobrevivência e preparação para a vida de adulto (educação, instrução, profissionalização). Integrados em suas famílias necessitadas, ou por insuficiência de salários, ou pelo desemprego, cumpria formular uma política de promoção tanto dos menores como de suas famílias.

O quadro era complexo, pois o problema do menor decorre de numerosas causas, tais como: deficiência de condições internas da

família (habitação precária, pobreza extrema, atraso cultural, instabilidade dos pais, alcoolismo, psicopatias, prostituição; baixo nível de renda; uniões transitórias ou uniões posteriores com a rejeição dos filhos da união anterior; desorganização familiar decorrente da dissociação da família por morte, deserção, desquite ou separação).

A Secretaria de Serviços sociais, face a tais circunstâncias, traçou um programa objetivando: fortalecer as famílias carentes, para pô-las em condições de desempenhar seus deveres em relação aos filhos; assistir os menores, protegendo-os, orientando-os, visando evitar a sua marginalização.

Para atingir esses fins, foram criados os Centros Integrados de Atenção ao Menor, os quais enquanto buscam o fortalecimento do núcleo familiar, voltam suas vistas, prioritariamente, para as crianças de 0 a 7 anos, idade em que os cuidados garantem um desenvolvimento harmônico físico, psicológico, mental e social.

As primeiras unidades do sistema de Centros Integrados de Atenção ao Menor estão sendo instalados em Brazlândia, Gama, Ceilândia e Planaltina.

A faixa etária de 7 a 14 anos é de suma importância na consideração do problema do menor. Diz o lúcido relatório da Fundação do Serviço Social de Brasília: "A época que vivemos, sobretudo, de transição da sociedade, de tradicional — rural para urbano — industrial, faz emergir uma série de problemas, de grande complexidade para a família e para os menores. A manutenção da família exige a participação da mulher, com o trabalho fora do lar e, nas mais das vezes, também à dos filhos ainda menores. Não contando com o atendimento das necessidades mais elementares, as crianças são forçadas a exercer atividades que lhes permitam contribuir para o orçamento familiar, quando não a assumir todos os encargos de sua manutenção. "Esta programação" (refere-se a assistência e orientação do menor) "é de base comunitária e desenvolvida através de convênios ou acordos de participação com grupos voluntários".

Realmente, as iniciativas particulares, de que é modelo, para todo o país, a "Ação Social do Planalto", têm merecido da Fundação auxílios "per capita" para certo número de menores. Estas instituições de caráter privado acham-se entrosadas com o Poder Público no desempenho de suas nobres funções.

Cogita, ainda, o Serviço Social do Distrito Federal, dos casos de órfãos de pai e mãe e dos abandonados, conseguindo famílias que os aceitem e estabelecendo três tipos de colocação: gratuita, paga ou

auxiliada, e também, das necessidade de internamento. Para tal, existem convênios com 11 entidades. Foi idealizada se tornando realidade, a "Casa Lar" (Granja das Oliveiras) para menores de 2 a 16 anos e permanência até 18 anos. São 10 "Casas-Lares". O objetivo é dar condições ao menor de um desenvolvimento equilibrado, psico-sócio-emocional. A "Casa-Lar" se aproxima da existente nos lares de famílias numerosas. Tem como meta significar ao menor que está na sua casa, podendo nela sentir-se à vontade. A casa é dirigida por uma chefe de lar, à qual caberá estar atenta ao comportamento dos menores, dispensando-lhes a atenção e carinho dedicados a seus próprios filhos.

Há, entretanto, uma questão grave: a proteção ao menor de conduta anti-social, incluindo o menor infrator. Em vias de realização, está o Centro de Reeducação do Menor, na Granja Luiz Fernando.

PARQUES E JARDINS

Superior a qualquer cidade do mundo, Brasília assenta seus edifícios e rasga suas avenidas sobre um painel verdejante de gramados, que se estendem como tapetes e apresentam o colorido das árvores nativas ou aclimadas na região.

Cuidando da infra-estrutura e das necessidade vitais da nova Capital, no presente e no futuro, o governo de Hélio Prates da Silveira dedicou a sua atenção aos aspectos decorativos da Cidade da Esperança.

Encontrou, em 1970, cerca de 500 mil metros quadrados de espaços de grama. Logrou, em três anos, elevar essas áreas a 1.657, estando previstas 2.257 para 1973.

A arborização que, em 1970, era de 686 mil árvores, já atingiu, em 1973, em todo o Distrito Federal, 1.821.000.

São mantidos hortos produtores de mudas de árvores ornamentais e de flores, que sustentam os trabalhos de parqueamento e jardinagem de Brasília.

OBRAS CULTURAIS

Brasília já atingiu elevado nível científico, literário e artístico. Possuindo três Universidades, amplas áreas de cursos médios, em que se destacam estabelecimentos governamentais e privados, entre estes os Maristas, Salesianos, Lassalistas, para a nova Capital afluiram altos

valores no mundo das letras e das artes, constituídos por magistrados, parlamentares, militares e elementos do funcionalismo. Na Câmara e no Senado, encontramos escritores, poetas, pintores consagrados em todo o país. Na área do professorado, numerosos ensaistas e literatos.

O desenvolvimento material da cidade é, portanto, acompanhado pelo desenvolvimento cultural, que estabelece suas bases de influência extensiva a todo o país. Ao mesmo tempo, Brasília atrai personalidades expressivas da cultura brasileira, em congressos, conferências, simpósios, exposições de artes plásticas, concertos, criando uma atmosfera propiciadora da vida intelectual.

A todas essas iniciativas o Governador tem concorrido com seu estímulo, sendo coadjuvado pela Fundação Cultural, o alto espírito do Secretário da Educação, general Cachapuz e pela sensibilidade artística de Caio Prates da Silveira.

Tudo isto, entretanto, não bastava ao seu idealismo e capacidade de iniciativas. Com propósitos mais amplos, imaginou algo de novo em nosso país: o "Espaço Cultural".

Para isso chamou o arquiteto e urbanista Sergio Bernardes, confiando-lhe o projeto do grande empreendimento, o qual assim se expressou: "Quando me foi proposto, por S. Excia. o Governador do Distrito Federal, arquiteto Hélio Prates da Silveira, o tema de um projeto para o Centro Cultural de Brasília, recebi-o com a maior emoção".

O "Espaço Cultural" compor-se-á de um grande auditório para congressos e conferências, dotado de foyer, palco, platéia para 1.382 assitentes, cabines para tradução simultânea, para imprensa falada e escrita, salas destinadas a estudos e reuniões. Dois auditórios comportando mais de 200 pessoas, destinados a aulas, palestras, ensino de música e atividades afins. Ainda mais dois auditórios, que conterão cerca de 300 participantes, com características de teatro experimental, dispondo de foyer, palco, platéia, cenários, camarins, oficinas, salas, de estudos e ensaios, cabines de projeção, visando ao ensino da Arte Dramática, Centro de Comunicações e Expressão Corporal.

Sustentados por um arco, estes auditórios, formam a cobertura de grande praça, de vão absolutamente livre, piso de madeira aparelhada, onde se intalarão feiras de arte, exposições, concertos ao ar livre e outras utilizações.

A praça tem como continuidade, no sentido Este-Oeste, a natureza representada pelas árvores, cascatas, lagos e pássaros. Prolonga-se, através de um bosque, à Praça de Convergência, continuando até a Praça de Apoio e à Praça dos Namorados. Sob essa cobertura abrigam-se lojas dispondó de artigos de utilização para diversas artes (telas, tintas,

ferramentas, papéis, couros, cordas, aparelhos de som, livrarias). La-
deando a cobertura, duas faixas suspensas em pilares, constituem arqui-
bancadas voltadas para os lagos e as instalações para a Fundação
Cultural de Brasília. No lado Sul, encontram-se os ateliers, nos quais os
cientistas e artistas terão tudo o de que precisam ou para suas pesquisas,
ou para suas criações ou experiências e ensaios artísticos. No lado Norte,
está situada a biblioteca, atendendo a consultas estéticas, científicas e
tecnológicas.

Ergue-se aí o Planetário, colocado em uma edificação "sui-
gêneris": o encontro do espaço com as águas. A cúpula do Planetário
tem um envoltório de concreto, formando um aquário.

Estas obras, iniciadas em 5 de março de 1973, devem estar ter-
minadas em 5 de março de 1974.

SERVIÇOS RODOVIÁRIOS

Resumamos:

Brasília-Unai - Pavimentação - Início: 1/12/71; conclusão: 15/10/73
(32,2 quilômetros).

Brasília-Gama - Terraplenagem e pavimentação - Início: 23/11/72;
conclusão prevista: abril de 1974 (37,3 quilômetros).

Estrada Parque-Contorno - Terraplenagem e pavimentação - Início:
5/12/72; conclusão: 31/8/73 (5,1 quilômetros).

Brasília-Sobradinho, Planaltina, Formosa - Recapeamento - Início:
19/6/73; conclusão: 16/9/73 (6 quilômetros e 320 metros).

Plano Piloto - SHIS Sul - Início: julho de 1973; conclusão: dezem-
bro de 1973. Ponte, 300 mts.

Prolongamento do Eixo fronteiro ao Palácio Buriti - Início: julho de
1973; conclusão: agosto de 1973 (680 mts. de pista.).

Brasília-Gama(duplicação) - Início e conclusão em 73. (3 quilôme-
tros e 944 mts.).

Brasília-Taguatinga (duplicação) - Início e conclusão em 1973
(5 quilômetros e 655 mts.).

Ligação SIA ao Plano Piloto - Início e conclusão em 1973. Serviços
de passeios, pavimentação e meios-fios em Taguatinga, Gama, Brazlân-
dia, Ceilândia, Guará II, Núcleo Bandeirante, Sobradinho e Planaltina - a
completar em 1973.

Urbanização, setor das Embaixadas e outros serviços a serem
concluídos entre 1973 a 1974.

Por estes sintéticos apontamentos, tem-se uma noção do que foi e
está sendo realizado pelo atual Governo de Brasília.

Observações de [illegible]
e [illegible]

[illegible]
[illegible]

O es
desenvol
em toda
predomi
empolga
tso, c
ipismo.
diversos
estimul

A
campis
popula

U
Conjun
aprop
extens
pavilh
desc
área
tes e
gram

tor p
metr
mod
depr
com
mas
cas
ten

çã

de
É
da

ESPORTES

O esporte e o atletismo em Brasília têm acompanhado o ritmo do desenvolvimento da nova Capital. Evidente que o futebol, generalizado em todo o país, e sendo assunto obrigatório das classes populares, é o predominante na nova Capital. Entretanto, outras atividades atléticas empolgam aficionados, tais como voleibol, tênis, salto, boxe jiu-jitsu, caratê, natação, remo, os diversos tipos de ginástica, o hipismo. Era natural que a Hélio Prates da Silveira, as expressões desses diversos setores da educação física sugerissem providências adequadas e estimuladoras.

Além dessas atividades, havia a considerar o automobilismo e o campismo, ambas constituindo, nos dias atuais, motivos de interesse das populações brasileiras.

Urgia a construção de um estádio, porém mais do que isso, o Conjunto Desportivo. Como integrante deste, o Autódromo de Brasília, apropriado para a realização de competições automobilísticas. Com uma extensão de 5 quilômetros e 475 metros de pista, é centralizado por um pavilhão que comporta tribunas e cadeiras numeradas, arquibancadas descobertas, torre de cronometragem e comando, torre para rádio e TV, área de 910 metros quadrados para alojamentos, conjunto de lanchonetes e sanitários. Incluem-se estacionamento, bilheterias, castelo d'água e gramados em torno do Autódromo.

Com a construção do Autódromo, cogitou-se da criação de um setor para a utilização dos adeptos do campismo. É um bosque de 2.038.233 metros quadrados com as seguintes características: 781 lotes (cédulas modulares), cada qual com 13.549 metros quadrados e as seguintes dependências: recepção com casa do guarda; prédio-sede do Camping com restaurante, micro-mercado, lavanderia, salão de cabeleireiro masculino e feminino, posto médico, enfermaria e banca de jornais, castelo d'água, sanitários com banheiros, tanques, áreas de entretenimento infantil e de adultos e áreas de esporte.

Atualmente, essas obras estão em fase de desmatamento e licitação.

Referimo-nos, no início deste relato, às diferentes atividades desportivas, entre as quais se destaca, predominantemente, o futebol. É o momento de falarmos do Estádio de Brasília. A obra oferece capacidade para 110.000 espectadores, em uma área de 70 mil e oitocentos metros quadrados. Faz parte do Conjunto Desportivo. Foi iniciada em 22 de maio de 1973, para ser concluída no fim do mesmo ano.

Além do Hospital Distrital nº 1 e Hospital Distrital L-2, no Plano Piloto, e os do IAPI, da Marinha, do Exército e os de iniciativa particular, Brasília e as cidades satélites necessitavam de outros estabelecimentos para atender a uma população que vai crescendo dia a dia.

O Governador pôs mãos à obra, com o Pronto Socorro e o Distrital de Taguatinga.

O Pronto Socorro - prédio de oito pavimentos, possibilitará atendimento simultâneo a 90 pacientes, com instalações de Oxigênio, Raios X, Vapor, Ar Condicionado, Protóxidos de Azoto, Ar Comprimido, Vácuo, Central de Circuito de TV, Central de Som, Central Diesel de Emergência. O início da construção foi a 23 de maio de 1973 e a conclusão prevista para 17 de janeiro de 1974.

O Hospital Distrital de Taguatinga compõe-se de seis blocos: Internação, Pronto Socorro, Laboratórios, Centro Cirúrgico, Serviços Gerais e Ambulatórios. Iniciado em 31 de maio de 72, atingiu a conclusão em outubro de 73.

O número de leitos hospitalares, em 1969, era de 1.033 e, em 1973, de 1.337. Os atendimentos, em 1969, atingiram a 809 mil e, em 1973, elevaram-se a 1.331.00.

O quadro abaixo mostra a evolução progressiva da rede hospitalar no D.F. de 1969 para 1973:

Distrital L-2	- 86 em 1969	- 231 em 1973	
" do Gama	- 270	" " - 290	" "
S. Vicente de Paula	- 91	" " - 107	" "
Sobradinho	- 100	" " - 171	" "
Brazlândia	- 0	" " - 48	" "
Planaltina	- 0	" " - 48	" "
Polícia Militar	- 0	" " - 24	" "
Pronto Socorro	- 0	" " - 80	" "

Estes algarismos indicam haver em 1969 a disponibilidade de 1.033 leitos, aumentada para 1.875, em 1973.

INSTRUÇÃO

Havia, em 1969, em Brasília, 3.765 professores do 1º grau e em 1973, o número subiu a 5.991. Do 2º. grau, 2.478, em 1969 e 2.887 em 1973.

As salas de aula do 1º grau passaram de 738, em 1969 para 849, em 1973, acrescendo as destinadas a excepcionais, que não existiam em 1969 e são, agora, em número de 287 salas.

Quanto ao 2º grau, as 396 salas foram acrescidas de mais 164.

PAVIMENTAÇÃO

Até o ano de 1969, a área pavimentada de Brasília era de 12.936.037,00 metros quadrados. O Governo atual elevou esse número para 14.360.491,00 metros quadrados.

AGRICULTURA

Quando se fundou e se inaugurou a nova Capital, uma das acusações que levantavam os seus opositores era a de que as terras em redor eram completamente estéreis. Entretanto, os habitantes de Brasília começaram a cultivar a área do Distrito Federal. Não iremos aqui tratar da evolução desse trabalho, nem nos referirmos às condições do solo, às correções de que ele necessitava e à cooperação dos fertilizantes indispensáveis a qualquer tipo de terreno. Diremos, apenas que o desenvolvimento das atividades agrícolas, nas terras que circundam Brasília, tem sido progressivo. Surgem pequenas fazendas, sítios, chácaras e granjas, reverdecendo baixadas e encostas, aproveitando a humidade dos riachos e das grotas em que, ao contrário da vegetação torturada dos cerrados, erguem-se árvores de elevado porte.

Seremos sucintos no apreciar este desenvolvimento e o estímulo que lhe têm dado os Governos. Para isso, bastam os algarismos.

A Secretaria da Agricultura e Produção, tendo como instrumento a Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, apresenta-nos os seguintes dados, que são demonstrativos do que se tem feito e do que realizou o Governo de Hélio Prates da Silveira.

Quanto ao fornecimento de fertilizantes, atingia, em 1969, 390 toneladas, alcançando, em 1973, o volume de 3.185. No que concerne a defensivos para a lavoura, o valor em cruzeiros, no ano de 1969, foi de 56.000, chegando, em 1973, a 280.000. No tocante à distribuição de

sementes, os suprimentos em 1969, foram no valor de Cr\$ 28.300,00, ao passo que, em 1973, se elevaram Cr\$ 627.030,00. Sendo a luta contra as formigas uma preocupação constante do lavrador, a Zoobotânica, que em 1969 fornecera formicida no valor de Cr\$ 19.600,00, supriu os agricultores em 1973 com Cr\$ 217.620,00.

O Departamento de Recursos Naturais produziu, em 1969, 954.331 mudas e, em 1973, 1.278.965.

Vale a pena visitar, por exemplo, o Viveiro das Plantas Ornamentais do Departamento de Parques e Jardins que abastece praças e avenidas de Brasília, residências oficiais e entidades filantrópicas, com suas seções de pesquisa, paisagismo, floricultura, gramíneas e arboricultura, assim como o Parque Botânico, de caráter recreativo e didático, que está sendo implantado.

Os agricultores tiveram, por intermédio do Banco Regional, créditos rurais no valor de Cr\$ 8.239.960,00, em 1973, contra... Cr\$ 4.857.157,00, em 1969.

BANCO REGIONAL DE BRASÍLIA

Entre as grandes realizações do governo Hélio Prates da Silveira, é forçoso destacar a que se refere ao Banco Regional de Brasília. As circunstâncias em que o Governo encontrou esse estabelecimento não eram nada promissoras. Homem experiente em assuntos bancários e com anterior tirocínio no exercício de cargos nesse setor das atividades econômico-financeiras, a sua preocupação inicial foi a de dotar o Banco Regional de capacidade técnico-administrativa imprimindo aos seus negócios uma firme orientação.

Para isso, foram escolhidos Diretores de seguros conhecimentos bancários, adquiridos em longa prática, os quais, preliminarmente, estudaram a situação sob seus diferentes aspectos e começaram a executar um trabalho cujos resultados logo se evidenciaram nos primeiros meses dos esforços desenvolvidos.

O capital e reservas do Banco, em fins de 1969, era de 7 milhões e 128 mil cruzeiros que atingiu, no primeiro ano da nova administração, 17.589.000,00 passando no ano seguinte (1971) e nos subsequentes, à progressão de 38.057.000,00, 54.426.000,00, 63.345.000,00, e subindo, em 1973, a 73.500.000,00.

Em 1969, não havia dividendos, mas em 1970 acusaram a cifra de 6.291.000,00, passando a 7.397.000,00, a 18.000.000,00, em 1972 e

chegando, pelos resultados do primeiro semestre de 1973, a uma previsão de 21.000.000,00.

O Banco Regional de Brasília tornou-se o dínamo propulsor de todos os grandes empreendimentos governamentais e o incentivador do progresso nos campos da agricultura, da indústria e do comércio, superando o Banco do Brasil nas aplicações efetuadas no Distrito Federal.

A Carteira de Crédito Industrial e Operações Especiais contribuiu, até 1972, para as empresas estatais, com a cifra, elevada posteriormente, de Cr\$ 152.294.430.53.

No setor privado, concorreu com Cr\$ 67.979.878,39, até 31 de dezembro de 1972. Desta sorte, o Banco tem sido poderoso propulsor do progresso da Nova Capital.

A atual diretoria está assim constituída:

Presidente: Antonio Fragomeni; Diretores: Crédito Rural: Antonio Ferreira Alvares da Silva; Crédito Geral: Marcelino Federal Hermida; Crédito Industrial: Silvio Werneck Teixeira; Administrativo: Luiz Gonzaga Furtado de Andrade.

FINANÇAS

É evidente que, como infra-estrutura de quanto realizou no curto espaço de quatro anos o atual Governo do Distrito Federal, era indispensável o equilíbrio da situação financeira.

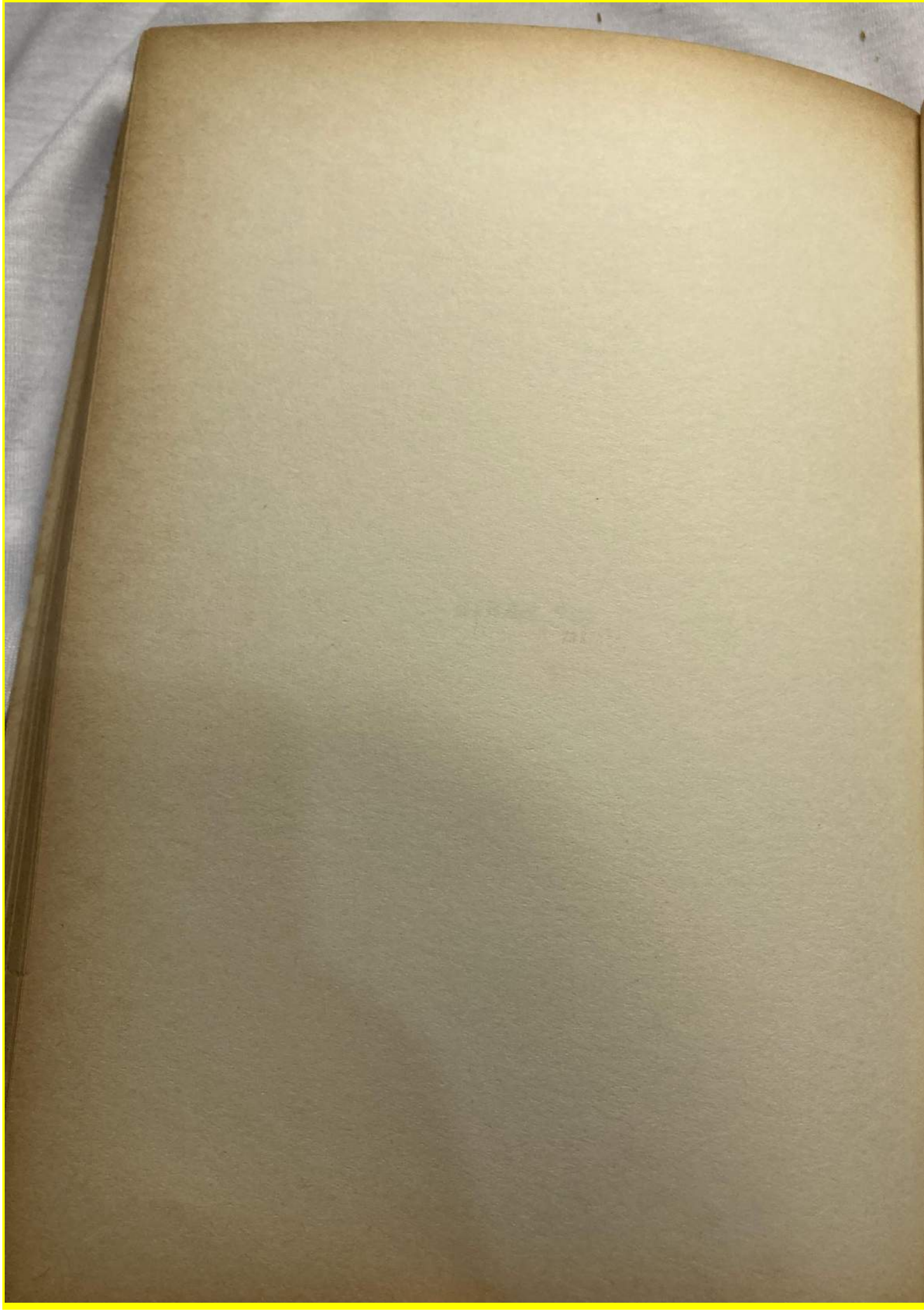
O quadro demonstrativo (que seria longo reproduzir neste relato), traz os dados precisos da evolução do que concerne às receitas orçadas, próprias, arrecadadas e patrimoniais, participação em tributos federais e transferências da União. Pelos algarismos comparativos dos anos de 1969 e 1973, verifica-se a segurança e clarividência que nortearam a gestão administrativa nesse período.

Inteligentemente, o Governador não contou apenas com a renda normal proveniente das arrecadações efetivas, pois valeu-se, visando a obtenção de recursos para as obras realizadas, de outras fontes, oriundas de empresas vinculadas ao DF, como se viu no parágrafo anterior em que tratamos do Banco Regional de Brasília.

CONCLUSÃO

Tal como se vê, neste breve resumo, o que têm sido o Governo de Hélio Prates da Silveira em Brasília. Se a obra da consolidação da Nova Capital veio sendo empreendida nos sucessivos Governos anteriores, embora em ritmo mais lento em face das circunstâncias que se ofereciam, o atual Governador constituiu-se em definitivo consolidador, por tudo quanto fez em tão reduzido tempo. Quando deixar o cargo que desempenhou com tamanha eficiência, legará ao seu sucessor um exemplo de trabalho, que deve ser seguido e acrescentado no curso dos dias futuros.

IIIª. PARTE



Vida social

ALMA DE BRASÍLIA

Uma cidade, modernamente construída, com arquitetura original, adornada de parques e jardins, uma população que já atinge, em apenas 13 anos, mais de meio milhão de habitantes, tudo isto circundado por uma linha de horizonte que parece ter sido traçado a compasso, há de ter forçosamente uma alma, exprimindo seu nobre sentido de vida e se revelando em elevados sentimentos e aspirações.

Os que, de início, procuravam combater a Nova Capital (são hoje bem poucos) nada podendo dizer contra Brasília, pois até a poeira, tão malizinada, desapareceu com o término das maiores construções e a abertura de ruas e estradas pelo asfalto, repetiam o refrão deprimente: "é uma cidade sem alma".

Sem alma, "desumana", onde os que para ela se transferiram sofrem o "banzo", mergulhando em melancolia nostálgica e depressões nervosas.

É necessário perguntar aos detratores de Brasília: que é que vocês entendem por alma de uma cidade? Que conceito têm vocês do humano e do desumano?

Ora, essa alma e essa humanidade são constituídas por sentimentos patrióticos, religiosos, estéticos, por atividades sociais, culturais, artísticas, o que tudo somado é a manifestação do espírito de uma comunidade.

Para se ter noção da alma de Brasília, cumpre assinalar o que ela nos apresenta como expressão de convívio e de ideal e esta se revela na existência e funcionamento de centros de atração dos elementos singulares para a comunhão de uma pluralidade significativa do grau de afirmação e progresso espiritual.

É o que fazemos nesta terceira parte do nosso livro, como se verá nas páginas seguintes.

BRAZÃO, BANDEIRA E HINO DO DISTRITO FEDERAL

A Bandeira Brasileira é cultuada como objeto do grande amor da população de Brasília. O Congresso durante as sessões da Câmara e do Senado, hasteia em dois mastros o pavilhão nacional. O mesmo fazem os poderes Executivo e Judiciário, em frente aos respectivos palácios durante seus trabalhos. O Governo mandou erigir um mastro monumental, em cujo topo se desfralda a Bandeira Verde-Amarela, de grandes dimensões, mensalmente renovada pelos Governadores dos Estados que, para isso, comparecem à Nova Capital.

Mas Brasília possui também a sua Bandeira e o seu brasão d'armas. São imagens idealizadas por um poeta, o grande Guilherme de Almeida e por ele, como mestre de heraldica, executadas. Na verdade, a cidade magnífica erguida no Planalto Central, nasceu e tem vivido ao sôpro da Poesia. Sua primeira missa, no Cruzeiro, quando ainda nada existia nos "cerrados", não foi apenas uma expressão do sentimento religioso que animava os fundadores, mas também um ato de pura inspiração poética. A inauguração respirou numa atmosfera de poema lírico e épico, vindo de Portugal o Cardeal Patriarca de Lisboa, portador da Cruz diante da qual Frei Henrique de Coimbra celebrou a primeira missa no Brasil e a cerimônia, a meia noite, realizou-se com esplendente expressão estética.

Era a alma de Brasília que se manifestava, na evocação histórica e na previsão do futuro.

O espírito da Nova Cidade buscava, entretanto, a significação de seus nobres anseios, numa simbologia capaz de traduzir o que pensavam e sentiam os seus habitantes: seria o brasão de armas do Distrito Federal e a sua Bandeira, para confraternizar com as dos demais Estados Brasileiros, em torno da grande Rainha, que é a Bandeira Nacional.

O intérprete dessa aspiração foi Guilherme de Almeida, por todos os títulos indicado: eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros em sucessão a Olavo Bilac, trazendo no sangue o pensamento paulista da expansão territorial da Pátria. Seu projeto foi aprovado na sua dupla apresentação: o Brasão e a Bandeira. O primeiro pelo Decreto de 12 de setembro de 1960, resume-se na descritiva do próprio poeta: "Escudo quadrangular em sinople, com uma caderna de setas de ouro em cruz, farpadas e emplumadas do mesmo e movente centro. Coroa mural de ouro de quatro torres e sua porta cada uma. Cartela: um dos pilotis do Palácio Alvorada. Divisa: "Venturis Ventis" de ouro incisa em bisel na cartela".

A Bandeira de Brasília, aprovada pelo Decreto de 25 de agosto de 1969, inspira-se no Brasão de Armas. Diz:

Art. 1º - Fica instituída a Bandeira do Distrito Federal, como consta do desenho a cores em anexo, elaborado pelo saudoso Guilherme de Almeida, Príncipe dos Poetas Brasileiros e autoridade em Heraldica, e assim descrita pelo autor:

"Sobre campo branco, símbolo da paz nas auras dos ventos que hão de vir, apõe-se escudo quadrangular de sinople com uma caderna de setas de ouro em cruz, farpadas e emplumadas de ouro e moventes do centro.

"No escudo, o verde e o amarelo do seu esmalte único (sinople) e do seu único metal (ouro) juram fidelidade aos símbolos nacionais.

"Do índio, legitimidade primitiva do Brasil, conserva-se um nobre elemento já consagrado pela heraldica de todos os tempos: a flexa.

"Quatro setas partidas do centro para Norte-Sul e Este-Oeste: rosa dos ventos, ação centrífuga do poder.

"Dispostas em cruz pela composição em caderna, repêtem essas quatro setas o permanente emblema que no céu (Cruzeiro do Sul), no mar (a cruz das velas descobridoras) e na terra (o lenho da primeira missa) vem presidindo o nosso destino cristão.

"Na Heraldica, que tantas cruzes já tem (a Grega, a Latina, a de Santo André, a de Lorena, a de Malta, a de Aviz, a da Ordem de Cristo, a Gamada) cria-se, assim, uma nova cruz: a Cruz de Brasília.

formada por quatro setas de vôo oposto.

"Inovações, mas não profanações, pois que não ferem dogmas da velha Ciência e Arte da Armaria, buscam atualizar a Heraldica, harmonizando com o espírito de Brasília estas armas. São essas inovações: a redução do escudo a simples quadrilátero, observante do canon de sete módulos por oito (área intocável do campo) mas divergente das soluções curvilíneas do gótico, do sanítico, do anglicano, do português".

Na inauguração do Palácio Buriti (sede do Governo do Distrito Federal) flutuou nos ares do Planalto a Bandeira de Brasília.

Complementando os símbolos heraldicos da Nova Capital, veio o Hino de Brasília, (música de Neusa França e letra de Geir Campos), aprovado por decreto de 19 de julho de 1961.

RELIGIÕES EM BRASÍLIA

O povo brasileiro é historicamente católico e tradicionalmente cristão. Vindo para Brasília, trouxe as suas crenças e a dedicação a seus cultos religiosos.

O primeiro ato público de expressão religiosa, foi a missa no local denominado Cruzeiro, celebrada pelo Arcebispo de São Paulo. Na inauguração da Nova Capital, o ponto alto foi a celebrada pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, diante da cruz por ele trazida que esteve no altar da Primeira Missa no Brasil, em 1500. Naquela data (21 de abril de 1960) D. José Newton de Almeida Batista assumiu a Arquidiocese de Brasília. A catedral encontrava-se em início de construção, pelo que os serviços arquidiocesanos se realizavam provisoriamente na Igreja de Santo Antônio.

Atualmente, as paróquias de Brasília contam com as seguintes igrejas:

Aza Sul - Santíssimo Sacramento, Sagrado Coração de Jesus, Santa Rita de Cássia, N.S. de Fátima, Santa Cruz, N.S. do Carmo, Cura d'Ars, S. Judas Tadeu, S. João Bosco, Santuário de Fátima, Santo Antônio, sendo mais tradicional a conhecida pelo nome de Igrejinha, que deu o nome à rua fronteira.

Aza Norte - N.S. das Graças, N.S. Consolata, Verbo Divino, São José, Espírito Santo, N.S. das Dores.

Taguatinga - São Vicente de Paulo, N.S. de Fátima.
Sobradinho - N.S. de Fátima.
Gama - São Sebastião.

As igrejas cristãs não católicas, contam com os seguintes templos:
Igreja Memorial Batista, Igreja Evangélica Luterana, Igreja de
J.Cristo dos Santos dos Ultimos Dias, Igreja Episcopal, Igreja Adventista,
Igreja de Cristo.

Inaugurou-se recentemente o templo da Igreja Católica Brasileira.
Existem em Brasília, também, sociedades e centros espíritas.
Em 1973 foi construído um templo budista.

O espírito religioso de Brasília manifesta-se, sobretudo, nas festas
de Natal, durante as quais o Governo instala belo presépio em praça
pública e ilumina as avenidas da cidade, no que é acompanhado pelos
estabelecimentos comerciais.

SOCIEDADE BRASILIENSE

1) - *Vida diplomática* - Recepções, coquetéis, concertos musicais, presença em solenidades e festas brasilienses, tudo isso é a cooperação das representações estrangeiras na Nova Capital. Vieram, pouco a pouco, instalar-se na Avenida das Nações, construindo prédios elegantes com vista para o lago, ou se fixando na Península Sul e mansões suburbanas. Embaixadores e embaixatrizes manifestam seu prazer em habitar numa cidade nova, circundada de belíssimos horizontes. Confraternizam-se com a sociedade local.

Atualmente estão em Brasília as seguintes embaixadas ou legações:

Africa do Sul, República Federal da Alemanha, Argélia, Argentina, Austrália, Bélgica, Bulgária, Bolívia, Canadá, Dinamarca, República Dominicana, Colômbia, Coréia, Costa do Marfim, Costa Rica, China Nacionalista, Chile, Dinamarca, Egito, Espanha, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Filipinas, Finlândia, França, Gana, Gran-Bretanha, Grécia, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Irã, Iraque, Iugoslávia, Índia, Israel, Itália, Japão, Líbano, Malta, México, Nicarágua, Nigéria, Noruega, Países Baixos, Panamá, Paquistão, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, Romênia, Santa Sé, Senegal, Síria, Suécia, Suíça, Tailândia, Tchecoslováquia, Trinidad-Tobago, Turquia, União Soviética, Uruguai, Venezuela, Vietnã.

O entrelaçamento desses representantes, seus secretários, adidos militares e gentilíssimas esposas, com a sociedade de Brasília, veio contribuir para a elevação do nível de alta distinção das elites brasilienses.

2) - *Vida parlamentar* - Outro fator de aglutinação social de Brasília é o Congresso Nacional. Sua ausência, nos recessos de julho e dezembro a março reflete-se no movimento da cidade, pela diminuição de carros em trânsito, de presenças em cerimônias e festas, pois nos períodos de férias saem da Capital cerca de 400 parlamentares e mais de mil funcionários. O regresso reativa a intensidade da vida social, pelo concurso dos congressistas e de suas famílias.

A Câmara dos Deputados, desde a inauguração de Brasília presidida pelos deputados Ranieri Mazilli, Batista Ramos, Bilac Pinto e José Bonifácio e ultimamente por Pereira Lopes, tem como presidente (1973-75) o brilhante parlamentar Flávio Marcílio, cuja capacidade administrativa e na condução dos trabalhos de plenário se alia a de atrair gerais simpatias de seus pares. A Mesa Dirigente é constituída por Aderbal Jurema (1º Vice-Presidente); Fernando Gama (2º Vice-Presidente); Dail de Almeida, Petrônio Figueiredo, José Carlos Fonseca e Dib Cherem, respectivamente 1º, 2º, 3º e 4º secretários.

A Secretaria Geral da Presidência está a cargo de Paulo Afonso Martins de Oliveira, de rara competência no conhecimento das leis do país e dos regimentos da Câmara e do comum de ambas as casas do Legislativo.

A Diretoria Geral é desempenhada por Luciano Brandão Alves de Souza, o qual, pela experiência e dedicação ao trabalho e assoberbado por problemas administrativos internos, revela-se o tipo do homem inteligente e dinâmico.

As lideranças dos partidos competem a Geraldo Freire, pela ARENA, cargo em que se conduz com clareza, habilidade e poder de argumentação, sendo coajuvado por vice-líderes ativos e combatentes; e a Aldo Fagundes, pelo MDB, orador fluente e argumentador de notável eficiência, o qual também é corroborado por vice-líderes de brilhantes dotes oratórios.

O convívio nas Comissões, no Plenário e sobretudo na Sala do Café consolida amizades independentes de cõr partidária, as quais serão duradouras.

O Senado tem como presidente, depois dos brilhantes períodos de Auro de Moura Andrade, Pedro Aleixo, Filinto Müller e Petrônio Portela, o senador Paulo Torres, constituindo-se a Mesa com os seguintes membros: Antonio Carlos e Adalberto Sena, vice-presidentes; Rui Santos, Augusto Franco, Milton Cabral, Geraldo Mesquita, respectivamente 1º, 2º, 3º e 4º secretários.

O Diretor Geral é Evandro Mendes Viana, de grande competência para o exercício do cargo. Os líderes dos partidos são Petrônio Portela,

da ARENA, notável pela capacidade de iniciativa revelada principalmente nas comemorações do Sesquicentenário do Poder Legislativo; e Nelson Carneiro, do MDB, jurista e orador de invulgares qualidades.

No ambiente do Congresso encontram-se os Estados Brasileiros, cujos representantes, independentemente das divergências partidárias, travam relações de amizade, que se consolidam no curso da legislatura e se estendem afetuosamente entre suas famílias.

3) - *O Executivo e o Judiciário* - Não estamos falando aqui de assuntos administrativos nem políticos, porquanto este capítulo versa exclusivamente sobre o relacionamento social entre os órgãos da Diplomacia, do Parlamento e do Governo com os habitantes de Brasília. Nestas condições, diremos que também os Poderes Executivo e Judiciário, do mesmo modo como o Legislativo, constituem elementos de estímulo às manifestações sociais da Nova Capital.

A popularidade do Presidente Médici é um fator preponderante da unidade espiritual da população brasiliense. Comparecendo frequentemente aos atos públicos de inaugurações, comemorações e festas, cria com sua presença um centro de convergência das aspirações e sentimentos do povo da Capital.

Seus Ministros, a começar pelo chefe da sua Casa Civil, sabem entrelaçar-se com os brasilienses em geral e oferecem às elites da Nova Capital oportunidades de contato, em cerimônias ou recepções às quais comparece a fina flor da sociedade local: parlamentares, magistrados, diplomatas, expoentes da vida econômica e da intelectualidade, que abrilhantam as reuniões com a graça e elegância femininas.

Do Poder Judiciário diremos que também se integra na vida social de Brasília. Constituído por homens de grande saber e cultura, faz-se presente, pelos seus elementos mais destacados do Supremo Tribunal, dos demais colegiados da magistratura federal e local, em todas as manifestações da vida brasiliense.

4) - *Imprensa, Rádio e TV* - Não seria possível estabelecer os contatos sociais e individuais em Brasília, sem o concurso e atuação constante do jornal, do rádio e da televisão. Relativamente à imprensa da Nova Capital, o assunto é complexo e difícil de ser narrado, pois numerosas foram as tentativas, desde 1957, para criar um órgão local. De todas as frustrações, iniciativas muitas vezes renovadas, ficaram atualmente, os

seguintes: "Correio Braziliense" "Diário de Brasília" e "Jornal de Brasília", quotidianos procurados pela população da cidade, sequiosa de se informar sobre o que ocorre no Brasil e no mundo.

O "Correio Braziliense" foi obra do grande jornalista e homem de empresa, Assis Chateaubriand, que adotou o nome, em homenagem a Hipólito da Costa, do primeiro jornal de caráter brasileiro, editado antes da nossa Independência. Começou a circular em 1960, sob a direção de José Maria Alkmim e Edilson Cid Varela. Constitui hoje leitura obrigatória, todas as manhãs, dos que residem em Brasília. Vieram, posteriormente, o "Diário de Brasília", fundado por José Geraldo Aguiar de Vasconcelos e, por último, o "Jornal de Brasília", presidido por Jaime Câmara.

Sem os jornais, não se articularia a vida social da Nova Capital, principalmente no que se refere a reuniões, congressos, simpósios, banquetes, recepções, coquetéis, exposições de artes plásticas, concertos, atividades teatrais, literárias e artísticas, tal como narramos no capítulo "Como se vive em Brasília".

Esse trabalho de artífices da interligação social é coadjuvado pelas rádios e TV. Começaram estas com a Rádio Nacional, em 1958, depois completada pela TV Nacional (canal 3), atualmente sob a direção de Paulo Nunes. Em 1961, foi instalada a Rádio-Educadora; sob a direção de Esaú de Carvalho. As Emissoras Associadas, da rede dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, inauguraram em 1960 o canal 6, hoje sob a direção de Jairo Valadares Pinto. Veio depois a TV Alvorada, canal 8, sob atual direção de Roberto Sena. A seguir, a Rádio Planalto, dirigida por Wilson Aguiar e agora incorporada ao grupo das Emissoras Associadas. Finalmente, a TV Globo (canal 10) a cargo de Edgardo Manuel Ericksen.

Brasília conta presentemente com três grandes jornais diários, um semanário ("Vanguarda"), 5 rádio-emissoras, 4 canais de TV.

5) - *Instituições Culturais* - Por iniciativa de um grupo de escritores, fundou-se na Nova Capital a Academia Brasiliense de Letras. É seu Presidente o Ministro Pereira Lira. Conta atualmente 28 membros. Tem realizadas sessões solenes de recepção a novos associados, às quais comparece tudo o que Brasília tem de expressão intelectual.

Foi também fundado o Instituto Histórico e Geográfico, tendo como seu propulsor Ernesto Silva. É hoje seu presidente o Senador Guido Mondim, cujas capacidades de iniciativa e eficiência vem imprimindo àquele sodalício uma vida operosa.

6) - *Artes plásticas, música e teatro* - Além das promoções individuais ou de grupos associativos, a Fundação Cultural de Brasília, da qual é animador e idealista entusiástico o professor Caio Prates da Silveira, oferece aos brasilienses sucessivas demonstrações artísticas, seja exibindo mostras de pintores e escultores locais, seja patrocinando as de valores nacionais vindos à Nova Capital. No setor musical, a Fundação promove ou prestigia grandes pianistas, violinistas, grupos em música de "câmara" e orquestras sinfônicas. No que tange ao teatro, a Fundação atrai, para representações em Brasília, atores, atrizes e declamadores de fama nacional e até internacional.

7) - *Congressos, simpósios e encontros* - Brasília tornou-se o centro de grandes assembléias constituídas por elementos de todo o país, que acorrem à Nova Capital para a discussão de matérias as mais variadas. Assim, tem-se realizado, no Planalto, congressos de juristas, médicos, economistas, geólogos, etnólogos, sociólogos, historiadores, escritores e poetas, cujos encontros despertam a atenção e o interesse da sociedade local.

8 - *Livrarias* - A difusão do livro em Brasília efetiva-se por intermédio de estabelecimentos, que são também pontos de encontro de intelectuais. Entre estes, enumeramos a Livraria Brasília, a Civilização Brasileira, Pilar, Waldre, Eldorado, São Paulo, Técnica, Técnica Jurídica, Sodiler, Antiquário, José Olímpio, estas no Plano Piloto, além de outras nas cidades-satélites.

9 - *Classes liberais* - Para se ter idéia do nível cultural de Brasília, basta dizer que a cidade conta com mais de 500 advogados, outros tantos médicos, uma centena de odontólogos, igual número de economistas e contabilistas, numerosos agrônomos e veterinários, mais de um milhar de professores dos cursos médio e superior, milhares de professoras primárias, dezenas de jornalistas e radialistas, milhares de funcionários dos serviços federal e local.

10 - *Obras sociais* - São as seguintes as entidades que cuidam das obras sociais em Brasília:

Casa do Candango - Fundada em junho de 1960 por D. Carméla P. Salgado e diversas senhoras, com a finalidade de amparar os candangos e suas famílias do berço ao túmulo; tem na presidência D. Helle Caiado de Castro Roller.

Ação Social do Planalto - Promoção do Menor Trabalhador de Brasília, contando atualmente com 200 meninos. Fundada em setembro de 1963, por D. Carmela P. Salgado, sua atual presidente, e um grupo de senhoras.

Pequeno Polegar - Amparo e proteção aos filhos de pais tuberculosos. Atual presidente, D. Ruth Gonçalves Passarinho, sua fundadora.

Casa do Ceará - Notável organização que recebe brasileiros e estrangeiros, ainda não colocados, orientando-os e assistindo-os e mantendo escolas profissionais de carpinteiros, pedreiros, domésticas, bombeiros hidráulicos, estucadores, sapateiros, eletricitas, alfaiates, lanterneiros, datilógrafos e manicures. É dirigida por Donas Luiza Tavora, Nícia Marcilio e Dolores Alcântara, assessoradas por D. Mary Gentil e tem como dedicado impulsor Crisanto Moreira da Rocha.

Conta ainda Brasília com as seguintes Obras Sociais:

João XXIII, NS. de Fátima, Aldeias Infantis, SOS, Associação Camiliana, Evangélica Assistencial, Santa Rita de Cássia, Centro Espírita Cultural, Casa da Criança, Casa Ismael, Ação Social Salesiana, as Crèches Medalha Milagrosa, Senhora dos Anjos, Menino Jesus, Universal Brasileira, Sociedade Pestalozzi, Creche da UnB, fundada e presidida por D. Gilda Cury, as Obras Sociais de todas as paróquias e outros tipos de associações beneficentes em número de mais de uma centena.

11 - *Conclusão* - Nestes parágrafos expuzemos o que é a vida diplomática, parlamentar, governamental, judiciária, jornalística, radialista, cultural, artística, política, social e assistencial da Nova Capital da República.

Pelo breve relato, verifica-se que Brasília, além do seu progresso material refletido na febre das construções e aprimoramento dos aspectos urbanos, possui um espírito, que se revela nos mais diversos setores. É uma cidade que se vai fazendo centro de irradiação da cultura brasileira.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO DF

Tal como a Cidade-Menina que, em 13 anos, se fez moça bonita, a Associação Comercial do DF seguiu o ritmo do crescimento de Brasília. Não podia deixar de acontecer este fato socio-econômico expressivo do desenvolvimento da Nova Capital. O comércio, iniciado na Cidade Livre, que era a base das operações na batalha construtora do Plano Piloto, foi se estendendo com os negócios varejistas, que logo se fizeram grandes empórios e depois lojas esplendentes no âmbito da vida brasiliense. Impunha-se a criação de uma entidade representativa das atividades comerciais do Distrito Federal, abrangendo as cidades satélites, entre as quais Taguatinga se apresentava florescente.

Foi assim que as classes empresariais, em 1958, no Núcleo Bandeirante, lançaram os fundamentos da Associação Comercial que, em 1962, foi transferida para o Plano Piloto. Aí começou a desenvolver atividades de maior envergadura, dela saindo outras associações, inclusive a Federação do Comércio e da Indústria.

Tornou-se a Associação Comercial um órgão de grande importância, não só como entidade representativa das classes empresariais, mas sobretudo como intérprete das aspirações de toda a população de Brasília, em cujo nome fala junto ao Governo e perante o Congresso Nacional, uma vez que a Capital Brasileira, onde não há eleições, também não dispõe de uma bancada de parlamentares.

O grande impulso e decidida ação da Associação Comercial de Brasília data de 1969, quando foi eleita a Diretoria encabeçada por Vicente de Paula Araújo. Este homem, excepcional pela sua capacidade de imaginação, iniciativa e realização, dinamizou a entidade, imprimindo-lhe um caráter de órgão social interferente em todos os assuntos relacionados com o progresso de Brasília. Rodeou-se, na chapa eleita naquele ano, de um grupo eficiente, assim constituído:

- Presidente - Vicente de Paula Araújo
- 1º Vice-Presidente - Hely Walter Couto
- 2º Vice Presidente - Lindberg Aziz Cury
- 3º Vice Presidente - Lourival Borges de Souza
- 1º Secretário - Aref Assreuy
- 2º Secretário - Mário Araújo Carvalho
- 3º Secretário - Flávio Rogério H.Reinher
- 1º Tesoureiro - Antônio Raso
- 2º Tesoureiro - Mohamade Khodr
- 3º Tesoureiro - Jorge Gauhy Júnior.

Uma Diretoria prestigiava o grupo executivo auxiliando-o com suas luzes e colaboração constante. Compunha-se dos seguintes membros: Palmério de Azevedo Serejo, Theodolpo Benso Tavolucci, Sebastião Gomes da Silva, Ildefonso Gadioli dos Santos, Joaquim Gonçalves de Almeida, Arnaldo Lopes, Jonas Spera, Carlos Rodrigues, Siomar Rodrigues de Souza, Hélio Morato Kraenbunhl, Mitri Moufarrege, Milton Melo, Antonio Carlos Elizalde Osório, Antônio Itabaiana de Moura, Armando Gomes da Silva, Paulo Sadi, Paulo Galego, Monder Jarjour, Benigno Avila de Goiás Pinheiro, Eduardo Manuel Lemos.

Rui Rosas Nascimento, Roberto Curi, Onisio Ludovico de Almeida, João Tamer, Jairo Valadares Pinto, Spilios Tzemos, Pedro Henrique Teixeira, José Silva Neto, Lourival Abadia Juvenal de Almeida e Takeshi Mitsumo. Do Conselho Fiscal participaram Osório Adriano Filho, José dos Santos Moura, Oswaldo Zanello, Waldomiro Slaviero, Cleto Campelo Meireles e Lauro Faria Júnior.

Pelos nomes que enunciamos nesta relação, verifica-se que na Associação Comercial estavam os mais expressivos elementos da força econômica e empresarial de Brasília.

Detentor da confiança total desses 37 líderes do comércio do Distrito Federal, empreendeu Vicente de Paula Araújo grandes iniciativas fazendo da Associação Comercial um órgão de amplitude em diversos setores da vida brasiliense. Mais ainda: fez da Associação Comercial de

Brasília uma entidade-líder em todos os assuntos de interesse do Centro Oeste como se viu na 3ª Conferência Nacional das Classes Produtoras, em 1972, no Rio de Janeiro.

Vicente de Paula Araújo, pela sua formação nacionalista e sociológica, não se satisfaz nos estritos limites dos interesses de sua classe e nos âmbitos das considerações econômico-financeiras às quais dedica os maiores esforços para bem cumprir o seu mandato e melhor servir a Brasília e ao Brasil. Quer mais. Acha que a Associação Comercial, pela sua significação e responsabilidade, precisa cooperar no estudo e soluções de problemas de ordem social. Com esse pensamento, promoveu o Encontro Nacional das Classes Empresariais para estudos sobre o Problema do Menor (Enceprom), ao qual compareceram 458 delegados de todos os Estados Brasileiros. Essa confraternização de representantes realizou-se em Brasília, a 14 de outubro de 1972, sendo prestigiada por altas autoridades estaduais e federais.

Duas idéias trabalharam no espírito de Vicente de Paula Araújo: a criação da Bolsa de Valores abrangendo o Centro Oeste, com sede em Brasília, o que foi autorizado pelo Banco Central, e a construção do Palácio do Comércio. As obras deste Palácio foram iniciadas em 1972 e serão concluídas em fins de 1974. Haverá nele salas amplas, um auditório, a biblioteca, restaurante de alta classe, garagem e outras dependências. Será uma eloquente manifestação da força comercial de Brasília e do idealismo de seus construtores.

A Associação Comercial de Brasília edita um jornal semanário ("Vanguarda de Brasília") distribuído gratuitamente todos os domingos, a autoridades, bancos, estabelecimentos comerciais, instituições culturais e sociais, repartições públicas e endereços individuais, além da grande procura nas bancas, com uma tiragem de 15.000 exemplares.

Outro serviço da maior importância é o da construção de mais de mil apartamentos pela Cooperativa Habitacional dos Associados da Associação Comercial.

Não podia deixar a entidade de dar assistência aos seus associados mediante uma Assessoria Jurídica, que é dirigida por Ernandes Soares da Rocha, incumbindo-se da parte contábil e fiscal Vitorino Ribeiro Coelho e da econômica Niemayer de Almeida. Uma assessoria especial está sob a responsabilidade de Mário de Almeida, coordenador geral do sistema.

A Diretoria sob a presidência de Vicente de Paula Araújo foi reeleita sucessivamente em 1971 e 1973.

Tal é, em breve resumo, a Associação Comercial do Distrito Federal.

de
da
su

so
eq
cr

a
ol
n
o
s
c
s

INICIATIVAS PATRIOTICAS — O ENCEPROM

Uma das manifestações do espírito de Brasília, que atraiu a atenção de todos os pontos próximos ou bem distantes do país, foi a iniciativa das Classes Empresariais no sentido de estudar, discutir e sugerir sugestões à solução do problema do menor em todo o Brasil.

Constitui esse problema uma das questões mais graves no meio social brasileiro, sendo consequente da explosão demográfica sem o equilíbrio de condições econômico-financeiras e sociais adequadas ao crescimento populacional do País.

Pelas condições de sua fundação e desenvolvimento, Brasília, sujeita ao afluxo de correntes migratórias, tornou-se um ponto de observação dos desajustamentos de famílias deslocadas de sua origem na esperança de melhores dias. Quase sempre numerosas e lutando pela obtenção de empregos ou procurando livrarem-se da adversidade de salários insuficientes, essas famílias traziam consigo escaquinhos de filhos cujo futuro se apresentava incerto, cujo número crescente propiciava o surto da mendicância e da criminalidade infantil e adolescente.

O fenômeno, registrado em Brasília, como num sismografo, estendia-se por todo o país. Urgia resolver tão aflitivo problema. É certo que os governos federal e estaduais se esforçavam para atender a uma necessidade que não era apenas do presente, mas do futuro brasileiro. Também era certo que entidades da iniciativa particular realizavam obras notáveis de assistência e promoção social. Urgia, entretanto, um plano geral em

que os governos se aproveitassem do desejo de cooperação das classes empresariais delas se servindo para maior eficiência de suas realizações visando a tão importante objetivo. E as classes empresariais se mobilizaram num voluntariado que as dignifica, propondo-se a cooperar com os Poderes Públicos para evitar consequências as mais desastrosas.

Surgiu daí a idéia do ENCEPROM ("Encontro Nacional das Classes Empresariais para Estudos sobre o problema do Menor"). Foram seus promotores os signatários de uma representação ao sr. Presidente da República, que eram Newton Egydio Rossi, Vicente de Paula Araújo e Aref Assreuy.

Coube a Aref Assreuy, atual Presidente do Sindicato dos Corretores de Imóveis de Brasília, o grande papel de coordenador do ENCEPROM - desenvolvendo uma atividade que só as virtudes da inteligência, de um idealismo superior e uma vontade firme poderiam motivar e impulsionar.

Compareceram ao grande certame - verdadeiro congresso nacional dos responsáveis pelo equilíbrio e harmonização sociais da vida brasileira - personalidades representativas das classes empresariais do país. Confederações e Federações da Indústria e do Comércio dos Estados ali estavam presentes, ou se faziam representar. Além dessas personalidades, compareceram pessoalmente ou se representaram Ministros de Estado, Secretários de Estado, Magistrados, com predominância de Juizes de Menores, Senadores, Deputados, Professores, Jornalistas. O Governador de Brasília, esteve ali pessoalmente, tomando parte na mesa dirigente dos trabalhos na sessão inaugural.

Esse êxito, sem precedentes, em se tratando de iniciativas semelhantes, deveu-se à ação prodigiosa do coordenador do ENCEPROM o dinâmico Aref Assreuy, que não teve um minuto de descanso durante os dias em que se realizou o grande Encontro.

Os Anais do 1º Encontro Nacional das Classes Empresariais para Estudos do Problema do Menor (ENCEPROM), num grosso volume de 362 páginas e outras tantas de anexos, traz os discursos pronunciados sobre o tema que se lhes propunha, além dos projetos, planos, proposições apresentados no curso dos trabalhos. Através dessas páginas, verifica-se o grande interesse que existe em todos os Estados pelo problema posto em foco pelas classes empresariais de Brasília.

O Enceprom foi um dos acontecimentos mais marcantes da vida de Brasília, nestes 13 anos em que o autor do presente livro assistiu e participou de quanto vinha ocorrendo no transcorrer do desenvolvimento

da Nova
Aref c
transfo

da Nova Capital. O êxito da iniciativa deveu-se ao trio Araújo-Rossi-Aref cabendo a este a grande tarefa de coordenador, que ele soube transformar em dinamo propulsor de um idealismo entusiástico.

O ENSINO SUPERIOR E MÉDIO

São os seguintes os estabelecimentos de Ensino Superior na Nova

Capital:

- 1) - CEUB - Centro de Ensino Unificado de Brasília
- 2) - UDF - Unidades Integradas de Ensino e Pesquisa do Distrito

Federal:

- 3) - UPIS - União Pioneira de Integração Social
- 4) - UBEC - Universidade Brasiliense de Ensino e Cultura
- 5) - UnB - Universidade de Brasília

Ensino Médio:

- Centro de Educação Média Elefante Branco
- Centro de Educação Média Ave Branca
- Colégio Industrial do Plano Piloto
- Colégio do Núcleo Bandeirante
- Ginásio Industrial de Taguatinga
- Colégio do Gama
- Ginásio Moderno
- Ginásio Plano Piloto
- Ginásio da Asa Norte
- Colégio de Planaltina
- Ginásio Noturno do Plano Piloto
- Ginásio Noturno de Taguatinga
- Ginásio Industrial de Sobradinho
- Escola Industrial de Taguatinga
- Ginásio Noturno do Cruzeiro
- Escola Normal de Brasília
- Ginásio do Guará
- Colégio de Taguatinga-Sul
- Ginásio de Braslândia
- Ginásio do Setor Noroeste

Além desses estabelecimentos estatais, existem os de iniciativa particular, de grande eficiência, entre os quais citaremos os Colégios Marista, Lassalista e Salesiano, assim como diversos estabelecimentos femininos.

FEDERAÇÕES E SINDICATOS

Seria longo enumerar todas as entidades que, nos setores econômicos, profissionais e sociais, exercem em Brasília as suas atividades.

Das pesquisas feitas, conseguimos colher os seguintes informes:

FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO — Congrega as classes empresariais de Brasília. Seu presidente é Newton Egydio Rossi, personalidade à qual já fizemos referencia quando tratamos da Associação Comercial e da patriótica iniciativa do ENCEPROM. É um dos pioneiros da Nova Capital, onde tem desenvolvido eficiente ação comercial, impondo-se na sociedade brasiliense como elemento de alto valor.

FEDERAÇÃO DESPORTIVA — Presidente Wilson Antônio de Andrade. É o homem que luta pelo desporto da Nova Capital, notadamente pela construção do novo estádio. É empresario comercial e um dos pioneiros de Brasília.

FEDERAÇÃO AUTOMOBILISTICA DE BRASILIA — Presidente, Luis Cavalcanti. Colabora junto ao Governo pelo automobilismo na Nova Capital.

SINDICATOS

Conta Brasília com 12 sindicatos de classe, dos quais destacamos: *Sindicato dos logistas do Comércio* — Merece especial menção, por ser o seu presidente — Hely Walter Couto — um pioneiro nesta

região do Planalto, para onde veio desde o início da construção de Brasília. Homem de iniciativa e de ação, desenvolveu eficiente atividade na Nova Capital, sendo um dos expoentes do comércio local, com a superintendência da "Pioneira da Borracha" e da "Loja dos Tapetes Líder". Chamado, por suas qualidades, a exercer importantes cargos, é membro da Associação Comercial, figurando como componente do Conselho Fiscal da Federação do Comércio. A sua presença no Sindicato dos Logistas é uma garantia de êxito para aquela entidade.

Sindicato dos Jornalistas Profissionais — É presidente Arnaldo Ramos, mantido, por sua capacidade, no cargo que ocupa. Conta 306 associados.

Sindicato dos Hotéis e Similares — Presidente Palmerio Azevedo Serejo — Pioneiro da indústria hoteleira de Brasília.

Sindicato dos Corretores de Imóveis — Presidente Aref Assreuy, de cuja personalidade já tratamos em outro capítulo deste livro. Os demais sindicatos são os seguintes: Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários, Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas, Empregados do Comércio, Empregados em Estabelecimentos Bancários, Indústria de Construção Civil, Publicitários, Rural, Trabalhadores da Indústria de Construção do Mobiliário.

CLUBES SOCIAIS

São os seguintes os Clubes Sociais de Brasília:

Forças Armadas, Funcionários, Imprensa, Golf, Monte Libano, Iate, "Rotary", Cota Mil, Moto-Náutica, Nações, Unidade de Vizinhança, Sub-tenentes e Sargentos Bombeiros, Sub-tenentes e Sargentos do Exército, Área-Alfa Marinha, Náutico, Congresso, Caça e Pesca, Minas Brasília Tênis, Servidores da Câmara e Servidores do Senado.

Não tendo obtido dados e pormenores a respeito de cada clube, damos os que temos em mãos:

CLUBE CAÇA E PESCA DE BRASILIA — Merece especial menção esta entidade, que se relaciona com as condições geográficas e ecológicas da região da Nova Capital.

O clube foi fundado em 22 de agosto de 1961 e é o vizinho mais próximo do Palácio da Alvorada. Situado às margens do Lago Paranoá, seus terrenos se estendem até a Lagoa do Jaburu.

Tem número de socios limitado pois dele só podem fazer parte caçadores, pescadores e atiradores.

É pioneiro do esporte olímpico de tiro aos pratos, pois é o único que o pratica no Planalto Central.

Constitui verdadeira escola no ensino da renovação de nossos recursos naturais, pelo que merece os estímulos da lei nº. 5.197, de 3 de janeiro de 1967.

Entre suas instalações que são modestas, conta-se o "stand" Gen. Dióscoro do Vale onde se têm realizado muitas competições de tiro aos pratos, com a presença de campeões brasileiros. O clube vem disputando em todas as pedanas nacionais, tendo-se classificado otimamente, pois possui já vários campeões.

Aos domingos, seu trapiche de pesca, no Lago Paranoá fica repleto de sócios, dedicados ao agradável esporte da pesca, pois mantém cuidada a cevada, em que pülulam as tilápias e bagres.

O clube vem desenvolvendo notável atuação no sentido da educação dos caçadores, sócios ou não, para que respeitem o período da caça proibida, que vai de 1 de maio a 30 de agosto de cada ano.

Desde que não se pesque com dinamite, e congêneres, ou rede de malha fina, o peixe se defende e não procura o anzol. Mas a caça já de si mesma é desprotegida, mormente na época da procriação, em que o instinto a torna afoita, andeja, ousada.

Os clubes do gênero, com esta orientação, deviam ser considerados auxiliares diretos do Governo na fiscalização da caça e da pesca.

A Direção do Clube de Caça e Pesca de Brasília, está assim constituída:

"Executiva"

Presidente: Carlos Alberto Gomes de Menezes
Vice-Pres.: Lincoln Geraldo Carvalho
Secret.-Geral: Edvardo Garcia de Arruda
1º.-Secretário: Henrique Appel
2º.-Secretário: Etiberê Zem
Tesoureiro Geral: Waldemar Euripedes Kop
1º.-Tesoureiro: Antonio Pinto Morgado
2º.-Tesoureiro: Eduardo Barros Rosa
Dir. de Pesca: César Barros de Farias
Dir. Depart. Tiro: Altamiro Rodrigues da Silva
Dir. Depart. Sede: Mozart Laterza
Dir. Depart. Feminino: Neuza Ramos
Dir. de Filmacoteca: José Sampaio Motta Filho

"Conselho Deliberativo"

Presidente: Francisco Manoel Corte Imperial

Vice-Pres.: Antonio Di Bernardo Zuim

Secretário: Ivan Moreira Silva

Abel Rafael Pinto - José Walter Marinho Dias - Waldir Galleti - Nicolau Klupel Pederneiras - José de Souza Lima Filho - Arquelaug Augusto Gonzaga - Fernando Alvarez - Eduardo Roberto Stuckart - Nilo Menezes Cardoso - Joaquim Silveira Melo Neto - Oswaldo Zanello- João Batista Mendonça - Ugo Buresti - João Salvagê Damaceno - Alberto Pinedo - Aloisio Carvalho Silva - Anésio Rodrigues - Dalvo Monteiro de Castro - Joaquim Pinto Xavier - José Arnaldo Canabrava - Pacifico Campolina de Sá - Cléto da Fonseca Lopes - Jairo de Assis Almeida - Antonio Rodolfo Ascenço - Walter Appel - Luiz Gonzaga Teodoro - Aveni Anisio - Ronaldo José Mendes - José Gadiolli dos Santos - Ary Lopes Rodrigues - Francisco Machado de Souza.

"Conselho Fiscal"

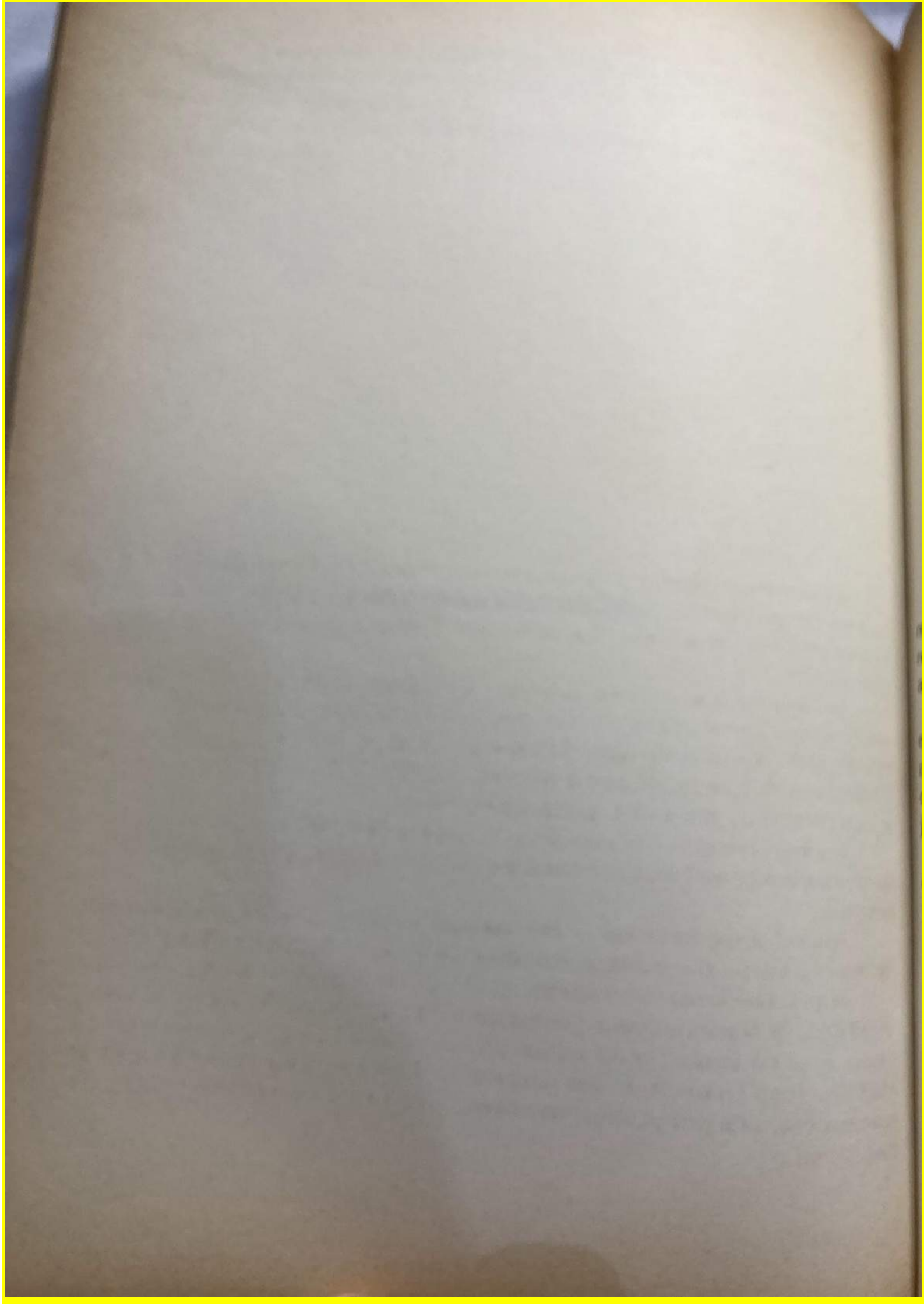
Carlos Gonçalves Ramos, Mauricio José Figueiredo Ricardo, Dionisio Della Pena (Coqueiro), Antonio Gonçalves Laundos, Walter Guarizo.

CLUBE DO CONGRESSO — O Clube do Congresso foi fundado em 10 de março de 1960 no Rio de Janeiro e logo após a instalação das Casas Legislativas em Brasília, construiu sua nova sede na Península Norte, à beira do lago. Tornou-se um ponto obrigatório de reuniões de parlamentares, funcionários legislativos e suas famílias que, em local aprazível, passam os domingos e feriados. Para as crianças é verdadeiro encanto, pois se espalham pelo formoso jardim e "playgrounds", à sombra de belas árvores ou recebendo os raios do sol da manhã. Ali se realizavam e ainda se realizam almoços, jantares, coquetéis e recepções aos quais comparece o que há de melhor da sociedade brasiliense.

O Clube do Congresso construiu no Plano Piloto a sua sede urbana, que é um lindo palacete, com salões e dependências de perfeita comodidade. Tornou-se um centro social dos de maior atração.

Os fundadores do Clube do Congresso foram 387, sendo os primeiros signatários Ranieri Mazzili, Celso Brant, Carvalho Sobrinho, Souto Maior e Plinio Salgado.

Seu primeiro presidente foi Mário Gomes e o atual é Paulino Cicero de Vasconcellos.



HOTÉIS EM BRASILIA

Para complementar o quadro da vida social da Nova Capital e ao mesmo tempo orientar turistas e visitantes, devemos dar, ainda que resumidamente, os nomes dos principais hotéis e o histórico dos mais antigos.

Brasília-Palace — Foi o primeiro de grande categoria a instalar-se em Brasília, mesmo antes da inauguração da cidade, ocorrida em 21 de abril de 1960. Construído seu edifício na mesma ocasião em que se erguia o Palácio da Alvorada, de que é vizinho, localiza-se à beira do lago e a ele já nos referimos em outra parte deste livro.

Imperial Hotel — Está no setor hoteleiro, à Avenida W-3, constituído de diversos pavilhões construídos pelo GTB (Grupo de Trabalho de Brasília).

Brasília Imperial Hotel — No mesmo local instalou-se, pertencendo ao mesmo grupo proprietário do antecedente, o Brasília Imperial Hotel.

Hotel Nacional — Ligado à linha de grandes hotéis do País (HORSA), o Nacional veio posteriormente à transferência da Capital, tendo sido, na época, o de maior porte arquitetônico. O presidente do HORSA, José Tjourns tudo fez para dotar Brasília desse estabelecimento hoteleiro, ao qual já nos referimos como centro atualmente da vida social brasiliense.

Hotel das Nações S/A — Iniciativa louvável foi a dos irmãos Barbosa, que construíram magnífico prédio onde foi instalado o Hotel das Nações, com todo conforto para os hóspedes. Situado na W-3, pertence hoje a uma sociedade anônima, de que é presidente um dos fundadores, Joaquim Barbosa.

Hotel Alvorada — Com as mesmas características do Hotel das Nações.

Torre Palace Hotel — uma família de Anápolis, inspirada por Da. Reni Gibran, empreendeu a construção de um dos hotéis mais distintos da Nova Capital. É seu superintendente Raif Gibran, que fez do estabelecimento um ponto de convergência da sociedade de Brasília e dos brasileiros que procuram, na Nova Capital, um hotel de categoria.

Eron Brasília Hotel — O surto de progresso de Brasília está exigindo cada vez mais um número de hotéis confortáveis e que se destaquem pela elegância de seus ambientes. Nestas condições, além dos já mencionados, surgiu o Eron, iniciativa da Erontex, cujo proprietário é Eron Alves de Oliveira. Em belo edifício situado no Setor Hoteleiro Norte, em frente à Torre de Televisão, tornou-se, desde sua inauguração, um atrativo para viajantes de qualidade e para a sociedade brasiliense.

Hotel Planalto Ltda. — Está na W-3, sendo seu proprietário José Edilson Felix de Souza. É da mesma categoria dos precedentes, e procurado pelo seu conforto e distinção.

Itamarati Parque Hotel — Com arquitetura diferente dos demais, está se evidenciando como local de elegância, sendo seu proprietário Manuel Augusto Ferrari Cortes.

Hotel Diplomat — É um dos mais recentes no Setor Hoteleiro Norte. Frequentado, desde o início, por hóspedes de distinção, pertence à organização Hotel e Restaurante Reunidos Diplomat Ltd., sob a responsabilidade de Elias Mackdise.

Byblos — O mais novo de todos no centro de Brasília também é estabelecimento de categoria.

Além destes, há os seguintes, fora do Plano Piloto: Hotel Aquarius, Centro Comercial-SIA; no Núcleo Bandeirante: Hotel Buriti, Cacique, Correntino, Europa, Holinda, Líder, Municipal, Paraíso, São Judas Tadeu, Viajantes, Ipacará, Brasília; em Taguatinga: Globo, Paranoá, N. S. Aparecida, Rey, Palace, Primus; Brazlândia: Hotel Brazlândia e Restaurante. Existem outros nas Cidades-Satélites de Sobradinho, Planaltina e Gama.

MOVIMENTO BANCÁRIO

tes
Bar
Bar

out
Jo
pré
po
vis
te
A

v

tes a
Banc
Banc

outr
Joã
préc
pon
visã
terr
Asi

vin

Com tamanho progresso, crescimento da população e consequentes atividades comerciais, era natural que Brasília atraísse a atenção dos Bancos. Vieram eles instalar suas agências na Nova Capital, tendo sido o Banco do Brasil o primeiro, ainda na Cidade Livre.

Esse importante estabelecimento de crédito, líder de todos os outros do País e o mais antigo, pois a sua fundação data do reinado de D. João VI, inaugurou posteriormente, a sua sede nacional em belíssimo prédio de 30 andares, instalando agências na Avenida W-3 e outros pontos do Distrito Federal. Dirigido por Nestor Jost, homem de rara visão e iniciativas, o raio de ação do Banco do Brasil estende-se pelo território brasileiro e alcança vários países da Europa, da América e da Ásia. Em Brasília, tem sido propulsor do progresso local.

Os outros Bancos, que cooperam com suas agências no desenvolvimento da Nova Capital, são os seguintes:

Banco da Amazônia S/A — Av. W-3 - CRS - Quadra 513, Bl. C - Lojas 37 e 39.

Banco América do Sul S/A — Av. W-3 - Quadra 511 - Bloco C - Loja 39.

Banco Brasileiro de Descontos S/A (Bradesco) — Av. W-3 - CRS - Quadra 511 - Bloco B - Lojas 15/21.

Banco da Bahia S/A (hoje encampado pelo Brasileiro de Descontos) — Av. W-3 - Quadra 509 - Bloco A - Lojas 13, 14 e 15, tendo ali conservado o mesmo gerente, Luis Fernando Muniz, pioneiro chegado em Brasília em setembro de 1961.

Banco Brasileiro S/A — Av. W-3 - CRS - Quadra 507 - Bloco A - Lojas 29/31.

Banco Central do Brasil S/A — Instituidor das normas bancárias do País - SBS - Edifício Banco do Brasil.

Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A — Av. W-3 - Quadra 506 - Bloco C - Loja 15, e outras agências.

Banco Comércio e Indústria de São Paulo S/A — Av. W-3 - CRS - Quadra 507 - Bloco A - Loja 9.

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S/A — Av. W-3 - Quadra 509 - Bloco C - Lojas 71 e 75. Mantém várias agências, entre elas a do Parlamento, onde presta relevantes serviços aos parlamentares e funcionários.

Banco Denasa de Investimentos S/A - Fundado por iniciativa de um grupo sob a presidência do fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek de Oliveira. — CS - Edifício Gilberto Salomão - Bloco M — Lojas 3 e 6.

Banco Econômico S/A — Edifício Central - Loja 2.

Banco do Estado do Amazonas S/A — SBS - Edifício Casa São Paulo - Loja 7.

Banco do Estado da Bahia S/A — Av. W-3 - Quadra 502 - Bloco C - Loja 47.

Banco do Estado de Goiás S/A — CRS - Quadra 507 - Bloco B - Lojas 5/6.

Banco do Estado da Guanabara S/A — CRS - Av. W-3 - Quadra 506 - Bloco C - Loja 33.

Banco do Estado de Minas Gerais S/A — Agência Centro: Av. W-3 - CRS - Quadra 507 - Bloco B - Loja 19 e outras agências.

Banco do Estado do Rio Grande do Sul S/A — CLS - Quadra 305 - Bloco D - Loja 31.

Banco do Estado de São Paulo S/A — Av. W-3 - CRS - Quadra 505
- Bloco C - Loja 6.

Banco Francês-Brasileiro S/A — Av. W-3 - CRS - Quadra 507 -
Bloco A - Loja 67.

Banco Halles S/A — Av. W-3 - CRS - Quadra 507 - Bloco A - Loja

3. Banco Mercantil de Minas Gerais S/A — Agência Centro: Av. W-3
- Quadra 507 - Bloco A - Loja 4, e outras agências.

Banco Mercantil de São Paulo S/A — Av. W-3 - Quadra 506 - Blo-
co B - Loja 65.

Banco Mineiro S/A — CS 6 - Edifício Carioca - Loja 234.

Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico — SBS - Edifício
BNDE.

Banco Nacional da Habitação — SCS Edifício Antonio Venâncio
da Silva — É o responsável pela parte habitacional do Governo.

Banco Nacional (antes Nacional de Minas Gerais) — CLS - Quadra
309 - Bloco D - Lojas 34 a 44, e demais agências e departamentos.

Banco do Norte do Brasil S/A — SAS - Bloco A - Edifício Minis-
tério do Interior.

Banco Real S/A (antigo da Lavoura) — SCS - Edifício Mineiro e
agências.

Banco Regional de Brasília S/A — SBS - Edifício Brasília, e várias
agências.

Banco Sul-Brasileiro S/A — Av. W-3 - CRS - Quadra 507 - Bloco A
- Lojas 29 e 31.

Bank of London e South América Ltda — SCRS - Quadra 506 -
Bloco A - Loja 21.

Banco de Minas Gerais S/A — Av. W-3 - Quadra 503 - Bloco A -
Lojas 13/14.

Caixa Econômica Federal de Brasília — SBS - Lote 28 - Edifício Se-
de e agências em toda Brasília, cidades-satélites e parlamento.

First National City Bank — CS 6 - Edifício City Bank - Bloco A - Lo-
ja 186.

A MARCHA DAS PALMEIRAS

con
Bra
veg
silê
Oes

Ma
Dia
ser

Ca
do
Al
pa
dia

ex

Para finalizar estas impressões, descritivas, narrativas e informes com que quizemos dar aos brasileiros de todo o País uma idéia do que é Brasília, não podemos deixar de invocar o testemunho das personagens vegetais que desde o século XVII assistem, com o mais eloqüente dos silêncios, a penetração dos nossos antepassados nos vastos sertões do Oeste.

São as palmeiras, que constituíram a paixão científica de Von Martius, encantaram os viajantes estrangeiros e inspiraram Gonçalves Dias para que legasse ao seu povo a canção tão simples e delicada que serve de bandeira aos nossos sentimentos nacionais.

Pelas amplitudes do Planalto Central, onde assenta hoje a gloriosa Capital do Brasil, levantam-se com seus flâbelos esvoaçantes aos ventos do passado, do presente e do futuro, consagrados por Guilherme de Almeida nos braços e na bandeira do Distrito Federal, essas companheiras das marchas bandeirantes e partícipes da história de nossos dias.

Como simbolo de todas, ninguém melhor do que Afonso Arinos exprimiu a significação das palmeiras na solidão sertaneja. É a página em

que exalta a glória do "Burití Perdido", dizendo: "Velha palmeira solitária, testemunha do drama da conquista, que de magestade e de tristura não exprimes, venerável epônimo dos campos! Tu me apareces como o poema vivo de uma raça quase extinta, como a canção dolorosa do sofrimento das tribos, como o hino glorioso de seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além. Porque ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?"

E mais adiante: "Se algum dia a civilização ganhar esta paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sóco, velho Burití Perdido. Então, talvez, uma alma amante das lendas, que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, página sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra".

- Intérprete dos sentimentos nacionais, Brasília realizou a protecção de Arinos, criando a Praça Burití, em cujo centro se ostenta, contemplando os palácios da Nova Capital, a heroíca palmeira.

Suas irmãs, entretanto, espalham-se pelos descampados. Reproduzem o Poema dos Coqueiros, escrito pelo principal personagem do romance "O Estrangeiro", quando pergunta: "Porque os coqueiros têm as pernas tão compridas? Porque o sertão quer tão altas as pernas dos caminheiros?"

Contemplo os horizontes do Planalto, por onde marcham as palmeiras e repito o poema que diz:

"O baguaçú é uma águia na ponta de uma lança. As macaúbas e macumãs, os bacurís e buritís, são rimas verdes no azul-canção-nunca-mais das distâncias, acenando e fugindo. Os indaiás flexíveis saíram como Salomés para dançar nos campos. Mas a brejaúva deve ser a palmeira de Peri - um sonho interrompido de monção. Ansia rebeirinha de pirogas dormentes, balouçantes na corrente, abandonados igarás... "A guariroba e o jerivá são irmãos do gavião-rei, o soberbo caracará, viciados no amor do céu. Sobem sem cessar. Nos derradeiros arrancos, suas palmas definham. Morrem da doença do ideal inatingível. A última palma cai com o extremo sonho. O caule, sem fronde, é um desespero decepado. Lança negra de algum misterioso Quixote, investindo contra o céu. Coluna votiva. Obelisco da Nacionalidade".

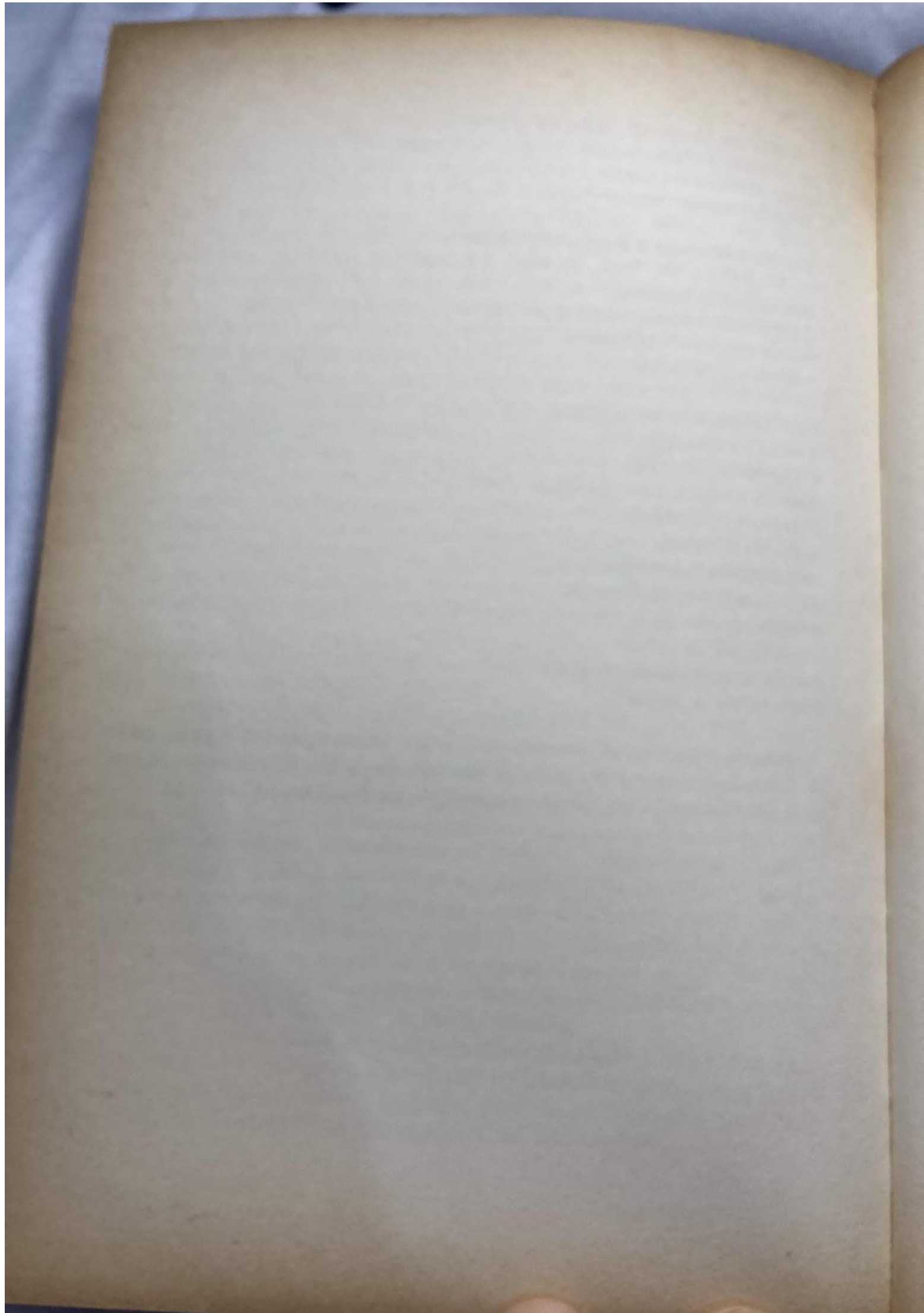
Agora vejo Brasília, emoldurada por esse poema. Vejo a marcha das palmeiras, simbolizando o sonho que construiu esta cidade. Evoco a previsão, quando exilado em Portugal, celebrei em versos o centenário da "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias, escrevendo:

— Desde os cimos da Serra do Ibiapaba,
— varzeas do Parnaíba, do Mearim, do Pindaré —
corre de taba em taba
o conclamante côro do boré.

São as palmeiras a marchar. Palmeiras
do Maranhão, do Piauí, de todo o Brasil,
desfraldando bandeiras
e repetindo os versos do seu poeta:
minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá.

Tem babaçú, tem carnaúba,
o burití, a paxiúba,
a guariroba, o inajá...
Tem tucuman, tem jucitára,
A popunha, o assai,
o javarí, o indaiá;
tem brejaúva, tem piassaba,
ubim, curú, buçú, bacaba,
caranaí, murú, jará,
a macaúba, o jerivá:
minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá".

E eis que, depois de tantos anos, por estes cerrados e ondulações
do Planalto, contemplo a marcha das palmeiras. É a tradução do espírito
da Nova Capital, cuja síntese se manifesta na Praça Burití.



TABUA DAS MATÉRIAS

1ª. PARTE

Impressões e interpretações de Brasília

	Página
O sonho dos Bandeirantes	13
Transferência da Capital	15
Arte de conhecer Brasília	21
Três motivos a favor da mudança	27
Experiência no "cerrado"	33
Conversando com as árvores	39
Cães, gatos e papagaios	45
Águas emendadas	51
Viagem de trem a Brasília	57
Viagem rodoviária	61
Mês de junho	67
Primavera no Planalto	71
Brasília é brasileira	75
Arte da tapeçaria	79
Trabalhos em porcelana	85
Olavo Bilac em Brasília	89
Pioneiros	95
A Novacap	99
Cidades-satélites	101
Como se vive em Brasília	105

IIª. PARTE

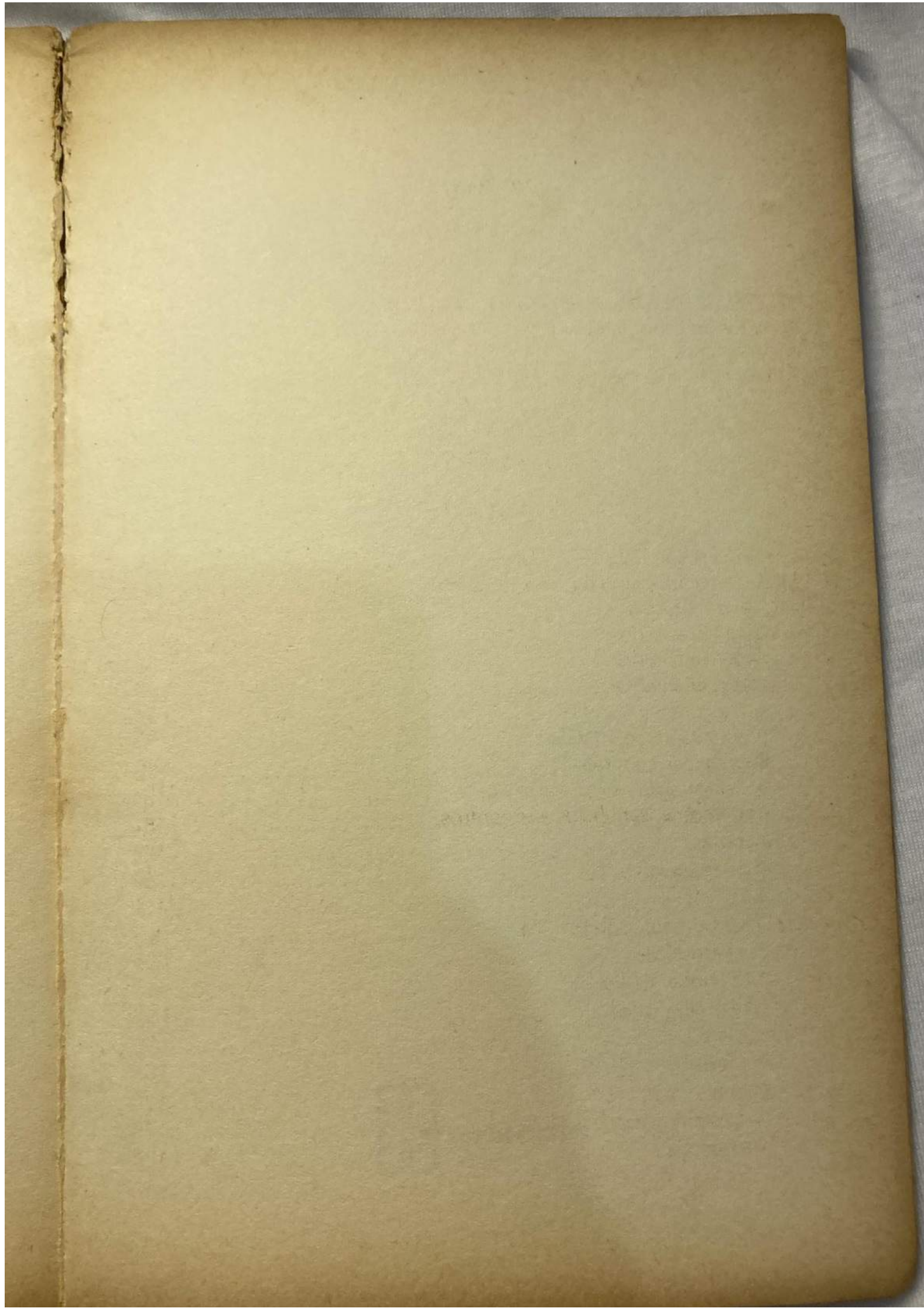
Consolidação de Brasília

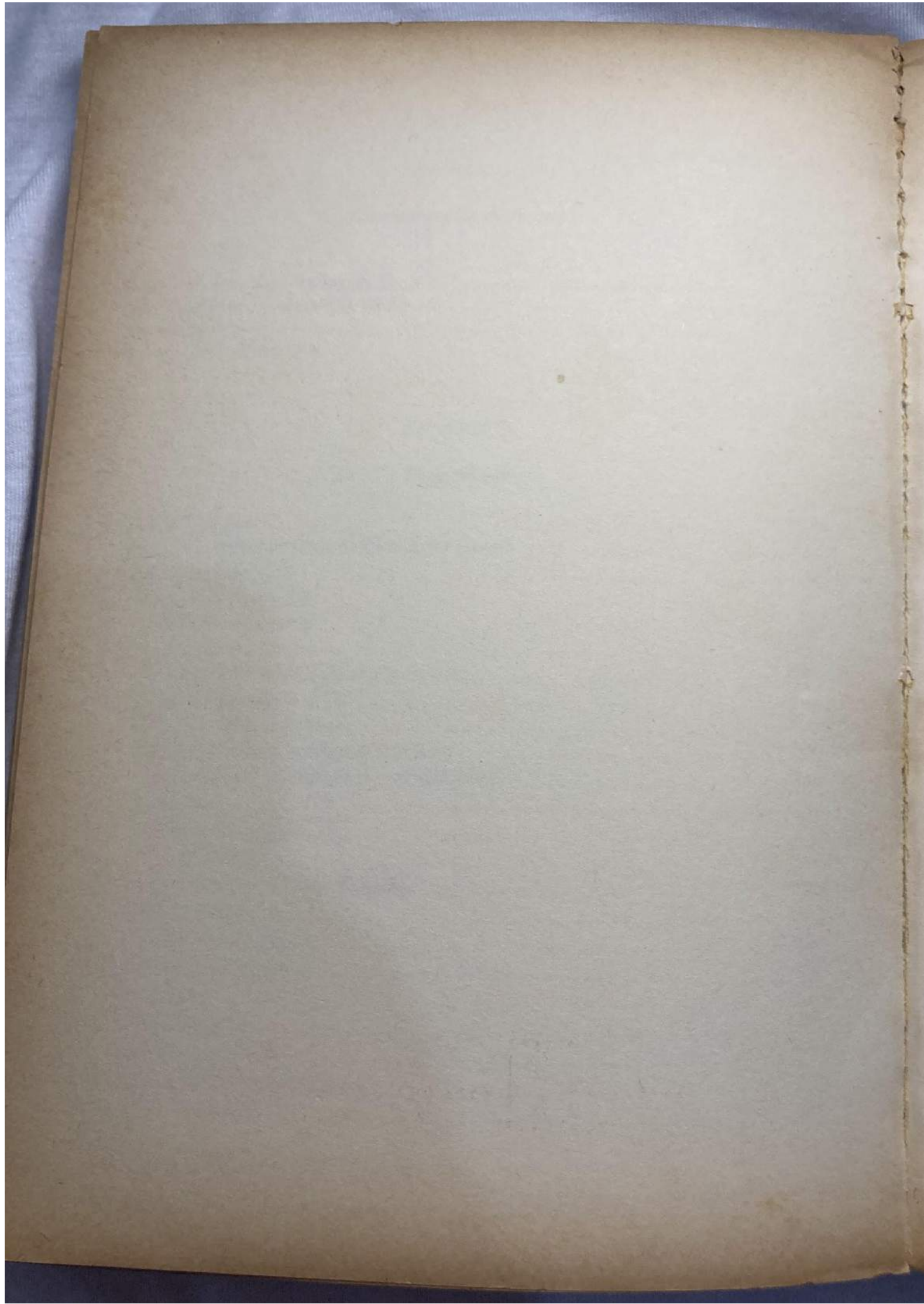
Governo de Hélio Prates da Silveira	115
Antecessores do atual Governo	)
Idéias e planos	116
Súmula de realizações	117

IIIª. PARTE

Vida social

Alma de Brasília	139
Brazão, bandeira e hino do Distrito Federal	141
Religiões em Brasília	145
Sociedade Brasiliense:	
Vida diplomática	147
Vida parlamentar	148
O Executivo e o Judiciário	149
Imprensa, rádio e TV	)
Instituições culturais	150
Artes plásticas, música e teatro	151
Congressos, simpósios e encontros	161
Livrarias	163
Classes liberais	167
Obras sociais	171
Associação Comercial de Brasília	153
Iniciativas patrióticas	157
Ensino Superior e Médio	161
Federações e sindicatos	163
Clubes sociais	165
Hotéis em Brasília	169
Movimento bancário	173
A marcha das palmeiras	179
Tabua das matérias	185





Horizonte



